

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM AMBIENTE E
SOCIEDADE

AMANDA BARBOSA DE SOUZA

**REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DEPENDÊNCIA ECONÔMICA:
AGRONEGÓCIO DE LATICÍNIOS E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE
BELA VISTA DE GOIÁS (1986-2019)**

MORRINHOS

2020

AMANDA BARBOSA DE SOUZA

**REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DEPENDÊNCIA ECONÔMICA:
AGRONEGÓCIO DE LATICÍNIOS E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE
BELA VISTA DE GOIÁS (1986-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudeste, como pré-requisito para a obtenção do título de **Mestre em Ambiente e Sociedade**.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Meira

MORRINHOS

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

BB238 Barbosa de Souza, Amanda
r REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DEPENDÊNCIA ECONÔMICA:
 AGRONEGÓCIO DE LATICÍNIOS E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS
 DE BELA VISTA DE GOIÁS (1986-2019) / Amanda Barbosa de
 Souza; orientador Júlio Cesar Meira. -- Morrinhos,
 2020.
 123 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade) -- Câmpus
Sudeste - Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de
Goiás, 2020.

1. Modernização . 2. Campo. 3. Reestruturação
Produtiva. 4. Modos de Vida . 5. Agronegócio. I. Meira,
Júlio Cesar, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por guiar meus passos e me fortalecer diante das dificuldades enfrentadas durante esse percurso. Muito obrigada por me escutar, me acalmar e não ter me deixado desistir dos meus sonhos.

Agradeço à minha mãe, Sirlene Ribeiro Barbosa, que é meu exemplo de vida. Obrigada por tudo que a senhora faz por mim e por nossa família, pela dedicação, amor incondicional e cumplicidade. E ao meu pai Zenaldo Dias de Souza que infelizmente não pode presenciar fisicamente este momento, mas que caminhou junto comigo nesse período, sempre me incentivando a seguir com meus estudos. Eu amo muito vocês!

Agradeço ao meu irmão, Nelson Ribeiro Barbosa Neto e minha prima Jessica Souza Barbosa pelo carinho, incentivo e as boas conversas que fizeram meus dias mais alegres e coloridos.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Júlio Cesar Meira, por todas as conversas, orientações, paciência e dedicação durante a construção deste trabalho. Saiba que você é um referencial como pessoa e profissional para mim. Te admiro muito!

Ao meu namorado Maxwell Rodrigues de Melo por todo apoio, companheirismo e amor durante essa jornada.

À minha amiga Rosângela Barros que me acolheu em sua casa para que eu pudesse estudar, me motivando e oferecendo seu ombro amigo, se tornando uma segunda mãe.

À minha amiga Monalisa Silva de Almeida que esteve ao meu lado me motivando e ajudando.

Ao Prof. Dr. Flávio Reis dos Santos pelas contribuições e amizade.

À Universidade Estadual de Goiás por me proporcionar momentos ímpares.

Enfim a todos que de alguma forma me ajudaram durante os dois últimos anos. Muito obrigada!

SOUZA, Amanda Barbosa de. Reestruturação Produtiva e Dependência Econômica: Os impactos do agronegócio de laticínios nos modos de vida dos pequenos produtores rurais de Bela Vista De Goiás (1986-2017). 2020. 123f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Sociedade) – Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2020.

RESUMO

As décadas de 1980 e 1990 foram de mudanças significativas na produção agropecuária, acompanhando um processo que se iniciou na produção industrial urbana e que se tornou conhecido como reestruturação produtiva. Com base na ideologia neoliberal, a reestruturação produtiva no campo significou adequar os sistemas produtivos à lógica do mercado, ingressando no que conhecemos como agronegócio, mesmo no caso dos pequenos e médios produtores rurais, frequentemente impulsionados/obrigados pelo crescente monopólio da produção e comércio dos bens produzidos por empresas e outras instituições econômicas, como as cooperativas. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa buscou compreender o papel de uma das maiores indústrias de laticínios do Brasil, a Laticínios Bela Vista, dona da marca Piracanjuba, no processo de reestruturação produtiva de sua cadeia de fornecedores, no município de Bela Vista de Goiás. Criada na década de 1980, ao mesmo tempo em que se tornava a maior indústria da cidade de Bela Vista de Goiás e das cidades vizinhas, monopolizando a produção de laticínios, tornou os produtores de leite locais dependentes de sua política de compras, que exigia crescente mecanização da produção, modernização e uniformização dos processos. Na mesma medida, buscamos compreender de que maneira os modos de vida do homem no campo também foram alterados. Metodologicamente a pesquisa optou, inicialmente, por uma revisão da literatura a respeito do tema, dos conceitos e categorias utilizados. Na pesquisa de campo, a opção foi pelo estudo de caso, utilizando como abordagem os procedimentos da História Oral, partindo de entrevistas com questionários pré-estabelecidos e indutivos, com pequenos produtores rurais inseridos na cadeia de fornecimento do Laticínios Bela Vista, para entender a forma que eles elaboram a memória, tanto da dependência quanto das mudanças vivenciadas nas últimas três décadas.

Palavras-Chave: Reestruturação Produtiva, Dependência Econômica, Agronegócio, Modos de Vida.

SOUZA, Amanda Barbosa de. Productive Restructuring and Economic Dependence: The impact of dairy agribusiness on the lifestyles of small rural producers in Bela Vista de Goiás (1986-2017). 2020. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Sociedade) – Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2020.

ABSTRACT

The 1980s and 1990s saw significant changes in agricultural production, accompanying a process that began in urban industrial production and became known as productive restructuring. Based on neoliberal ideology, the productive restructuring in the countryside meant adapting the productive systems to the logic of the market, entering what we know as agribusiness, even in the case of small and medium rural producers, often driven / compelled by the growing monopoly of production and trade in rural areas. Goods produced by companies and other economic institutions, such as cooperatives. Based on his premise, this research seeks to understand the role of one of the largest dairy industries in Brazil, Piracanjuba owner, owner of the Piracanjuba brand, in the process of productive restructuring of its supply chain, in the municipality of Bela Vista de Goiás. Founded in the 1980s, while becoming the largest industry in the city of Bela Vista de Goiás and surrounding cities, monopolizing dairy production, it made local dairy farmers dependent on their increasingly demanding purchasing policy. Mechanization of production and modernization and standardization of processes. In the same vein, we seek to understand how man's ways of life in the countryside have also changed. Methodologically, the research initially opted for a literature review on the theme, concepts and categories used. In the field research, we opted for the case study, using the Oral History procedures as an approach, starting from interviews with pre-established and inductive questionnaires, with small farmers inserted in the supply chain of the Bela Vista Dairy, to understand the way they elaborate the memory of both the dependence and the changes experienced in the last three decades.

Keywords: Productive Restructuring, Economic Dependence, Agribusiness, Lifestyle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Laticínios Bela Vista no Ano de 1955 na Cidade de Piracanjuba-GO.....	55
Figura 2 – Laticínios Bela Vista no ano de 1986.....	55
Figura 3 – Laticínios Bela Vista, Após Ampliação da Fábrica (1998).....	56
Figura 4 – Laticínios Bela Vista no Ano de 2008	58
Figura 5 – Laticínios Bela Vista em 2018	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Maiores Indústrias de Laticínios em Volume de Produção (2018)	64
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01– Transformação do Perfil da População Brasileira entre 1940 e 2010..... 21

Tabela 02–Ranking dos 13 Maiores Laticínios por Número de Produtores em 2018..... 63

Tabela 03 – Ranking dos 13 Maiores Laticínios por Litros/Produtor em 2018..... 64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBRATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
PIB	Produto Interno Bruto
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento do Cerrado
PRODECER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro
SEGPLAN	Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento
SINDILEITE	Sindicado das Indústrias de Laticínios
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL E EM GOIÁS: MECANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NO CAMPO E MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO	18
2.1 Urbanização no Brasil: Transformações na Cidade e no Campo.....	19
2.2 Reestruturação Produtiva no Campo Brasileiro.....	24
2.3 A Modernização do Campo em Goiás: A Mecanização da Produção Rural.....	26
2.4 Descrição da área estudada: O município de Bela Vista de Goiás	32
2.5 As Inovações Tecnológicas e as Mudanças nos Modos de Vida no Campo	33
3. O AGRONEGÓCIO E A PRODUÇÃO LEITEIRA EM BELA VISTA DE GOIÁS: A TRAJETÓRIA DO LATICÍNIOS BELA VISTA.....	40
3.1. O Agronegócio Brasileiro: Conceituação e Panorama	42
3.2. A Importância do Leite no Brasil: Um Negócio Promissor.....	47
3.3. A Produção de Leite em Goiás.....	51
3.4. Laticínios Bela Vista.....	53
4. “AQUI NUM TINHA ENERGIA, NUM TINHA NADA”: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DA MECANIZAÇÃO NO CAMPO.....	67
4.1 Fontes Orais e a Construção do Conhecimento.....	68
4.2 Mecanização e Mudanças na Produção Leiteira	70
4.3 Mecanização e Modernização no Campo: as Mudanças nos Modos de Vida	86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
6. REFERÊNCIAS	95
7. APÊNDICES	101
Apêndice A – Transcrição das entrevistas	101

1. INTRODUÇÃO

A urbanização no Brasil é um fenômeno do ponto de vista histórico novo e que acarretou intensas metamorfoses no território brasileiro. Apesar de a ideia do urbano ter atravessado todo o período colonial e imperial, urbanização como fenômeno de transformação das estruturas sociais e econômicas se tornou a marca do processo de mudança do perfil etário e demográfico brasileiro do século XX, articulada às transformações políticas em curso a partir da década de 1930.

Como processo em andamento, a urbanização foi a referência dos vários projetos de poder desde Getúlio Vargas, associada ao imaginário da modernização, que, presente também no governo de Juscelino Kubitschek e central nos projetos da ditadura civil-militar pós 1964, durante a qual, aliás, houve a inversão do perfil demográfico do Brasil, que se tornou, a partir da década de 1970, majoritariamente urbano, como ensina Milton Santos (1994).

Mas, a urbanização não foi apenas a transformação da população rural em urbana, representou, também, mudanças na matriz econômica brasileira, impulsionadas pela ação estatal, principalmente, desejosa de acelerar a industrialização do país e a incorporação de novos hábitos de consumo.

Entendemos que o processo de urbanização está bastante ligado à industrialização no Brasil; nesse sentido, também foi responsável por moldar a estrutura econômica vigente no país e trazer novos contornos sociais ao expandir o modo de vida urbano que, por consequência, chegou ao meio rural, transformando, os valores e as formas de sociabilidade (SANTOS, 1994, p. 27).

Tanto a urbanização quanto a industrialização foram responsáveis por desencadear alterações nas estruturas produtivas do campo, o que, conseqüentemente, alterou as relações de trabalho, trazendo para o espaço rural a reestruturação produtiva que foi a marca das transformações no sistema produtivo industrial urbano.

Essas mudanças tiveram como consequência a expulsão de trabalhadores e pequenos produtores rurais, no chamado êxodo rural, eufemisticamente chamado de “liberação de mão de obra” (RAMOS et al., 2007) excedente com a implantação das novas técnicas e manejos no campo, que impactaram nas formas de produção, nos modos e

costumes, nos valores e visões de mundo dos que permaneceram. Campo e cidade se urbanizaram, ou, antes, sofreram as consequências desse processo.

Por conta dessas reflexões, a preocupação central dessa pesquisa é compreender a forma como pequenos produtores rurais da cadeia de produção do leite vivenciaram essas transformações, tanto no manejo profissional quanto em suas vidas privadas, nos hábitos e costumes, nas relações de sociabilidade.

Partimos da premissa de que as formas de produção se transformaram com a modernização ao incrementar as máquinas no campo. Isso possibilitou também que as atividades produtivas alcançassem o mercado internacional. Estas mudanças tiveram como consequência maior custo na produção que passou exigir mais qualidade, técnica, dentre outros. E, nessa nova lógica, temos o embate já construído desde o período colonial entre o pequeno produtor e grande produtor, cada vez mais evidente.

Salientamos que essas preocupações fazem parte de nossa vivência, oriunda de uma família de pequenos proprietários rurais na cidade de Piracanjuba, dedicada à produção leiteira, um dos tipos de produção que mais sofreu transformações. Enquanto ex-moradora dessa região e estudante do curso de História da Universidade Estadual de Goiás tive acesso à historiografia do tema, bem como às metodologias para o estudo desta problemática que culminou no artigo de conclusão de curso.

Ao longo dos 17 anos em que vivi no campo com meus pais e um irmão, tive a oportunidade vivenciar muitas transformações, tanto econômicas como sociais. Vi nossa produção deixar de ser manual para se tornar mecanizada, impulsionada pela nova lógica de mercado que se instalou após a industrialização. Foram momentos difíceis, uma vez que sendo pequeno produtor, meu pai não tinha acesso a financiamentos e investimentos. Após a mecanização, vi nossa produção aumentar consideravelmente e junto, as exigências. Logo, as mudanças em nossa economia, impactaram em todos os aspectos do nosso cotidiano, incluindo transformações na rotina da fazenda, reorganização do tempo de trabalho e alterações na renda e consumo.

Se foram transformadas as formas de produção no campo e dos modos de vida, o mesmo aconteceu com o produto final, o leite, que passou a ser comercializado de forma diferente. De um tipo de insumo produzido e transformado na própria propriedade, tendo o excedente vendido nas próprias redondezas ou nas vilas e pequenas cidades da região, o leite, desde o início da década de 1980 – período em que as transformações desse tipo de

produção se intensificaram – se tornou uma *commodity*, um tipo de produto cujo preço passou a seguir as variações internacionais, compondo parte de uma cadeia produtiva profissional, controlada por agroindústrias cada vez mais monopolizadoras.

Dessa forma que o Laticínios Bela Vista se configura como o tema central de nossa pesquisa. De um pequeno início na década de 1950, na cidade de Piracanjuba, Goiás, aumentou sua produção a partir da década de 1980 ao mudar suas instalações para a cidade de Bela Vista de Goiás e, no processo de crescimento, modernizando seus processos produtivos e expandindo suas operações para outros estados do Brasil, se tornando, atualmente, uma das quatro maiores indústrias de transformação do leite no país.

Concomitante a esse crescimento, o Laticínios Bela Vista expulsou ou faliu seus concorrentes próximos, se tornando a única alternativa para milhares de pequenos, médios e grandes produtores de sua área de atuação, com as consequências que esse monopólio acarreta.

Nesse sentido, as questões que compõem nossa problemática são as seguintes:

1. De que forma os pequenos produtores rurais vivenciaram as mudanças ocorridas no campo?
2. Qual o papel do Laticínios Bela Vista nesse processo de transformação e nas mudanças dos modos de vida dos produtores rurais?
3. Qual o alcance da dependência, tanto dos produtores rurais quanto dos municípios adjacentes à indústria de laticínios, das atividades do Laticínios Bela Vista?

A problemática da pesquisa exigiu que se fizesse um breve retrospecto sobre as temáticas estudadas, sobretudo por se compreender que a reestruturação produtiva ¹no campo fez/faz parte do processo de transformação das atividades produtivas e de subsistência no campo em linha com os mercados consumidores, de orientação capitalista, compondo o que se chama de agronegócio².

¹Conceitualmente entende-se por reestruturação produtiva a nova estruturação do sistema produtivo pautado na desregulamentação, flexibilização do trabalho e nas tecnologias surgidas na Terceira Revolução Industrial, surgido a partir da crise do Fordismo/Taylorismo.

²Bernardo Fernandes (2013) ressalta que a definição de agronegócio surgiu nos Estados Unidos, pelos pesquisadores John Davis e Ray Goldberg, da Universidade de Harvard, em 1957. O agronegócio pode ser traduzido como um processo de transformação da produção agropecuária intensiva com a adoção de tecnologias, bem como biotecnologias com o objetivo de conseguir grandes níveis de produção. E adicionado a isso, os serviços financeiros, de transporte, marketing, seguros, bolsas de mercadorias, dentre outros.

Salientamos que o agronegócio é uma variante da economia que aglomera relações comerciais e industriais que compõem a chamada cadeia produtiva do campo, que já foi conhecido como agropecuária. Do ponto de vista da geração de riquezas, o agronegócio é responsável por um terço do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, ocupando cerca de vinte por cento da população economicamente ativa no país, conforme dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) divulgados no último Boletim CEPEA do Mercado de Trabalho (2019). Uma parte considerável dessas vagas de trabalho não corresponde a atividades desenvolvidas diretamente no campo ou por moradores do campo, fazendo com que a taxa de população rural realmente empregada em atividades do campo – seja na agroindústria, seja nas pequenas propriedades, ainda que não assalariados – seja inferior a quinze por cento da população economicamente ativa.

Do ponto de vista do que o processo de reestruturação produtiva representou para as atividades do campo, o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), calcula que, em 1970, cada propriedade rural, independentemente do tamanho, empregava a força de trabalho de, em média, cinco pessoas, enquanto que a projeção para 2015 apontava que a média havia caído para menos de dois por estabelecimento rural. Em contrapartida, a produtividade aumentou mais de trezentos por cento no período. A análise do DIEESE, no entanto, nos dá uma boa medida dos problemas tratados nesta pesquisa. Embora a produtividade tenha crescido muito, com tendência a aumentar ainda mais,

As transformações no processo produtivo, com a introdução de tecnologias em praticamente todas as etapas da produção, têm afetado muito a vida do trabalhador, principalmente dos assalariados rurais: exigência de maior rendimento nas tarefas geralmente pagas por produção; ganho de produtividade não transformado em remuneração; mudanças nas formas e nos ritmos das tarefas; e, entre outras, exigência de cada vez mais escolarização, sem a contrapartida de aumento salarial (DIEESE, 2014, p. 29).

A análise está se referindo aos empregos assalariados, mas dá uma boa medida, também, da concentração da renda das propriedades rurais, em que uma pequena parte, altamente mecanizada, não apenas produzia mais de um terço de toda a produção no campo como se apropriava de mais da metade da renda gerada. Estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) aponta que, em 2006, 0,43 das propriedades rurais brasileiras, ou seja, “cerca de 22 mil dos 5.175.489 existentes no Brasil, respondia por mais da metade do valor produzido” (EMBRAPA, 2018).

Como contraponto, a pesquisa mostra que quase quatro milhões de propriedades, pequenas e médias, geraram renda média mensal bruta inferior a dois salários mínimos. É importante distinguir essas discrepâncias, pois, se no caso goiano as inovações tecnológicas contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e pecuária do final do século XX em diante, como Raymar Leite Santos (1998, p. 16) defende, argumentando que “[...] as inovações tecnológicas vêm sendo destacadas como novas opções para o desenvolvimento e crescimento da agricultura, porque elas conseguiram ajudar na arrancada do processo e aumento da produtividade”, também é possível perceber que, no nível local, assim como no cenário nacional,

[...] o processo de consolidação do agronegócio além de riquezas, também gerou a concentração de renda e terra, desemprego, êxodo rural, desequilíbrios ambientais provenientes da concepção produtivista, e também da exclusão, pelo fato de se basear no capital que privilegiou mais aos produtores patronais do que aos produtores familiares (ARRUDA apud PEREIRA, 2010, p. 17).

Essa é uma das premissas que norteou nossa pesquisa. O aumento da mecanização e do emprego da tecnologia no campo estimulou o desenvolvimento da produção rural voltada para o mercado, transformando a produção rural em agronegócio, ou pelo menos, grande parte dela, principalmente a produção voltada para a exportação. Essa conceituação de agronegócio está em linha com a interpretação de Maria Luiza Mendonça (2013), que o descreveu como uma de atividade econômica que abrange relações comerciais, bem como industriais que envolvem a produção agrícola e pecuária, como por exemplo, as lavouras de bens alimentícios, a produção leiteira, entre outras. Para a autora, o uso do termo:

[...] se propagou tanto nos círculos acadêmicos, quanto nos meios políticos e de comunicação. A chamada industrialização da agricultura ocorre principalmente a partir dos anos 1950 em um contexto de superacumulação de capital em nível mundial. No Brasil, este modelo ganha força principalmente a partir dos anos 1960 e combina a grande exploração agrícola com o estímulo ao uso de insumos industriais. É o período marcado pelo caráter monopolista ou imperialista do capital que se observa o processo de industrialização da agricultura conhecida popularmente como agronegócio (MENDONÇA, 2013, p 05).

No portfólio do agronegócio, destaca-se a pecuária leiteira. Kênia Pereira (2008, p. 17) destaca que “A relevância do agronegócio de leite para a economia brasileira pode ser vista na participação dos laticínios na indústria nacional”. Do produtor rural, às transportadoras, da agroindústria ao varejo e ao consumidor, o processo da produção envolvido na cadeia produtiva do leite é grande e complexo, fazendo com que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), tenha gerado negócios da

ordem de sessenta bilhões de reais em 2015, ou cerca de oito por cento Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro daquele ano³, com o estado de Goiás se tornando um importante produtor de leite, tendo respondido, em 2008, pelo segundo lugar em volume produzido no país.

Marcos Fernando Arriel (2016) aponta que o estado de Goiás sempre teve sua atividade econômica voltada para o agronegócio, pois sua economia gira em torno da pecuária, das indústrias de transformação e exportação de alimentos, sendo o maior produtor de sorgo do país e alternando-se entre o segundo e terceiro maior rebanho de bovinos nos últimos vinte anos. Neste contexto, é um dos estados mais relevantes para a composição de parte importante da produção de riquezas derivadas da agropecuária brasileira.

Entre os anos de 2014 e 2017, o estado de Goiás esteve entre os cinco maiores produtores de leite do país, ocupando a terceira posição em termos de produção total, de acordo com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) em 2015. No *ranking* da industrialização do leite, Goiás ocupou a quarta posição nacional em 2014, caindo para a quinta posição em 2016 e retomando a quarta posição em 2017, o que mantém o Estado entre os principais produtores de forma consolidada, de acordo com o IBGE⁴, com média de produção de três bilhões de litros de leite anuais.

Ao mesmo tempo em que a produção leiteira goiana aumentava em tamanho e importância, a indústria de laticínios também se estabelecia e expandia sua capacidade de produção, como o Laticínios Bela Vista, que se tornou a segunda maior indústria em volume de leite processado e quarta maior indústria de laticínios do Brasil em valores produzidos (MILKPOINT, 2018).

A partir dessas considerações, estabelecemos que nosso recorte temporal abrange os anos de 1986 a 2017, período em que o Laticínios Bela Vista se consolidou e que,

³Revista Eletrônica Balde Branco, edição de 13 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.baldebranco.com.br/alguns-numeros-do-leite/>. Acesso em: 02 mar. 2018.

⁴Os dados referentes à produção de leite se encontram nas séries históricas da produção econômica brasileira produzidos pelo IBGE, nos documentos chamados “Indicadores IBGE – Estatística da Produção Pecuária”. Os números referentes aos anos de 2014 e 2015 estão disponíveis para acesso em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2015_4tri.pdf. Para os números referentes a 2016 e 2017, o acesso é em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2017_4tri.pdf.

também, corresponde ao momento de maiores transformações, tanto do manejo da produção leiteira quanto dos modos de vida no campo.

Como objetivo geral da pesquisa, nos dispomos a analisar o impacto que a reestruturação produtiva no campo no estabelecimento do agronegócio do leite na região de Bela Vista de Goiás, partindo da análise da relação dos pequenos produtores de leite com o Laticínios Bela Vista.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

1. Entender o processo da reestruturação produtiva no campo, a partir da experiência dos pequenos produtores rurais;
2. Compreender a relação dos produtores rurais da região ao redor da cidade de Bela Vista de Goiás com o Laticínios Bela Vista;
3. Perceber de que modo os pequenos produtores de leite pesquisados elaboram suas experiências no campo da memória sobre as transformações na produção e nos seus modos de vida.

A partir dos objetivos e sua relação com a problemática já apontada, a metodologia empregada nesta pesquisa se divide em três eixos procedimentais.

O primeiro deles demandou uma revisão bibliográfica sobre os conceitos e termos empregados, como agronegócio, reestruturação produtiva, modos de vida, entre outros. Desse ponto de vista, é conveniente informar que, além de autores das diversas áreas do conhecimento empregados, como Milton Santos (1994), Wenceslau Gonçalves Neto (1997), que contribuem para a compreensão do processo de transformação da estrutura demográfica e da produção econômica no período estudado; de Kênia Pereira (2008), com sua contribuição para a compreensão da cadeia produtiva do leite dentro do agronegócio brasileiro, é importante ressaltar a leitura e contribuição dos autores da História Social Inglesa, com suas noções de cultura, sujeito e modos de vida, fundamentais para a análise das vivências como processo de construção da memória dos produtores rurais analisados.

O segundo eixo metodológico é a pesquisa documental, em que documentos e fontes, a maioria oficiais, de instituições governamentais e privadas, possibilitam uma compreensão dos números do setor estudado, em relação ao agronegócio em geral.

O terceiro eixo metodológico é o emprego de procedimentos e técnicas oriundas da História Oral, ou seja, o uso das fontes orais, através das entrevistas com os sujeitos.

Nesse sentido, fundamentamos nossa análise nos ensinamentos e reflexões de autores como Alessandro Portelli (2010) e Paul Thompson (1992), tanto em relação ao aparato técnico da realização das entrevistas, como sobre os procedimentos de análise. Nesse sentido, nossa escolha foi por entrevistas baseadas em questionários semiestruturados, com perguntas direcionadas, permitindo aos sujeitos elaborar e falar livremente sobre suas experiências. Entendemos que a construção da memória é dinâmica e que a transformação da memória em fonte histórica se dá a partir dos questionamentos do pesquisador, parte importante do processo historiográfico no que se refere à História Oral.

Aclaramos que esta dissertação está estruturada em três capítulos.

O primeiro aborda o processo de urbanização e industrialização brasileira, bem como a modernização do campo, sobretudo em Goiás, a fim de salientar o processo de reestruturação produtiva, que foi a adequação das estruturas produtivas frente à lógica do mercado, ingressando no que conhecemos como agronegócio, mesmo no caso dos pequenos e médios produtores rurais, frequentemente impulsionados/obrigados pelo crescente monopólio da produção e comércio dos bens produzidos por empresas e outras instituições econômicas, como as cooperativas.

O segundo capítulo faz uma discussão sobre o conceito de agronegócio, bem como as fases deste no Brasil e sua influência na economia, sobretudo de Goiás, a partir da leitura de autores que discutem o tema, apresentando, também, o Laticínios Bela Vista, sua história e trajetória.

O terceiro e último capítulo propõe uma discussão sobre a História Oral e seus procedimentos, a partir dos quais nos propomos a investigar as experiências e memórias dos produtores de leite do município de Bela Vista de Goiás e região para a compreensão de como eles entendem o processo de reestruturação produtiva, para o qual a atuação da indústria de laticínios foi impositiva, além das mudanças nos modos de vida do campo.

CAPÍTULO I

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL E EM GOIÁS: MECANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NO CAMPO E MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

A organização espacial está sempre mudando. Às vezes mais rapidamente, às vezes mais lentamente. E não está apenas mudando: está também sendo constantemente desafiada, em diferentes escalas. Para cada ordem espacial aparecerá mais cedo ou mais tarde, ao menos em uma sociedade injusta e heterônoma, um contraprojeto (ou vários contraprojetos concorrentes) que proporá, ou pressuporá, explícita ou implicitamente, novas estruturas socioespaciais, para agasalhar novas relações sociais.

Marcelo Lopes de Souza (2013).

A cidade e o campo passaram por mudanças intensas ao longo das últimas cinco décadas, pelo avanço da urbanização e pela transformação dos modos de produção econômica, motivada pela universalização da eletrificação e pela mecanização cada vez maior nos sistemas produtivos. No caso do campo, esse processo foi mais intenso a partir do final da década de 1980, principalmente nos interiores do país, como descreve Marcos Arriel (2010), mas como parte do mesmo processo – agora tardio e repetido – a Marcha para o Oeste do Estado Novo (MEIRA, 2019).

É sintomático que o que alguns nomeiam de processo de modernização da produção, com um olhar positivo para suas causas e resultados, outros, como Kelli Mafort (2018) e Flávio Reis dos Santos (2012) veem nisso a intensificação da chamada reestruturação produtiva, uma forma de adaptação do capital na perspectiva neoliberal, como resposta a mais uma das crises cíclicas do capital, mas sempre alterando as relações de trabalho e os modos de vida dos trabalhadores, a parte mais frágil na relação.

Significativamente, a reestruturação produtiva foi sinônimo de precarização cada vez maior do trabalho, diminuição da concorrência, com ampliação dos monopólios econômicos e cadeias produtivas de larga escala para atender mercados consumidores cada vez maiores. Ao mesmo tempo, o processo de mecanização da produção rural causou êxodo rural, pela diminuição das possibilidades de trabalho e ditou uma nova forma de se produzir. Fundamentalmente, ampliou o poder de decisão nas mãos de grupos empresariais, sindicatos patronais e cooperativas dominadas pelos grandes produtores. A produção rural se modificava com a profissionalização dos *players*⁵ do campo, agora transformados em *agribusinessmen* – os gestores das corporações do agronegócio.

É essa a perspectiva que norteará a produção deste capítulo, que busca entender o processo de modernização do campo no Brasil e, principalmente, em Goiás, bem como os elementos condicionantes para tal processo, a fim de compreender as mudanças econômicas e sociais.

1.1. Urbanização no Brasil: Transformações na Cidade e no Campo

Durante muito tempo o nosso país foi considerado essencialmente agrícola, haja vista que a economia do Brasil sempre teve sua base sustentada pelas atividades agropecuárias, sobretudo, com a exportação de produtos agrícolas, como por exemplo, o café.

Não dá para negar que nossa história é de uma sociedade de pastores e lavradores construída no campo, como entende Milton Santos (1994). Entretanto, para um país que buscava se modernizar era preciso se moldar pelo processo de urbanização, uma vez que as áreas urbanas remetem ao ápice da modernidade, traduzida por novas formas de lazer, trabalho, habitação, entre outros. O processo de urbanização brasileira se consolida com a implementação de indústrias a partir de 1930 e cria condições para a intensificação do êxodo rural. Além da industrialização, também esteve associado a esse deslocamento

⁵ Os termos *players* e *agribusinessmen* não tem um equivalente direto em português. O emprego, neste trabalho, se dá no sentido de entender que a produção rural, da mesma forma que as atividades produtivas nos ambientes urbanos, foi transformada pela lógica capitalista, criando os conglomerados agroindustriais, voltados para a produção de commodities para a exportação, ampliando e reproduzindo os capitais investidos. Nessa perspectiva, os *players* são as grandes empresas e/ou empresários que dominam o setor, influenciando as práticas e políticas institucionais e organizando, para seus interesses, a cadeia produtiva de seu tipo de negócio. Quando esses *players* podem ser identificados individualmente, podemos chamá-los de empresários do agronegócio, *agribusinessmen*, numa tradução aproximada.

campo-cidade, dois outros fatores, como a concentração fundiária e a mecanização do campo.

Pode-se dizer que o processo de urbanização de uma sociedade é entendido como a mudança do rural para o urbano, em outras palavras, é a superioridade em relação a número de habitantes, dos moradores da cidade sobre os do campo. Dessa forma, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando há um crescimento da população urbana maior que a do campo, existe um processo de urbanização.

Outro sentido dado à urbanização está relacionado aos sistemas de infraestruturas no meio urbano. Um exemplo prático que esboça tal questão são as favelas. As favelas nascem como áreas irregulares, desprovidas de várias estruturas como, asfalto, esgoto, entre outros. Quando esta recebe por parte dos municípios tais estruturas, pode-se dizer que ela foi urbanizada. Posto isso, essa definição de urbanização consiste em oferecer para determinados espaço os elementos mínimos das áreas urbanas.

Na perspectiva de Nestor Goulart Reis (1968), Milton Santos (1994) explica que o processo de urbanização em território brasileiro encontra sua explicação no período colonial, mais precisamente na organização social da colônia se baseando em aspectos como a política, a economia rural, a administração, bem como a sociedade construída em tal período. Dessa forma, a urbanização brasileira foi um processo iniciado no final desse período e possui três principais etapas de organização do território, periodizados entre 1530 a 1720.

Santos (1994) em diálogo com Reis (1968) ressalta que a primeira fase é compreendida entre os anos de 1530 e 1570 e possui como marco a fundação do Rio de Janeiro e a de Filipéia da Paraíba. Já a segunda fase está caracterizada pelo surgimento de uma urbanização na Costa do Norte. E, o terceiro e último momento estudado por Reis, compreendido entre 1560 e 1720, que foram os anos de surgimento de trinta e cinco vilas, onde duas dessas se tornaram cidades: Olinda e São Paulo. Posteriormente a esses três momentos, há uma rede urbana construída por sessenta e três vilas e oito cidades.

Entretanto, Santos (1994) aponta que foi somente a partir do século XVIII que a urbanização ganhou força e a cidade se tornou a residência do grande fazendeiro ou do senhor de engenho. Já no século XIX esse processo atinge sua maturidade ao conhecer a primeira aceleração do fenômeno: são 5,9 % de urbanos em 1872, mas em 1900 somam 9,4% impulsionada por uma série de fatores que serão tratados logo abaixo.

De acordo com Santos (1994) o percentual de urbanização do Brasil, desde o fim do período colonial até final do século XIX teve pouca alteração. Em passos curtos conseguiu alcançar quatro pontos percentuais entre os anos de 1890 e 1920. Porém entre 1920 e 1940 esse número triplicou embalado pelo processo industrial e acarretou um célere desenvolvimento das cidades, tanto em sua forma, quanto em números de habitantes de forma rápida e desorganizada.

Os primeiros passos dados para tornar o país industrial aconteceram em 1930, com Getúlio Vargas e seu projeto modernizador, mas somente nos anos de 1940 e 1950 que a economia brasileira se adequou às novas dinâmicas urbanas. A industrialização se consolida ao sair do nível regional ao nacional. E, aliado a isso, o processo de urbanização se torna cada vez mais natural ocasionando o crescimento demográfico, visto, sobretudo nas cidades médias e maiores como, por exemplo, as capitais de estados onde estavam concentradas as grandes indústrias (SANTOS, 1994).

É possível observar que, já em 1940, como mostra a Tabela 1, houve um pequeno crescimento em relação a população das cidades, especialmente na região sul. Nesse período cerca de aproximadamente 31% da população brasileira residia nas cidades. E a partir da década de 1950, a urbanização se energizou, propiciada pela industrialização promovida por Vargas e Kubitschek. Com a instalação do projeto modernizador, a região sudeste do Brasil acabou recebendo milhares de pessoas atraídas pelas oportunidades e possibilidades que oferecia, uma vez que o sudeste do país dispunha de uma grande infraestrutura, concentrando um número expressivo de indústrias.

Tabela 1: Transformação do Perfil da População Brasileira entre 1940 e 2010.

Ano	População Total	População Urbana	População Rural	Urbanização (%)
1940	41.236.315	12.880.182	28.356.133	31,24
1950	51.944.397	18.782.891	33.161.506	36,16
1960	70.070.457	31.303.034	38.767.423	44,67
1970	93.139.037	52.084.984	41.054.053	55,92
1980	119.002.706	80.436.409	38.566.297	67,59
1990	146.825.475	110.990.990	35.834.485	75,59
2000	169.799.170	137.953.959	31.845.211	81,25

2010	190.755.799	160.925.792	29.830.007	84,36
------	-------------	-------------	------------	-------

Fonte:Elaborado a partir de dados de Stammel al (2013, p. 254).

A Tabela 1 nos permite perceber que foi entre as décadas de 1960 e 1970 que o perfil da população brasileira mudou, de majoritariamente rural para urbano, ou seja, quando mais da metade dos brasileiros passaram a residir nas cidades. De acordo com Santos (1994) a partir da década de 1980o lugar de residência da sociedade brasileira se tornou definitivamente as cidades com cerca de quase 70% das pessoas vivendo nelas.

Ao mesmo tempo em que percebemos a movimentação da população, também registramos o crescimento absoluto da população total do Brasil, que triplicou entre 1940 a 1980. Milton Santos (1994) observa que, para efeitos de comparação, no mesmo período a população urbana cresceu quase sete vezes, evidenciando que a maior parte do crescimento total da população se deu nas áreas urbanizadas, correspondendo a um acréscimo de mais de 50 milhões de habitantes entre 1960 e 1980.

É nesse processo que a Tabela 1 nos mostra que o Brasil chega em 2010 com menos de um terço da população vivendo no campo. E essa estimativa tem crescido cada vez mais, uma vez que, nos dias atuais o país encontra-se inserido no grupo dos países mais urbanizados do mundo, com mais de 80% dos habitantes morando em cidades. Pesquisas estimam que aproximadamente dois terços da população mundial deverão morar nas áreas urbanas até 2050.

Em um contexto mais amplo, o processo de urbanização das sociedades ocorre por meio do êxodo rural. Essa migração da população do campo para a cidade está comumente ligada a processo industrial e à mecanização do espaço rural, onde o trabalhador do campo é gradativamente substituído pelas máquinas no meio produtivo, uma vez que, uma atividade que antes demandaria dez pessoas, uma máquina faz passou a realizar.

Nesse contexto podemos perceber que as últimas décadas da história do Brasil foram marcadas por diversas modificações na sociedade em geral, possibilitadas, sobretudo pelo desenvolvimento de sua composição econômica. Essa transformação estrutural econômica do país e, sobretudo, na relação entre campo/cidade trouxe alterações tanto nos processos produtivos, como na intensificação da inserção de inovações tecnológicas no meio urbano e rural, dando luz a seu projeto industrial modernizante e acarretando várias

mudanças na vida da sociedade brasileira, diversificando o campo cultural, social e econômico. Dessa forma, a cidade e o campo, em território brasileiro, nascem no movimento de ampliação da modernidade e do moderno.

Assim, os últimos 40 anos do Brasil foram de transformação do ambiente rural, tanto nas atividades produtivas quanto nos modos de vida de seus habitantes, pela chegada das condições de mecanização na lógica capitalista, possibilitando que observemos na paisagem rural, a existência (conflituosa) tanto da pequena produção rural, da pequena propriedade e de atuação principalmente familiar, quanto da produção em larga escala da grande corporação agropecuária, majoritariamente monocultora e exportadora.

Com o processo de desenvolvimento industrial das cidades, o campo também se tendeu a desenvolver procurando atender as novas lógicas de produção impostas pelo sistema capitalista, tendo por consequência a diminuição da discrepância entre campo-cidade e afastando a ideia de atraso atribuída ao meio rural por anos. De acordo com Júlio César Suzuki (2007) no Brasil o campo e a cidade passaram por grande transformação, pois houve uma significativa mudança em seus conteúdos, bem como nas suas formas, que possibilitou o estabelecimento de conexões e de influência de um sobre a outra, ou vice-versa.

Milton Santos (1994) observa que o processo de urbanização brasileiro consolidou seu caráter seletivo, tanto territorial como social. E na medida em que a urbanização avançou no país, bens e costumes tidos como urbanos passaram a ser encontrados, também, nas residências dos trabalhadores do campo, redefinindo a própria distinção entre esses espaços:

Mais que a separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural, há, hoje no país uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas). No primeiro os nexos essenciais devem-se sobretudo as atividades de relação complexas e no segundo a atividades mais diretamente produtivas (SANTOS, 1994, p. 09).

Segundo Jodenir Calixto Teixeira (2005) o processo de industrialização dos centros urbanos, forçou mudanças nas estruturas produtivas do campo, pois na medida em que houve um crescimento populacional das cidades, consequência das novas oportunidades de emprego e melhores condições de vida que esse meio demonstrava, também houve exigência das cidades para o aumento da produção de alimentos e dos complexos industriais para a maior produção de matérias-primas.

Nesse contexto, só era possível atender essas novas demandas com implementação de novos métodos e maquinários. A sociedade passava por um momento de transformação social e o campo não saiu isento desse processo. Pode-se dizer que o meio rural foi um dos principais espaços modificados pela urbanização e industrialização do Brasil, configurando-se em novos sistemas econômicos e, sobretudo sociais.

1.2. Reestruturação Produtiva no Campo Brasileiro

Conceitualmente entende-se por reestruturação produtiva a nova estruturação do sistema produtivo pautado na desregulamentação, flexibilização do trabalho e nas tecnologias surgidas na Terceira Revolução Industrial, com a crise do Fordismo/Taylorismo. Assim, esse processo planejou-se a partir das transformações econômicas e industriais do século XX, que remodelaram o perfil da sociedade brasileira que era fundamentado na indústria pela intensa produtividade e o comércio pela máxima reestruturação, sendo substituído pelo modelo neoliberal, que prega a produção de acordo com a demanda, sempre superior à oferta.

Produto do sistema capitalista e do modelo Neoliberal, a Reestruturação Produtiva agropecuária no Brasil reforçou a divisão social e territorial do trabalho por meio dos avanços possibilitados pelas inovações tecnológicas, que permitiram uma maior eficácia no processo produtivo. Como consequência houve uma remodelação do território e da organização de um novo sistema urbano. Nesse sentido, a reestruturação produtiva estabeleceu novas relações entre a cidade e o campo e foi essencial para o desenvolvimento da urbanização, bem como para as transformações sociais no campo nos últimos anos.

Para compreender o processo de reestruturação produtiva é necessário refletir sobre as modificações no meio rural, surgidas a partir da intensificação da inserção do capital nas atividades agropecuárias. Segundo Denise Elias (2005) o lucro exigido pelo sistema capitalista, corroborou para o surgimento de meios de produção mais rentáveis e eficazes na tentativa de adequar a agropecuária a tecnologia. O campo foi se tornando aos poucos um produto do capitalismo.

Ressalta-se que o processo de modernização do campo condicionou a difusão da agricultura científica e do agronegócio, bem como a expansão do meio técnico-científico-informacional no meio rural, o aproximando cada vez mais das cidades, enquanto espaço social e econômico. Esse novo campo se associa às demandas dos sistemas agroindustriais,

que por sua vez se tornam elementos superiores e monopolizadores da agropecuária moderna. Esse novo cenário econômico do Brasil no século XX condicionou a reorganização produtiva do território, chamada de reestruturação produtiva da agropecuária. (ELIAS, 2005).

Na reflexão de Elias (2005) a reestruturação produtiva encontrou seu ápice a partir da década de 1970 privilegiando certos segmentos da agropecuária moderna. Tal situação desencadeou problemas de cunho social, bem como territorial que reforçaram a questão latifundiária no Brasil, existentes desde o período colonial. Além disso, também transformou as relações sociais nos sistemas produtivos, na divisão do espaço agrícola e na urbanização do campo. Em outras palavras, essa reorganização da produção evidenciou ainda mais no campo os problemas já enfrentados pelos produtores rurais.

Antes da reestruturação produtiva da agropecuária brasileira, o consumo do campo era, sobretudo, um consumo consumptivo que criava demandas heterogêneas, segundo os subespaços, dependendo da importância das suas rendas e salários. Mas, hoje, nas áreas que participam de forma mais complexa do processo de modernização agrícola, o consumo produtivo do campo tem o poder de adaptar as cidades próximas as suas principais demandas, convertendo-as no laboratório, no lugar da gestão da produção agropecuária moderna, uma vez que fornecem a grande maioria dos aportes técnicos, financeiros, de mão-de-obra e de todos os demais produtos e serviços necessários à sua realização (ELIAS, 2005, p. 481)

Segundo Ideni Teresina Antonello (2009) na medida em que a nova lógica de produção baseada no mercado internacional adentra no campo, este assemelha os ritmos de produção aos da cidade ao introduzir a aceleração da produtividade humana, do trabalho mecânico, da concorrência, que é modelo já instaurado com a industrialização. O que se tem por consequência a expulsão de muitos produtores que não conseguiram adequar-se ao novo modelo econômico e a transformação do trabalhador agrícola em trabalhador genérico.

Antonello (2009) também ressalta que no processo social da produção, o campo é transformado em um negócio, imposta pela indústria que atende os anseios de uma sociedade consumista, criando uma cadeia padronizada e formando os complexos agroindustriais. Esses complexos monopolizam a produção agrícola, bem como todo o processo de trabalho no espaço rural deixando as atividades e o produtor dependentes. E assim na medida em que o complexo agroindustrial reordena o campo, este se molda cada vez mais pela dinâmica do capitalismo, substituindo o trabalho humano por máquinas,

anulando a autonomia e capacidade de decisão do produtor. Em meio a isso promove o êxodo rural e a reforça a desigualdade no campo e cidade.

E em meio a esse processo de reestruturação da produção e ascensão dos complexos agroindustriais, os pequenos produtores foram os que mais sofreram impactos, uma vez que foram inseridos nessa lógica sem ao menos dispor das condições para manter-se tornando-se reféns das imposições das indústrias. Nesse sentido, o autor Delgado ressalta que:

Os exemplos mais notórios são os dos pequenos produtores, fornecedores da grande agroindústria nos ramos da pecuária, avicultura, fumicultura, viticultura, suinocultura, fruticultura, etc., vinculados por distintas formas de relação comercial a grandes indústrias, com ou sem contratos específicos de assistência técnica e fornecimento de matérias primas e bens intermediários para essas indústrias. (DELGADO, 1985, p. 181)

Dessa forma, Guimarães (1979, apud BALSAN, 2006) salienta que as agroindústrias são peças fundamentais do capitalismo na agropecuária moderna, pois ditam o que produzir, quanto produzir e como produzir, obrigando o campo a se tornar cada vez mais tecnológico o que leva a concentração agrária.

De acordo com Sergiano Araújo e Denise Elias (2005) o processo de reestruturação produtiva no campo significou intensas transformações sociais, pois priorizou territórios, culturas, grupos sociais, bem como áreas mais favoráveis ao capital, favorecendo oligarquias e deixando de lado outras áreas do Brasil. E segundo Antonello (2009) esse processo se desenvolveu financiado por investimentos públicos, que não reestruturou a maioria dos pequenos produtores ao novo modelo de produção.

É inegável que o uso capital no agro brasileiro aconteceu de forma seletiva, a partir de disparidades da modernização do campo. Na medida em que essa modernização incitava o crescimento da produção, reforçava as contradições existentes no modelo capitalista. Mesmo dando qualidade de vida em relação à realização das atividades diárias serviu para legitimar problemas já existentes em nossa sociedade, em que apenas a minoria, com capital para investir e detentora dos privilégios consegue se sobressair na nova lógica de produção. (ANTONELLO, 2009).

1.3. A Modernização do Campo em Goiás: A Mecanização da Produção Rural

A economia do estado de Goiás está fundamentada na agricultura e pecuária, em

sua grande maioria, sendo a atividade da agropecuária a mais explorada no estado e responsável pelo célere processo de agro-industrialização que o estado experimentou.

A atuação das atividades agropecuárias em Goiás se deu por conta de suas terras férteis, água abundante, clima adequado e o domínio na tecnologia de produção, permitindo-o que ser um dos grandes exportadores de grãos, além de possuir um dos maiores rebanhos do país. Nessa perspectiva, João Lemes de Paula (2011), aponta que no século XIX a agropecuária se tornou uma atividade ainda mais importante para o estado, haja vista que, a produção aurífera encontrava-se em estágio terminal, que trouxe por consequência o abandono das terras por parte dos portugueses, pois não havia mais o que explorar:

Essa etapa foi a mais longa e sofrida na história econômica do estado de Goiás. Não havia nenhum interesse dos portugueses nessa região. Toda riqueza objetivada naquele momento havia se esgotado. Para reativar a produção econômica em Goiás, havia necessidade de grandes investimentos em infraestrutura, principalmente estradas de rodagem e pontes sobre os rios, o que desestimulava a metrópole. Depois de ter sido completamente abandonada pelos governantes portugueses, a estrutura produtiva e econômica do estado passou a ser remontada com base na agropecuária convencional de subsistência. Esse processo de remontagem se deu em duas grandes etapas: no primeiro momento, de 1822 a 1890, a pecuária se desenvolveu de forma bem mais acelerada; na segunda etapa, de 1890 até o encerramento da primeira metade do século XX, a economia goiana ganhou o reforço da agricultura, que até então não possuía forças suficientes para cruzar fronteiras (PAULA, 2011, p. 10).

Como a principal atividade econômica do estado havia acabado, era necessário estabelecer novas bases econômicas, a fim de seu desenvolvimento. E foi a partir desse momento da história de Goiás, que as atividades relacionadas à agricultura e pecuária ganharam força, motivadas por uma série de fatores, dentre eles a mudança da capital. Esses fatores “impuseram” ao estado o desenvolvimento dessa nova estrutura econômica, que não foi tão difícil devido a suas condições geográficas e climáticas que favoreciam essas atividades (PAULA, 2011).

Durante a fase da agropecuária tradicional, nos anos finais da segunda Guerra Mundial, o estado de Goiás, deu seus primeiros passos em direção a consolidação da agropecuária. O seu destaque se deu com a produção de alimentos, especialmente com o setor pecuário, por meio das exportações.

Porém, essa consolidação só teve êxito na década de 1960, fomentado por investimentos oriundos do governo federal, que buscavam uma modernização e restauração das atividades agropecuárias, na interpretação de Paula (2011). Nesse período,

havia esforços do governo para fortalecer a industrialização em todo o país, e o centro-oeste fora um dos lugares que mais receberam investimentos para a modernização dos processos produtivos no campo.

Na análise de Raymar Leite Santos (1998) o projeto modernizador do estado de Goiás, aconteceu de forma gradual e lenta, com suas primeiras impressões na década de 1960. Nessa ocasião ocorreu uma intensificação do uso de máquinas e insumos agrícolas que foi beneficiada com o ingresso das indústrias de tratores, visando manter taxas de lucros altamente compensatórias. Nesse período é possível perceber pequenos avanços em algumas propriedades rurais do estado que começam a contar com auxílio de máquinas na produção, havendo a ruptura de algumas técnicas rudimentares de produção, como por exemplo, com a inserção do trator.

A participação do Estado nos investimentos modernizantes no setor agrícola acompanhava a perspectiva desenvolvimentista, pois:

[...]as políticas governamentais voltadas para o crescimento agrícola do Planalto Central, principalmente nas áreas de cerrado, tinham como objetivo a produção *de commodities* para exportação, a fim de equilibrar a balança comercial brasileira e paralelamente atender a dinâmica e as necessidades de mobilidade do capital nacional associado ao capital transnacional. A infraestrutura necessária aos novos investimentos avoluma-se com os projetos de 'integração nacional', com destaque para a construção de Brasília e a construção das rodovias nos anos 50 e 60 que direcionaram a mobilidade do capital e do trabalho no território brasileiro, alterando profundamente os 'espaços geográficos' na sua forma e no seu conteúdo (MENDONÇA; RIBEIRO E THOMAZ JÚNIOR, 2002, S/P).

Com os grandes avanços da tecnologia no campo, impactando todo o sistema rural, a produção venceu várias imposições do mercado, porém, as inovações tecnológicas encontravam dificuldades para se firmar em países que estavam em processo de desenvolvimento econômico, como era o caso do Brasil. Dessa forma, a discrepância entre países desenvolvidos e em desenvolvimento intensificou-se pós Segunda Guerra Mundial, principalmente em relação à produção na agricultura (MENDONÇA; RIBEIRO E THOMAZ JÚNIOR, 2002).

Santos (1998) nos explica que no final da década de 1960 o Estado de Goiás apresentava um expressivo avanço no que diz respeito a técnicas e maquinário, havendo assim uma remessa de investimentos no meio rural, imposta também pelos complexos agroindustriais. Esse anseio das agroindústrias em levar tecnologia ao campo ressalta o novo perfil que estava se estabelecendo na produção rural, totalmente capitalista. Os

complexos precisavam ser firmar economicamente, e para isso era necessário que o campo se modificasse também:

Com isso, houve uma transferência de investimentos para o campo. “A tecnologia imposta ao campo pelo complexo agroindustrial é, portanto, uma resultante da produção de redução do tempo de trabalho e do tempo de produção, que constitui o caminho para a extração de excedentes. Mas é também uma decorrência da luta entre capital e trabalho no centro do sistema capitalista, que motiva a geração de máquinas e equipamentos, visando aumentar a produtividade e reduzir a massa global de salário”.¹⁰ A única dúvida na afirmação é quanto à imposição ao campo pelo complexo agroindustrial, a maior motivação da montagem de uma estrutura capitalista, também no campo, é a visão do lucro a se obter. (SANTOS, 1998, p. 20)

Santos (1998) também destaca que, a partir da década de 1970 houve uma mudança na estrutura agrária de Goiás, principalmente onde a modernização do campo se torna fundamental no processo produtivo visando sempre o aumento econômico do estado. Além disso, a pesquisa científica passa a fazer parte dos esforços de desenvolvimento da agropecuária:

Com a introdução das inovações tecnológicas na agricultura brasileira, tivemos, a partir dos anos 70, uma mudança no perfil de nossa estrutura agrária onde a modernização vem se constituindo no principal argumento de uma completa evolução que vem ocorrendo dentro dos padrões até então estabelecidos para o processo de crescimento de nossa economia. A pesquisa agropecuária conseguiu neste espaço de tempo, se firmar como um instrumental de grande eficácia ao desenvolvimento da agricultura nos termos modernos estabelecidos em outras sociedades agrárias. Nossa agricultura ainda não conseguiu obter os ganhos de produtividade e um padrão de modernização se comparados com os países considerados desenvolvidos, onde a prática de se aliar às inovações tecnológicas, através da pesquisa agropecuária, já data de um período mais longo em relação ao que ocorreu na agropecuária brasileira (SANTOS, 1998, p.15).

Na interpretação do mesmo autor, as inovações tecnológicas que foram surgindo no dia-a-dia do homem do campo foram extremamente importantes para o desenvolvimento da agricultura e pecuária no estado de Goiás. A partir do uso destas, foram se abandonando as técnicas simples de produção por métodos modernos, que além de aumentar a produção, facilitou a vida do goiano do campo. Assim, as décadas finais do século XX são marcadas pelo desenvolvimento das inovações tecnológicas que se tornaram opções para o crescimento da agricultura, haja vista que conseguiram auxiliar na arrancada do processo e aumento da produção em Goiás.

Nesse mesmo período Goiás passa a ser destino de recursos de programas federais destinados à pesquisa e modernização das atividades agropecuárias. Dessa forma, o estado recebeu os benefícios de diversos programas governamentais que auxiliaram na

implantação de uma agricultura moderna. Dentre os diversos programas de incentivo a modernização da agropecuária em Goiás pode-se destacar o “Goiás Rural”, que possibilitou a abertura de novas terras e a compra de máquinas e equipamentos com o objetivo de atender as necessidades dos produtores rurais da época:

Uma contribuição para a agricultura em Goiás foi dada na década de 70, quando o governo estadual instituiu um programa, “O Goiás-Rural”, que deveria atender, principalmente, os agricultores na expansão das áreas agricultáveis. Foi um programa que subsidiou os agricultores na abertura de novas terras. O Governo do Estado conseguiu com os inúmeros créditos criar o programa e adquirir uma quantidade de máquinas e equipamentos visando atender o produtor rural de Goiás. O número de tratores na agricultura em Goiás cresceu na década de 70, passando de 5.600, para um total de 5.962 tratores. Já, em 1985, a nossa agricultura contava com um total de 33.500 tratores (SANTOS, 1998, p.32).

Outro programa muito utilizado em Goiás com o intuito de aumentar o uso por máquinas e insumos tanto pelos empresários, como pelos proprietários rurais da época foi o Crédito rural. Por meio deste programa as indústrias obtiveram bons resultados com subsídios ao campo, uma vez que ao ter investimentos nas atividades produtivas há o aumento destas. Assim, como aponta Luís Antônio Estevam (1997), o crédito proporcionou disposição crescente, apresentando dados expressivos, como aproximadamente 7,0% entre os anos de 1970 a 1995, de valor em relação ao total concedido aos demais estados do Brasil.

Nesse sentido, entende-se que o financiamento rural foi crucial e indispensável para se pensar a modernização do campo, haja vista que, a mecanização e a aquisição de insumos diversificou e aumentou o processo produtivo.

Goiás também recebeu o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro (PRODECER) para o desenvolvimento do Cerrado. Segundo Maria Erlan Inocêncio (2006) essas linhas de créditos tinham como objetivo principal despertar o interesse dos grandes proprietários e produtores rurais pelo Cerrado, sendo o estado ferramenta indispensável para o financiamento das infraestruturas que possibilitaram a aquisição de métodos e meios tecnológicos, incrementando técnicas, com a função de agregar o bioma à nova dinâmica de acumulação de capitais.

A atuação desses programas de incentivo as atividades agrícolas de Goiás, bem como a adoção das novas tecnologias foram essenciais para que Goiás, na visão de Santos (1998, p. 36) “estabelecesse uma produção com excedentes para atender a demanda local

de produtos primários, demanda a nível nacional e internacional”, que, em seguida, explica que:

A intensidade de investimentos pode ser observada por meio do aumento acelerado do número de tratores na região. Esta variável é significativa porque a máquina viabiliza a utilização de implementos, tais como, arados, semeadeiras, pulverizadores, etc., além do aumento da área irrigada que possibilita a utilização com maior intensidade de equipamentos de irrigação e drenagem. Nas atividades pecuárias, estes investimentos podem ocasionar aumentos no número de cabeças de gado e demais despesas inerentes ao processo de produção, tais como medicamentos e alimentação para os animais (SANTOS, 1998, p. 36).

De acordo com Mendonça, Ribeiro e Thomaz Júnior (2002) a década de 1970 foi marcada pela abertura da fronteira agrícola com o ingresso do cultivo do arroz e posteriormente de soja em Goiás. Na pecuária começa-se o plantio de pastagens com o cultivo de forrageiras desenvolvendo a produção e a produtividade do rebanho por hectare. Assim, há nesse momento a partir da introdução da agricultura agroexportadora:

[...] um processo de alteração no uso e na ocupação dos solos no Centro-Oeste, com a implementação das formas técnicas modernas no cultivo de grãos e na criação de gado, apontado anteriormente como modernização conservadora. As tradicionais áreas de cerrado, como os extensos chapadões com topografia plana até então pouco utilizados passam a ser intensamente aproveitados, mediante a disponibilidade de capitais (programas governamentais), de recursos técnicos (máquinas), de tecnologia (desenvolvimento de pesquisas científicas) e do apoio na construção de infra-estrutura pelo Estado brasileiro, como forma de viabilizar os interesses do capital privado nacional e transnacional (MENDONÇA; RIBEIRO; THOMAZ JÚNIOR, 2002, S/P).

Assim, segundo Santos (1998) com o aumento constante da produção e diversificação das culturas, o estado de Goiás proporcionou chances para a instalação de agroindústrias ligadas à industrialização da carne, laticínios, óleos brutos e refinados.

Essas indústrias se instalaram em diversos lugares de Goiás, o que contribui mais ainda para o aumento da produção, fazendo com que o Estado se destacasse, na década de 1990, nas atividades da pecuária, possuindo um dos maiores rebanhos bovinos do Brasil, disputando lugar com outros estados, como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Além disso, a pecuária contava também com um número expressivo de gado leiteiro, dividindo com Minas Gerais o primeiro lugar na produção de leite do país. E no final da década, a cultura canavieira conseguiu uma posição considerada importante pelas diversas usinas que vieram se instalar para produzir álcool hidratado e açúcar.

Do ponto de vista do agronegócio, a modernização das atividades agropecuárias foi importante para o desenvolvimento da produção e, conseqüentemente, para a economia

do estado, porém esta não ocorreu igualmente em todas as regiões de Goiás, como apontam as autoras abaixo:

Assim como no Brasil, no Centro-Oeste a modernização agrícola também não foi homogênea. Em Goiás, as regiões Sudeste e Sudoeste foram as pioneiras, em razão da topografia plana (com os chamados chapadões), abundância hídrica e de uma infraestrutura mais adequada, incluindo-se estradas e meios de transportes, além da organização política e econômica das áreas. Durante a implantação desse processo, os municípios compreendidos nestas áreas foram transformados pelas relações de produção do capital agrário, novos sistemas de objetos e ações foram estabelecidos na cidade e no campo (DA COSTA LEMES; MENDES, 2011, p.152).

Atualmente, a agropecuária goiana dispõe de significativa influência em sua economia regional, bem como nacional, levando em consideração que a produção de carnes e grãos impulsiona a exportação de Goiás. O estado também se destaca por ser um dos maiores produtores de tomate, milho e soja do país, e por ser responsável por mais de 30% da produção de sorgo do Brasil. As atividades pecuárias foram moldadas por um novo modelo calcado na industrialização e produção em larga escala.

1.4. Descrição da Área Estudada: O Município de Bela Vista de Goiás

A partir da leitura de informações contidas no site oficial da prefeitura de Bela Vista de Goiás, o município surgiu no século XIX à margem córrego Sussuapara, mais precisamente nas proximidades dos centros de mineração de Bonfim e Santana. A mesma cresceu e desenvolveu-se surgindo a partir de então vários bairros ao longo do tempo.

Em relação à economia, as atividades agropecuárias sempre desempenharam papel relevante, sobretudo com o fumo cultivado e processado no município, principal produto de exportação durante muito tempo. Nas propriedades rurais havia concentração das atividades agrícolas e pastoris, sendo o gado leiteiro e de corte cruciais no crescimento do município.

Já a base econômica atual de Bela Vista, não se difere muito do seu surgimento, ainda é a agropecuária, com destaque a produção leiteira, que ocupa a terceira posição no estado como umas das maiores bacias leiteiras. Já na agricultura a produção de milho, soja, arroz tem grande importância na balança comercial. Em relação as atividades industriais, o negócio de laticínios vem ganhando força, sobretudo após a instalação do Laticínios Bela Vista no município, que além de gerar emprego e renda, também trouxe segurança a produção de leite, na concepção de alguns proprietários rurais.

O aumento dos investimentos do campo possibilitou a intensificação do uso do maquinário na lida, bem como, a inserção do meio técnico-científico. E isso resultou no surgimento de novos espaços de produção, que deram um novo aspecto aos municípios no estado de Goiás. Assim, Bela Vista de Goiás foi um destes municípios a experimentar várias transformações, possibilitadas por técnicas e atuações assentadas pela modernização do campo.

Em meio a isso, houve uma intensa modificação na atividade leiteira do município e regiões em torno, as quais fornecem leite para o Laticínios Bela Vista, como por exemplo, a região da Areia, Duas Pontes, Vereda, entre outras. Essas regiões são situadas as áreas rurais entre os limites de Bela Vista de Goiás e Piracanjuba.

1.5. As Inovações Tecnológicas e as Mudanças nos Modos de Vida no Campo

A modernização do meio rural é traduzida pela implementação de inovações tecnológicas e a substituição do homem pela máquina no processo produtivo. O desenvolvimento dos métodos e técnicas teve por consequência uma severa mudança em relação ao conceito de rural.

Na interpretação de Kátia da Costa Lemes e Estevane da Costa Mendes (2011), a partir da modernização do campo, o meio rural passou a desempenhar atividades não especificamente urbanas, mas que designaram uma nova lógica de funcionamento ao espaço. Nesse sentido, agricultura passou, a depender cada vez menos da influência natureza, distanciando mais ainda a relação homem x natureza. E em meio a essas transformações, as relações sociais também sofreram uma série de alterações, pois da nova dinâmica instaurada com a modernização da agricultura emerge um novo poder e uso do território, ocasionando novos modos de divisão do trabalho, desigualdades econômicas e sociais.

E assim torna-se muito importante compreender que desde os primórdios das atividades do campo, o homem foi criando e desenvolvendo técnicas e métodos modernos, porém quando é utilizado o conceito modernização no presente texto, refere-se ao processo recente que acarretou impactos em larga escala e que mudou completamente não a estrutura econômica, mas também social no campo, com o surgimento da eletricidade, meios de comunicação, como televisão e internet; meios de transporte, à necessidade da formação profissional e técnica para atuar nos equipamentos e tomar as melhores decisões

em relação à produção baseando-se em índices econômicos e melhorias genéticas dos animais.

Por modernização no campo, nos utilizamos da definição de Júlio César Suzuki (2007), que a entende como:

[...] um movimento de reelaboração da base técnica, bem como das relações de submissão do trabalho, ao longo da história do homem, entendendo que, com a absolutização da propriedade privada e a produção da cidade capitalista, ocorre uma metamorfose do processo de modernização, particularmente, no caso brasileiro, em meados do século XIX. A modernização da agricultura vem acontecendo a partir do momento em que o homem começou a lidar com a prática do cultivo e dos sistemas criatórios. Modernização entendida, em sua dimensão produtiva, como introdução de ingredientes técnicos, bem como alterações nas relações de submissão do trabalho (SUZUKI, 2007, p. 85).

Mas somente depois da década de 1970 que a agricultura e pecuária brasileira se modernizaram apresentando novas formas, assemelhando o processo produtivo do campo com o das indústrias:

Entretanto, foi a partir da década de 1970, em razão da instalação de empresas produtoras destes bens materiais no país, é que a “industrialização da agricultura” difundiu-se, e as atividades agropecuárias passaram a constituir ramos de produção semelhantes aos da indústria. Porém, é válido ressaltar que as transformações nas atividades agrícolas não foram consolidadas uniformemente por todas as regiões do país, abrangendo primeiramente as regiões Sul e Sudeste do Brasil (DA COSTA LEMES; MENDES, 2011, p. 151).

Mas, foi no decorrer do século XX que as transformações puderam ser percebidas de forma mais clara, proporcionadas pelo incremento de maquinários e pelas novas técnicas de manipulação dos bens de cultivo, que forma geral eram ligados à Revolução Verde⁶. Posto isso, é possível afirmar que a modernização do campo tem como finalidade atender a lógica do sistema capitalista, que seleciona tanto os produtos, como os produtores, excluem aqueles que não conseguem investir em suas propriedades, torna a atividade completamente industrial a serviço do agronegócio brasileiro ao fortalecer as fábricas de maquinário e insumos agrícolas.

O processo de modernização do campo brasileiro teve seu início por volta da década de 1950, de forma bastante discreta, com as importações de meios de produção

⁶A expressão Revolução Verde foi criada em 1966, entretanto, tal processo de modernização agrícola que desencadeou a Revolução Verde aconteceu antes disso, em 1940. Com o discurso de aumentar a produção agrícola através de pesquisas em sementes, fertilização do solo, bem como a utilização de equipamentos no campo para o crescimento da produção visando acabar com a fome no mundo, o grupo Rockefeller expandiu seu mercado, solidificou a corporação com vendas de pacotes de insumos agrícolas, especialmente para países em desenvolvimento como o Brasil.

mais avançados, intensificando-se a partir de 1960, sobretudo no Sul e Sudeste do país com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura, como mostra Jodenir Teixeira (2005, p. 24), para quem “a década de 1960 marcou o início de um novo modelo econômico brasileiro, substituindo o chamado modelo de substituição de importações pela modernização do setor agrário e formação do Complexo Agroindustrial”.

Na mesma linha, o autor reflete que, ainda durante a década de 1960, com a intensificação do uso das inovações tecnológicas nas atividades da agricultura e pecuária, os produtores rurais começam a conseguir maior produção e conseqüentemente maior rentabilidade, uma vez que, a substituição do trabalho manual pela máquina permite expandir as áreas cultivadas e a escala produtiva. E nesse contexto:

[...] as fábricas de equipamentos e insumos passaram a pressionar, direta ou indiretamente, a agricultura a se modernizar, visto almejarem uma venda cada vez maior. Porém, o que vai realmente dar um grande impulso na transformação da base técnica da produção agrícola é o incentivo governamental através do chamado crédito rural, viabilizado principalmente a partir de meados da década de 1960. Com o crescente avanço da industrialização e urbanização no Brasil, a modernização do setor agrário se torna necessária dentro do contexto que a envolve. Era necessário produzir alimentos e produtos para exportação para controlar a balança comercial do país. No entanto, o referido desenvolvimento se dá principalmente via capital internacional, com uma crescente participação das empresas multinacionais, com interesses em manter o setor rural cada vez mais subordinado aos recursos por elas produzidos. Argumentavam que o arcaico setor rural seria um entrave para o desenvolvimento econômico, não conseguindo responder à demanda do setor urbano-industrial (TEIXEIRA, 2005, p. 25-26).

O autor observa que parte significativa da modernização da produção econômica no campo a partir da década de 1960 foi feita a partir da intensificação dos investimentos do capital internacional. E isso contribuiu para a expansão das empresas multinacionais em território brasileiro, fortalecendo a relação de subordinação do meio rural frente aos seus produtos e evidenciando as práticas predatórias de dependência:

Argumentavam que o arcaico setor rural seria um entrave para o desenvolvimento econômico, não conseguindo responder à demanda do setor urbano-industrial. O argumento central para essa questão era que a exportação não aumentava satisfatoriamente, a agricultura não produzia alimentos e matérias primas suficientes à demanda urbana – industrial e os preços dos produtos agrícolas subiam excessivamente. Porém, vários estudos desse período são contrários a esse argumento, combatendo a ideia de uma agricultura como entrave ao desenvolvimento, apesar de seu aspecto rudimentar (TEIXEIRA, 2005, p. 26).

Ângelo Priori (et al., 2012) ressalta que outro ponto divisor de águas para o desenvolvimento do setor agrícola no Brasil a partir da década de 60 foi a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural, em 1965, que propiciou aos proprietários rurais mais possibilidades para a realização de suas atividades, uma vez que, este programa financiava a aquisição de equipamentos, material entre outros, a fim de intensificar os investimentos no campo, no que tange sua modernização.

Nos anos seguintes, também houve o surgimento de outras instituições, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a Empresa Brasileira de Terras (EMBRATER), que foram responsáveis pela parte de pesquisa e contribuíram muito para o desenvolvimento de métodos e artifícios para a produção agropecuária. Há também a criação do Programa de Apoio à Atividade Agropecuária e as Políticas de Garantias de Preços Mínimos.

Nesse momento, é possível perceber um esforço por meio do governo federal, juntamente com os estados, de fortalecer o projeto de modernização do campo, visando sempre consolidar as bases econômicas do país, atendendo o capitalismo. Outro ponto a destacar é que entre as décadas de 1960 e 1980, a agricultura tornou-se parte essencial da urbanização e industrialização do país. Isso porque o país sempre concentrou sua economia nas atividades do campo, com a industrialização isso se intensificou bastante, pois a partir daí o Brasil passou a produzir com o objetivo de abastecer o mercado externo.

Nessa perspectiva com a modernização, o espaço rural no Brasil vivenciou uma série de mudanças como: o crescimento da produção, o aumento da exportação, o desenvolvimento da economia da nação e a exclusão do pequeno produtor frente as imposições do agronegócio. Além dessas transformações econômicas propiciadas pela chegada das inovações tecnológicas ao meio rural, houve também alterações sociais nos modos de vida dos sujeitos do campo.

E nesse sentido que se situa o debate a respeito das transformações dos conceitos de rural e urbano, que retomaremos no terceiro capítulo desta dissertação. Adiantamos que a mecanização e modernização das atividades agropecuárias simplificou o processo produtivo e diminuiu o tempo gastado diariamente do trabalhador rural, ao mesmo tempo em que fez chegar ao campo elementos simplificadoros da vida cotidiana, da mesma forma que equipamentos como postos de saúde e escolas.

Octávio Ianni (1997) observa que esse processo fez chegar ao campo a dinâmica da cidade, representado por comportamentos cotidianos antes restritos ao meio urbano. Milton Santos chama esse fenômeno de ampliação do alcance do mundo artificial, antes restrito às grandes cidades. Em sua reflexão, o autor afirma

Antes, eram apenas as grandes cidades que se apresentavam como o império da técnica, objeto de modificações, supressões, acréscimos, cada vez mais sofisticados e mais carregados de artifício. Esse mundo artificial inclui, hoje, o mundo rural (SANTOS, 1996, p. 160).

De acordo com Wenceslau Gonçalves Neto (1997) as intensas mudanças que ocorreram na forma produtiva do meio rural na década de 1960, provocaram uma série de transformações sociais no Brasil, como um todo. Além disso, esse êxodo também aconteceu pela substituição da cultura intensiva pela pecuária, dentro outros fatores. E nesse processo há uma ressignificação da mão de obra do campo, que se torna similar à da cidade, com horários a serem cumpridos, difusão do trabalho assalariado, especialmente nas grandes propriedades, que dispunham de capital e conseguiram investir em novos equipamentos e métodos, transformando-se em empresas.

Contudo, é necessário destacar que a modernização do campo aconteceu de forma heterogênea em território nacional, pois houve mais investimentos no Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil, regiões com mais possibilidades para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, devido às boas condições das terras e clima. Outro ponto relevante para salientar é que o desejo por uma economia urbano-industrial fez com que houvesse a cessão de recursos do campo para o financiamento do projeto modernizador.

Assim, podemos afirmar que houve uma modernização desigual e conservadora do campo no Brasil, com ênfase para a contemplação dos programas do governo aos grandes produtores, abrindo portas para uma economia agroexportadora beneficiando com investimentos e financiamentos as regiões mais desenvolvidas do país (GONÇALVES NETO, 1997). Como consequência, há a formação dos grandes complexos agroindustriais que ganharam força pelo novo modelo da economia brasileira.

Nesse sentido, na década de 1970 o espaço rural com o setor agrário, passou a responder aos desejos da nova sociedade brasileira: urbana e industrial. Os anos de 1970 foram palco de uma intensa mudança do meio rural, que só foi possível graças a uma

política de créditos facilitados, que começa nos anos 1960, pelo desenvolvimento urbano-industrial, com o chamado “milagre brasileiro”⁷.

A agricultura nacional respondeu às demandas da economia transformando completamente sua base produtiva. Dessa forma, com a intensificação da utilização da tecnologia, defensivos, adubos, assistência técnica e êxodo rural, entende-se que o país se modificou e junto com ele, o campo também. (GONÇALVES NETO, 1997).

Essa profunda mudança das /nas atividades, tanto no setor agrícola como na pecuária, ocasionou transformações nas relações sociais entre os sujeitos do campo e, tais transformações, como entende Raymond Williams (2005), precisam ser compreendidas em seu contíguo, sendo tratadas como mudanças intensas dos modos de vida e da cultura do viver no campo, incluindo um enredo próprio de uma época e seus valores e tradições. Para o autor a cultura está relacionada ao modo de vida no qual o indivíduo encontra-se inserido, constituindo-se como lugar de crítica de sua qualidade isso só é possível pelo simples fato das práticas e hábitos sociais estarem intrincadamente ligados às formas tanto de produção como de organização social e econômica, estruturando na vida e nas experiências dos sujeitos que compõem a sociedade.

Segundo Mendonça, Ribeiro e Thomaz Júnior (2002) a modernização das atividades agropecuária exigira uma racionalização técnica, bem como científica que provocou transformações radicais nas relações sociais e de trabalho no campo. De acordo com Ianni (1997) a globalização do capitalismo está gerando uma dissolução do mundo agrário, ao diminuir a contradição cidade- campo. Dessa forma o autor entende que:

[...] A tecnificação, maquinização e quimificação de trabalho e produção no mundo rural expressam o industrialismo e o urbanismo, entendendo-se o urbanismo como forma de vida, padrões e valores socioculturais, secularização do comportamento e individuação (IANNI, 1997, p. 12).

Essa tecnificação do trabalho no meio rural abriu portas para profissionais como médicos veterinários, agrônomos, zootecnistas, dentre outros, em decorrência do aumento da produção, que necessita de mão de obra especializada, visto que os bens cultivados e produzidos no campo têm como destino o mercado consumidor. Assim, é necessário ter

⁷ O período que ficou conhecido como “Milagre Econômico Brasileiro” corresponde aos anos de 1968 a 1973, quase todo no governo de Emílio Garrastazu Médici, em que o Brasil teve um controle relativo da inflação, crescimento médio de cerca de 10% ao ano e expansão da população urbana (VELOSO et al, 2008, p. 224)

capital para se investir na propriedade rural, de forma a atender as cobranças do consumidor final, que está cada vez mais exigente.

A esse respeito, Milton Santos (1994) pontuou, ao descrever a “cidade econômica”, sobretudo, a pequena e média cidade, que deixou de ser a “cidade dos notáveis”. Nessa condição, ao atrair mão de obra especializada, bem como comércio e serviços, que só foi possível pela transformação do campo e do morar no campo, que o rural perdeu a sua condição original, natural para se tornar espaço de produção agrícola, na medida em que o termo aponta para a produção econômica em si, estabelecendo que os modos de vida não mais difiram dos da cidade.

O pequeno produtor resiste no campo, com um esforço incalculável, pois como avanço do agronegócio e da modernização há-se intensificação do problema fundiário, da pobreza e exclusão dos pequenos produtores rurais devido a questões financeiras e falta de oportunidades.

CAPÍTULO II

O AGRONEGÓCIO E A PRODUÇÃO LEITEIRA EM BELA VISTA DE GOIÁS: A TRAJETÓRIA DO LATICÍNIOS BELA VISTA

A tensão entre agricultura e indústria no Brasil não se dá ao nível das relações das forças produtivas, mas se dá ou se transfere para o nível interno das relações de produção tanto na indústria como na agricultura.

Francisco Oliveira (1981).

No decorrer do tempo, as atividades agropecuárias desenvolveram-se de forma sistemática no Brasil e hoje exercem um papel fundamental para a economia do país. O processo de modernização das atividades agropecuárias teve seu início por volta dos anos de 1960, sobretudo nas regiões sul e sudeste do Brasil. Após quase vinte anos ela chegou em outras regiões, como no Centro-Oeste. Em meio a isso, houve a criação de uma série de

programas que objetivavam o financiamento de custeio, investimento e comercialização dos produtos do campo.

Nesse processo, a propagação dos artifícios da Revolução Verde estabeleceu uma relação de dependência da agricultura às indústrias, dos combustíveis fósseis e do direito genético das plantas cultivadas; negociante de produtos e fabricante de matérias-primas para as indústrias de uma forma geral.

Dentro das diversas atividades as quais o agronegócio abrange, a atividade leiteira vem ganhando cada vez mais força, especialmente nos últimos 30 anos, em que houve uma série de incentivos a esse segmento por parte do governo federal, além da modificação na forma de se produzir, que possibilitou a ampliação e intensificação da atividade. Esse crescimento da produção de leite aconteceu em diversos estados do território brasileiro, como por exemplo, Minas Gerais, Paraná e Goiás. Na atualidade a atividade leiteira se tornou um dos motores econômicos do estado de Goiás e o colocando entre os cinco maiores produtores de leite no país durante a série histórica que abrange a parte final de nossa pesquisa, de acordo com o IBGE⁸.

O termo agronegócio surgiu em tradução do *agribusiness*, que é caracterizado como um conjunto de atividades relacionadas a agricultura e pecuária, sendo divididas em vários pilares. Nesse sentido, fazem parte do segmento os fornecedores de insumos, as atividades agropecuárias, as técnicas de transformação e processamento dos complexos agroindustriais; a armazenagem, o transporte, bem como a distribuição dos produtos.

Segundo o discurso Neoliberal, o agronegócio ocupa lugar de proeminência na economia não apenas na economia de vários estados brasileiros, mas do Brasil, configurando-se num segmento de importância vital, haja vista que gera emprego e renda, além de contribuir para a estabilidade macroeconômica, amenizando o déficit comercial oriundo de outros setores produtivos. Entretanto, o que pode ser observado é que este segmento tem obtido resultados financeiros altamente favoráveis aos que estão no topo de tal, pois são estes que dominam o capitalismo transnacional no agrário brasileiro.

Com a consolidação de agronegócio no Brasil houve o desenvolvimento de diversos setores ligados ao segmento, como por exemplo, os laticínios, um dos setores da indústria de alimentos que mais se desenvolveu no agronegócio brasileiro nos últimos

⁸A série histórica disponível para download abrange o período de 2006 em diante. Pode ser acessada em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72380>

anos, uma vez que tem recebido investimentos de pequenos e grandes grupos de capital local, regional, nacional e internacional voltados à produção e processamento de alimentos.

O Laticínios Bela Vista, situado em Bela Vista de Goiás é uma dessas indústrias de processamento de leite e derivados que conseguiu se consolidar no agronegócio de leite do país, influenciando e estabelecendo relações dependência se tornando um dos maiores laticínios do Brasil e grande agente da propagação do agronegócio em Bela Vista de Goiás, pois acopla várias atividades desde a compra da produção, comercialização e distribuição do leite em todo o Brasil e fora.

Com base nessas constatações acima, o presente capítulo abordará sobre o agronegócio no Brasil de forma a explicitar sua conceituação e desenvolvimento no país e em Goiás, enfatizando a produção de leite, bem como o processo de evolução da indústria de laticínios com destaque para a história do Laticínios Bela Vista.

2.1. O Agronegócio Brasileiro: Conceituação e Panorama

Bernardo Fernandes (2013) demonstra que o agronegócio é o nome dado à produção agropecuária capitalista, cujas características são o uso do conhecimento e da tecnologia na produção e voltada para o mercado. No Brasil o termo se tornou popular a partir de 1990, como constituição de uma nova representação do latifúndio moderno.

O agronegócio se tornou hoje uma realidade a nível mundial da economia moderna, além de ser um segmento que auxilia no entendimento no estudo da agricultura e do campo na atualidade, uma vez que este nasceu no contexto de superação dos métodos e artifícios que limitavam em questão de quantidade, a produção no campo. Nessa perspectiva o segmento, em seu surgimento, representou uma nova etapa, de transformação da agricultura e pecuária, tendo por consequência posições de destaque quando vista a partir da sua relação com a indústria.

E cada vez mais o agronegócio tem tomado conta dos espaços, permitindo que haja o maior desenvolvimento do meio e permitindo o avanço de diversos elementos da economia, em contrapartida como entende Fernandes (2013) o aumento da produção garantido por essa nova forma de produzir exacerbou um aspecto do agronegócio: a desigualdade.

O agronegócio pode ser traduzido como um processo de transformação da produção agropecuária intensiva com a adoção de tecnologias, bem como biotecnologias

com o objetivo de conseguir grandes níveis de produção. E adicionado a isso, os serviços financeiros, de transporte, marketing, seguros, bolsas de mercadorias, dentre outros. O agronegócio conseguiu se firmar no Brasil com a modernização do campo que reestruturou a produção e permitiu que o país tornasse um dos principais nomes do segmento no mundo.

Na reflexão de Jean-Yves Carfantam e Argemiro Luís Brum (2006) as atividades do campo, tanto agricultura como a pecuária passaram a ser entendida a partir de sua própria complexidade que vai além das atividades realizadas dentro da propriedade rural. Com a reestruturação produtiva as atividades de distribuição dos suprimentos agrícolas, de armazenamento, de processamento e distribuição dos produtos agrícolas ganharam destaque.

E nesse contexto, adotou-se o termo agronegócio para acoplar tudo isso que transpõe as fronteiras da porteira agrícola e para abranger todos os agentes que participam do processo produtivo que se inicia no campo até chegar ao consumidor final. O campo está num processo contínuo de modernização e nesse sentido a produção agrícola se viu obrigada a dispor de serviços que estão fora da porteira agrícola.

Em relação à atuação deste segmento no Brasil, Marcos Jank, André Nassar e Maria Helena Tachinardi (2005) colocam o país entre os países que mais se destacam e competem no cenário produtivo das *commodities*, com muito potencial tanto tecnológico como de pesquisas que buscam o crescimento deste e que fizeram com que esse setor desenvolvesse exponencialmente. Dessa forma, a partir da análise dos autores, é possível perceber três fases do desenvolvimento do agronegócio no Brasil nos últimos cinquenta anos.

A primeira fase é compreendida entre os anos de 1970 a 1980 e marcada pelo desenvolvimento tecnológico e aumento considerável da produção. Assim, há nesse período uma intensa alteração nas formas de se produzir, em que se tem uma paulatina substituição do homem pelas máquinas, ampliando o modelo agroexportador.

Esse período também é marcado pela intensa presença do Estado na articulação entre os agentes envolvidos nos meios de produção do campo moderno acarretando maior aproximação e uma relação de dependência entre setores como a agricultura e indústria, a partir de inúmeros auxílios a alguns produtores, a concessão de incentivos fiscais, elevação da ocupação de novas fronteiras agrícolas, créditos, apoio à produção tecnológica e

internalização do setor industrial tanto de bens de capital, como de produção agrícolas. Além disso, os autores ressaltam que:

O período 1970-80 foi marcado também pela primeira expansão da fronteira agrícola: os produtores migraram do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e oeste da Bahia. O foco do agronegócio esteve, portanto, na oferta de exportação e de mercado interno, e na tecnologia (investimentos em pesquisa): o crédito rural alavancou a produção, que substituiu as importações, e paralelamente funcionou uma política de preços mínimos acoplada a estoques reguladores. Resumidamente, nos anos 70 houve um choque de produção, que foi utilizado para o mercado interno e externo, com forte intervenção governamental (JANK; NASSAR e TACHINARDI, 2005, p. 16).

Outra característica importante desse período do agronegócio brasileiro foi a ocupação de milhões de hectares de Cerrado pela agricultura moderna globalizada. Isso desencadeou problemas ambientais como poluição dos solos, nascentes entre outros. Além disso, não podemos esquecer os impactos sociais, como a intensificação da divisão territorial do trabalho, expressa na forma de especialização regional produtiva e a grande desigualdade no campo, onde diversos pequenos produtores rurais se viram totalmente dependentes das agroindústrias, dos defensivos agrícolas, das máquinas, dentre outros ao tentarem se inserirem no contexto do agronegócio, sem conseguir investimentos em suas propriedades, acumulando dívidas. Enquanto os grandes produtores, com poder aquisitivo e investimentos oriundos de bancos e governo conseguiram se desenvolver.

A segunda fase do agronegócio brasileiro compreende os anos de 1990 a 1999, e é entendida pelos autores como de busca de eficiência e a acirramento da competitividade. Foi um período de esgotamento do crédito rural e de desregulamentação dos mercados, com aumento do endividamento dos produtores rurais. Nesse momento da evolução do agronegócio brasileiro há uma aproximação do país com o mercado internacional, além da intensificação da ampliação da fronteira agrícola brasileira (JANK; NASSAR & TACHINARDI, 2005). Outro ponto importante foi que, entre 1990 e 1999:

[...] é fundamental destacar o enorme crescimento de produtividade observado no setor, principalmente no que se refere à incorporação de tecnologia. Estudo recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (2) mostra que uma variação de 1% nos gastos em pesquisa tem um impacto imediato de 0,17% na Produtividade Total dos Fatores (PTF) do agronegócio – mão-de-obra, capital e terra. O gasto com pesquisa é fator mais importante do que o crédito rural para explicar o aumento de produtividade desses três fatores. O estudo mostra que enquanto a produtividade da terra cresceu 6,5% ao ano, de 1990 a 1999, a da mão-de-obra cresceu 3,2% e a do capital, 3,1% (JANK; NASSAR e TACHINARDI, 2005, p. 19).

Na terceira e última fase do agronegócio no Brasil, que vai de 1999 ao final de 2004, os autores supracitados, a definem como momento de crescimento da oferta e apogeu da competitividade. Foi nesse período que houve um crescimento do negócio propiciado pela desvalorização do real e o aumento da exportação para países como a China, o que colocou o país como 3º maior exportador mundial e 1º em saldo comercial.

Em 2003, o Brasil detinha o quarto lugar no ranking dos países exportadores agrícolas. Em 2004, já é o terceiro, abaixo apenas dos EUA e da União Europeia (UE-15). Com uma taxa de crescimento anual de exportações agrícolas de 6,4%, no período 1990-2003, o Brasil participa com cerca de 4% do mercado mundial [...]. Entretanto, os EUA, cujas exportações aumentaram apenas 2% ao ano entre 1990 e 2003, abocanharam cerca de 12,5% do mercado. A União Europeia ocupa posição semelhante, embora tenha expandido apenas 2,7% ao ano suas vendas agrícolas externas naquele período. Em 2003, o agronegócio foi responsável por exportações de US\$ 21,2 bilhões e por um saldo de US\$ 17,7 bilhões, um resultado relevante levando-se em conta que o superávit comercial total do Brasil foi de cerca de US\$ 25 bilhões [...]. Apesar das restrições de fronteira – altas tarifas praticadas pelos países industrializados, quotas, medidas sanitárias e fitos sanitárias –, o país revela um dinamismo em suas vendas externas que o coloca entre os primeiros no ranking mundial da produção e da exportação, segundo dados do USDA de 2003 (JANK, NASSAR e TACHINARDI, 2005, p. 20/21).

No Brasil, o agronegócio é de extrema relevância dentro da economia, pois é responsável por mais de um terço do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e a geração de muitos empregos bem como o executor de grandes parcelas de exportação brasileira, mesmo passando por muitas dificuldades em infraestrutura, transporte e armazenamento. Hoje é a principal locomotiva da economia brasileira e responde por um em cada três reais gerados no país, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (apud LIMA & LOURENÇO, 2009). Segundo Roberto Rodrigues (2006), o Brasil possui 22% das terras agricultáveis de todo o mundo, tendo desenvolvido uma tecnologia moderna que faz do agronegócio um forte concorrente no cenário econômico internacional.

No ano de 2006 o agronegócio foi responsável pela maioria das exportações brasileiras com o crescimento da produção de grãos e gerou 35% dos empregos país (LIMA & LOURENÇO, 2009). Assim, percebe-se que no decorrer da história agropecuária do Brasil, as exportações do agronegócio foram fundamentais para a elevação da economia do país, auxiliando no crescimento do PIB e de outros setores produtivos brasileiros.

Em relação às últimas décadas, foi possível observar que essa representatividade só aumentou, uma vez que o resultado internacional desse setor saltou de aproximadamente US\$ 11 bilhões no ano de 1989 para US\$ 77,5 bilhões em 2011. Os

números registrados durante esse período legitimaram a consolidação da expansão e a eficiência do agronegócio no desempenho do saldo da balança comercial brasileira e compensaram os déficits apontados pela diferença entre as exportações e importações dos outros setores da economia durante os anos de 2001 a 2010 (CONTINI et al. 2010).

Outro ponto a se destacar em relação às exportações do agronegócio brasileiro é que estas obrigaram a intensificação dos processos produtivos da agricultura e pecuária no país com a inserção de grandes volumes de produtos nos mercados externos. Porém durante o início do século XXI é perceptível um consumo muito grande dos produtos do agronegócio brasileiro dentro do próprio país:

[...] no ano de 2009 cerca de quase 60% da produção de soja e 90% da de etanol tiveram destino o mercado doméstico. O consumo interno de algodão e de carne de frango naquele mesmo ano teve uma participação de quase 70% do total produzido de cada um desses produtos. Os valores de utilização doméstica da carne bovina e do milho, por sua vez, corresponderam, respectivamente, a 80% e a 87% da quantidade produzida desses produtos em 2009. Não obstante a relevância do mercado interno para a utilização da produção nacional, as exportações do agronegócio são o que mais tem crescido como fonte de destino da produção nacional. Durante o período 1996–2010, o consumo interno dos principais produtos do agronegócio expandiu-se a uma taxa média anual de 3,8%. Em comparação com esse desempenho, as exportações desses produtos cresceram a uma média de 9,1% por ano. Portanto, as vendas externas têm propiciado sobremaneira a expansão do agronegócio brasileiro. A evolução do grau de abertura do agronegócio brasileiro para o exterior (definido como a relação entre as exportações e o PIB do setor) também mostra a importância das exportações do agronegócio como fonte de crescimento da agricultura nacional. Especificamente, enquanto o grau de abertura da economia como um todo passou de 8% em 1991–1995 para 12% em 2005–2010, o do agronegócio expandiu de 3% para 17% no mesmo período. Esse crescimento favoreceu substancialmente o dinamismo desse setor, tendo criado uma demanda maior pelos seus produtos (CONTINI; et al, 2010, p 92).

Na visão neoliberal, as perspectivas para este setor são cada vez mais promissoras, levando em consideração que o país dispõe de terras férteis e em abundância, além de conter uma mão de obra especializada para desenvolver as atividades de agricultura e pecuária.

Por outro lado, apesar da geração de empregos e do desenvolvimento de diversas formas de relações trabalhistas ligadas à lida do campo, o agronegócio também se destaca por contribuir no processo de acumulação de capital no Brasil, sendo uma das atividades de maior concentração de renda, gerando, como subproduto, a exclusão social ou a manutenção de relações sociais predatórias. Um exemplo disso é a produção da pecuária leiteira. Correspondendo a uma importante fatia da geração de riqueza advinda do campo,

tem a participação de diversos agentes, desde os produtores até chegar ao consumidor final, como explica Kênia Pereira (2008), explicitando a sua cadeia produtiva:

Essa extensa cadeia é responsável por contingente de mão-de-obra, desde a mais simples as mais especializadas, possui participação no Produto Interno Bruto, na contribuição de impostos [...]. A relevância do agronegócio de leite para a economia brasileira pode ser vista na participação dos laticínios na indústria nacional (PEREIRA, 2008, p.17).

A participação de agroindústrias foi fundamental para o agronegócio brasileiro, pois ela é o lugar onde se realiza as transformações dos produtos em sua fase primária da agropecuária em subprodutos, agregando valor a esses. A agroindústria, resumidamente, é a fusão entre produção do campo e a indústria, podendo ser divididas em duas categorias: Alimentar e Não Alimentar. Entre as diversas agroindústrias existentes, encontram-se os laticínios que são fábricas de processamento de leite e derivados se tornou aliada do agronegócio de leite no Brasil. Elas são responsáveis pela compra, comercialização e distribuição do produto a nível nacional e internacional.

Mesmo sendo um dos maiores segmentos econômico do país, o agronegócio possui diversas desvantagens. Entre essas desvantagens está o desmatamento de áreas de florestas e do cerrado, a dizimação de nascentes e mananciais ao serem sugadas pelas monoculturas, pastagens, mineradoras e madeireiras, o uso exagerado de agrotóxicos, conhecido por defensores agrícolas que contaminam os solos, águas e causam devastação do cerrado ao transformá-lo na principal área de produção de *commodities* do Brasil.

Segundo Manoel Calaça (2010) todo esse processo do agronegócio se configura numa perda de autonomia por parte dos produtores rurais que é transformada numa relação de dependência com as empresas multinacionais, haja vista que, são elas que possuem os bens tecnológicos, as sementes e os insumos agrícolas.

Mesmo o agronegócio sendo entendido como um segmento da produção em larga escala, da tecnologia no campo e do uso da genética, bem como todos os processos de comercialização dos produtos, o perfil do produtor rural brasileiro não é o do grande latifundiário. A maioria da produção no Brasil é realizada pela pequena propriedade⁹ que

⁹ De acordo com pesquisa realizada em 2016, pela ONG britânica Oxfam e divulgada na página eletrônica da Agência Brasil, naquele ano, as propriedades rurais familiares no Brasil (menos de 10 hectares) correspondiam a 47% do total das propriedades rurais no país, produzindo mais de 70% dos alimentos consumidos no país no ano anterior (2015), embora, em área, ocupassem apenas 2,3% da área rural total. Como comparação, a mesma pesquisa apontou que 0,91% das propriedades tinham mais de 1.000 hectares,

vive a mercê das dificuldades do mercado, das imposições dos agentes que compõe do agronegócio, mas que mesmo assim estão inseridos nessa lógica de produção. O abastecimento interno no Brasil vem da pequena propriedade. É o pequeno produtor rural que abastece os lares das famílias brasileiras e mesmo assim sofre com o descaso e falta de investimentos e valorização de sua atividade.

E esse é o perfil dos produtores de leite, fornecedores do leite Piracanjuba investigados durante a pesquisa. Os municípios e regiões rurais próximas as dependências da unidade fabril são constituídas pela pequena produção que alcança em média menos de 700 litros diário por produtor.

2.2. A Importância do Leite no Brasil: Um Negócio Promissor.

Dentro das diversas atividades as quais o agronegócio abrange, a atividade leiteira vem ganhando cada vez mais força, especialmente nos últimos 30 anos, em que houve uma série de incentivos a esse segmento por parte do governo federal, além da modificação na forma de se produzir, que possibilitou a ampliação e intensificação da atividade.

Dessa forma, na análise de Sebastião Teixeira Gomes (1999), a cadeia produtiva do leite começa, no início dos anos 90, a conhecer intensas alterações em todos os seus segmentos, que vai das etapas de produção, comercialização até chegar ao consumidor final. Dentre as principais causas de modificação da estrutura leiteira no Brasil, o autor supracitado é enfático ao apontar a desregulamentação do mercado de leite a partir de 1991, a abertura do mercado econômico para o exterior, sobretudo, com o surgimento do Mercosul e a estabilização dos preços em nível nacional, em consequência do plano real, no ano de 1994.

Essa abertura da economia do Brasil a partir dos anos 1990 aliada à permanência de preços que foi possível pós Plano Real teve por consequência reação de alguns setores industriais, sobretudo, as empresas de alimentos. Essa reação aconteceu de forma positiva, mostrando que estas estavam abertas para as novas transformações da economia, sobretudo do processamento de leite e derivados, que mostrou capacidade de reestruturação e adequação.

ocupando mais de 45% da área rural. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-detem-quase-metade-da-area-rural>. Acesso em 12 de abril de 2020.

As consequências dessas modificações foram facilmente vistas pelo crescimento do número de concorrentes no setor, bem como o aumento da concentração possibilitado por aquisições e fusões. A economia pós Plano Real ganhou força e o mercado de alimentos tornou-se mais sedutor para os investidores externos e internos, possibilitando nesse período a instalação de empresas multinacionais do setor de laticínios no Brasil. Até final dos anos 90, a indústria de alimentos conseguiu uma mediana expansão que seguia o crescimento da população, da urbanização e o aumento da renda per capita (FONSECA; MORAIS, 1999).

Desde o final da década de 1990, a atividade leiteira no Brasil vem apresentando metamorfoses constantes que afetaram toda a cadeia de lácteos. Essas mudanças foram acontecendo aos poucos com a ajuda de alguns elementos. E dentre os fatores preponderantes dessas transformações destacam-se os seguintes:

[...] liberação do preço do leite em 1991, após quase meio século de tabelamento, quando o mercado do leite se desvencilhou das garras do governo. Maior abertura da economia brasileira ao mercado internacional, em especial, a instalação do Mercosul; estabilidade da economia brasileira, com o Plano Real, afetou, substancialmente, o agronegócio leite. Com relação à demanda, ela estimulou seu crescimento, pelo aumento da renda do consumidor; a qualidade do leite passou a ser prioridade absoluta de todos os elos da cadeia de lácteos. Na busca da melhor qualidade do leite, cresce a importância do resfriador na fazenda e da coleta de leite a granel. O processo de granelização, que avança a passos largos, trouxe, pelo menos, duas consequências: ampliou o pagamento diferenciado por volume e qualidade e expulsou do mercado formal aqueles produtores que não conseguem fazer os investimentos exigidos pela granelização. O grande crescimento do leite longa vida (UHT) mudou o ponto de referência do preço do leite. Antes, a referência era o leite pasteurizado; agora, é o Longa Vida (GOMES, 1999, p. 1-2).

A partir desses fatores, é possível perceber em território brasileiro maiores ganhos de eficiência. Há também a ampliação da competitividade e a intensa procura externa, que ocasionaram o posicionamento do Brasil entre os primeiros lugares do ranking mundial de maiores produtores de leite do mundo. Na análise de Gomes (1999) o Brasil alcançou em 1998 números significantes na produção de leite mundial chegando à sexta posição, com a produção nacional dobrada em relação a da Nova Zelândia e bem superior à produção da Argentina, que eram países referências no assunto. Nesse processo, no ano de 1998 verificamos crescimento no valor bruto da produção de leite, que passou a representar em torno de 30% da geração de riqueza de todo o seguimento da pecuária. No balanço do setor agropecuário como um todo, a atividade leiteira respondeu por cerca de 12% da geração econômica de 1998 (GOMES, 1999).

Em relação a produção de leite no século XXI, percebe-se nos últimos 15 anos, um aumento considerável da atividade e conseqüentemente da produção, com um aumento de quase 54%, saltando de 14,5 bilhões de litros registrados no ano de 1990 para valores em torno de 23 bilhões em 2003. Ainda durante estudos desse mesmo período, o número de bovinos cresceu, bem como o número de vacas ordenhadas. E dessa forma, a média da produção, entre 1990 e 2003, foi superior à taxa de crescimento do rebanho bovino total e também de vacas ordenhadas, o que significou aumento da produtividade animal (ZOCCAL & GOMES, 2005).

Durante a nossa investigação foi possível constatar que há a presença da produção leiteira em todos os municípios do estado, ou seja, o leite é indispensável para a economia goiana e para a sobrevivência de vários produtores rurais e municípios, que em alguns casos dependem exclusivamente dessa atividade. Fato que também pode ser preocupante, se analisarmos dentro de um contexto econômico, haja vista que, a dependência de apenas uma atividade como exclusiva em um determinado lugar, traz como consequência a dependência de outros mecanismos. Um caso explícito de dependência é a relação produtor e laticínios.

Dessa forma, a produção de leite pode ser percebida também, em todas as regiões do Brasil e segundo o discurso neoliberal atua como uma atividade geradora de renda, tributos e empregos e que contribui para o crescimento da economia nacional atual, como nas décadas passadas, como aponta um estudo da EMBRAPA:

O leite está entre os seis primeiros produtos mais importantes da agropecuária brasileira, ficando à frente de produtos tradicionais como café beneficiado e arroz. O Agronegócio do leite e seus derivados desempenha um papel relevante no suprimento de alimentos e na geração de emprego e renda para a população. Para cada real de aumento na produção no sistema agroindustrial do leite, há um crescimento de, aproximadamente, cinco reais no aumento do Produto Interno Bruto – PIB, o que coloca o agronegócio do leite à frente de setores importantes como o da siderurgia e o da indústria têxtil (EMBRAPA, 2002).

Levantamento realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) entre os anos de 2008 a 2016 demonstra que o Brasil alcançou 7% da produção mundial de leite, o que o fez chegar a quinta posição em termos de volume do produto. Esses números foram possíveis graças a modernização das atividades agrícolas, que modificaram a forma de se produzir no meio rural, ditando um novo ritmo a este.

Porém, de acordo com Mendonça Júnior (2019), mesmo o país sendo o quarto maior produtor mundial de leite, é um grande importador do setor lácteo. E isso tem deixado muitos produtores brasileiros insatisfeitos, pois ao importar leite de outros lugares, as indústrias de processamento de leite abaixam o preço do produto, acarretando prejuízos ao trabalhador do campo que investe em sua atividade a fim de conseguir qualidade, que é uma das principais exigências dos setores de laticínios.

Ainda segundo o estudo realizado pela Conab, os quatro maiores produtores durante o período mencionado acima foram respectivamente: a União Europeia, Estados Unidos da América, Índia e China que, juntamente com a produção de leite do Brasil, somam 76% do total.

Mesmo com essa unanimidade, em relação a presença da produção de leite no Brasil é possível perceber que há variações de um lugar para o outro, bem como de uma região para outra, assim, a produção é distinta. E isso vai depender de diversos fatores e das particularidades de cada território, como entendem os autores abaixo:

A produtividade da atividade possui grande variação, o que pode estar associada a diversos fatores, como alimentação, utilização de ordenhas mecânicas, ou seja, há estabelecimentos que intensificam sua produção por meio da especialização da produção. No entanto, há muitos produtores que têm na pecuária leiteira uma atividade secundária, não produzindo o suficiente para atenderem às exigências mínimas do elo da cadeia a jusante, os laticínios (CASTRO et al, 2014, p. 84).

De grosso modo, as variações em relação a produção de leite vão depender do grau de inovações tecnológicas introduzidas para a realização das atividades. O uso da automatização contribui para o aumento produtivo intensificando tal. Assim, nas regiões em que se teve a chegada de tecnologia no campo mais rápido conseguiram se desenvolver mais na atividade leiteira que as demais. Além disso, os produtores que tinham a atividade como uma segunda opção não conseguiam atender as imposições das indústrias de processamento de leite, pois não investiam em aspectos relevantes para os laticínios.

2.3. A Produção de Leite em Goiás

Estevam (1997), ressalta que o estado goiano, está em sua maioria inserido no contexto do agronegócio, uma vez que, parte das atividades agropecuárias atende o mercado nacional e internacional, fazendo que tais não se limitem apenas a uma forma de subsistência dos sujeitos do campo, o que fora comum nos primórdios desse segmento no estado. No início da história do nosso território, temos como moldes econômicos essas

atividades relacionadas a subsistência, porém no decorrer do tempo e sobretudo pelos avanços tecnológicos há uma mudança radical desse perfil.

Segundo Castro (2014) em relação à produção de leite, o estado de Goiás conta com bacias leiteiras respeitáveis, que de maneira geral encontram-se próximas a grandes laticínios, como é o caso do município de Piracanjuba, umas das maiores bacias leiteiras do estado e localizada aproximadamente a 40 km do Laticínios Bela Vista. Além da própria cidade de Bela Vista de Goiás, que também possui a atividade leiteira como uma das principais atividades econômicas do município e que acomoda a fábrica desde 1986.

A proximidade entre a produção e as grandes indústrias de laticínios contribui ainda mais para a difusão do agronegócio de leite em Goiás, sobretudo nos municípios do interior deste, uma vez que dá a ilusão de segurança a produção ao fornecer equipamentos, treinamento e, muitas vezes, financiamento com valores subsidiados, que tem por objetivo garantir, o monopólio no fornecimento e distribuição da produção leiteira.

Na interpretação de Castro (2014) em relação à evolução da produção de leite em Goiás, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirma que o estado apresentou entre os anos de 1998 a 2003, os maiores percentuais em relação ao crescimento da produtividade, bem como da produção de leite. E dessa forma, o segmento teve crescimento de 27%, superior à nacional que foi de 19%. No ano de 2003, o estado alcançou uma produção de cerca 2,5 bilhões de litros de leite, o que significou 11% da produção em nível nacional.

Podemos dizer que foi durante esses anos que Goiás vive o apogeu do setor lácteo. Esses números expressivos trouxeram como consequência ao estado, o título de segunda Bacia Láctea do Brasil, lugar este ocupado pelo Paraná nos dias atuais. Atualmente ele se encontra na 4ª posição atrás de Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

Outro ponto interessante sobre esse período foi que o desenvolvimento do gado bovino goiano, aconteceu de forma menor se comparado ao do Centro-Oeste e ao do restante do país. Porém, em contrapartida, o número de vacas de leite, bem como a própria produção de leite cresceram e colocaram Goiás em 2º lugar no ranking nacional em relação a desempenho produtivo.

Na reflexão de Pereira (2008), o estado de Goiás chegou ao ano de 2008 ainda sendo o segundo maior produtor leite do Brasil e derivados lácteos, e segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a produção leiteira veio se desenvolvendo bastante no estado devido a vários incentivos. Além disso, os programas desenvolvidos pelo Governo do Estado para estimular mais ainda o negócio foram fundamentais:

Segundo a Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Goiás – SEPLAN (2006) o objetivo do Governo é elevar tanto a produção do leite quanto a produtividade, melhorar a qualidade, promover o aumento e rentabilidade e ganhos de todos os participantes da cadeia produtiva do leite. Tal objetivo faz parte da iniciativa para a região Oeste de Goiás em conjunto com fornecedores de insumo, laticínios, produtores, transportadoras e entidades de classe que junto produzem mais de 110 milhões de litros de leite por ano (PEREIRA, 2008. p. 25).

Na atualidade, o estado tem 70 mil produtores de leite distribuídos entre pequenos, médio e de grande porte. E estima-se que 22 mil deles, menos de um terço do total, são responsáveis por 80% de toda a produção, segundo informações do Sindicato das Indústrias de Laticínios de Goiás (SINDILEITE).

Além da modernização do campo ter sido responsável pela da intensificação das atividades agropecuárias de forma geral, que teve por consequência a elevação da produção objetivando a geração de lucros, ela também teve papel fundamental na discrepância entre pequeno e grande produtor. E isso pode ser facilmente percebido em todo território brasileira na heterogeneidade da produção, ou seja, nem todos produtores dispõe das mesmas condições de trabalho, na falta de incentivos ao pequeno produtor, que mesmo compondo o maior número, em certas situações não vê outra saída e acaba abandonando suas terras.

O País possui uma cadeia produtiva pulverizada e heterogênea. Para se ter uma ideia da complexidade desta cadeia, temos aqui produtores com nível de produtividade e tecnificação igual ou superior às melhores operações leiteiras dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que possuímos produtores com baixíssima produtividade e tecnologia, conduzindo a atividade da mesma forma que se fazia há 60 anos. Dados recentes da Embrapa apontam que, a cada 11 minutos, um produtor de leite abandona a atividade – em sua maioria, pequenos produtores, que não se atualizaram tecnologicamente, não melhoraram a produtividade de seus animais e, conseqüentemente, não conseguiram recursos para continuar investindo, melhorando e crescendo seus negócios (MENDONÇA JÚNIOR, 2019, S/P).

Ou seja, para o pequeno produtor de leite conseguir se manter dentro do agronegócio é uma tarefa extremamente difícil, pois nem sempre estes dispõem de automatização em suas propriedades, o que limita sua produção e conseqüentemente desvaloriza seu produto. E o que se torna muito comum dentro do agronegócio é a desigualdade no campo, que culmina as vezes na expulsão do homem do campo para as cidades, seja arrendando suas terras ou até mesmo vendendo para grandes latifundiários.

2.4. O Laticínios Bela Vista

Em relação ao surgimento da indústria de laticínios no Brasil, o autor Primo (2000) ressalta que desde o começo do século XX foram observadas as primeiras fábricas de processamento de leite e derivados, claro que bastante diferente dos complexos agroindustriais existente na atualidade. Assim essas fábricas existentes se dividiam em três categorias distintas: as queijarias, que eram aquelas em que o leite seria transformado em queijo; as envasadoras que funcionavam como cooperativas; e as industriais que já contavam com tecnologia existente na época e se colocavam a frente das demais.

Segundo Pereira (2008) esse segmento passou por modificações expressivas ao longo dos últimos anos, influenciados por uma série de transformações econômicas, além da efetivação de intervenções da política no setor leiteiro, o que conseqüentemente acabou trazendo restrições ao desenvolvimento destas.

Em 1950, com toda a força que o setor leiteiro exercia em Goiás, o segmento de laticínios não era muito considerável. Existiam poucas fábricas do setor lácteo no estado. Nesse período a produção de leite enfrentava muitas dificuldades, que ia desde sua produção até sua comercialização. Nesse período a tecnologia não havia chegado em todos os lugares no campo. E Goiás é um exemplo disso, mesmo sendo um grande estado de potencialidades tanto na agricultura como na pecuária, só foi experimentar as inovações tecnológicas nas décadas seguintes, ainda assim de maneira bem heterogênea no território.

A história do Laticínios Bela Vista começou nesse contexto, mais precisamente no ano de 1955, no município de Piracanjuba- GO, situado a 90 quilômetros da capital de Goiás. Nesse mesmo ano, duas famílias da própria cidade, a Rodrigues Nascimento e a Brasil Cavalcante, inauguraram uma pequena fábrica de manteiga com o nome da cidade dando origem a marca Piracanjuba, atualmente conhecida internacionalmente e referência em lácteos em todo o Brasil.

No ano de 1964, João Skaf e sua esposa Haifa Helou Skaf compraram a fábrica dos fundadores e primeiros sócios do laticínio, e em 1974, o Saladi Helou, cunhado de João Skaf, trocou uma casa em São Paulo pela fábrica em Piracanjuba. Dessa forma, Helou assumiu a fábrica, ao lado da mulher, Cleópatra, dando início a história da marca.

Helou e Cleópatra tiveram juntos dois filhos: Marcos e César. Na adolescência, estes foram morar com uma tia na cidade de Goiânia para estudarem. Logo após terminarem o colegial na capital de Goiás, retornaram a São Paulo para cursarem Engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Enquanto isso, em Goiás, Saladi Helou administrava sozinho a fábrica ao lado de sua esposa. Nesse momento a empresa era pequena, como mostra a figura 01, e fabricava queijos e manteiga.

Figura 01: Laticínios Bela Vista (Piracanjuba-GO – 1955)



Fonte: QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA (2017)

No ano de 1985, Saladi Helou sofreu um infarto, aos 59 anos de idade, o que lhe ocasionou sua morte. Com seu falecimento, Marcos e César, que na época estavam com 27 e 24 anos, assumiram a presidência da empresa que nesse momento contava com um processamento de dois mil litros de leite diariamente e aproximadamente dez funcionários ativos. Após menos de um ano à frente da empresa, os irmãos resolveram ampliar o negócio e se instalaram no município de Bela Vista de Goiás. Assim a família dobrou a produção ao abrir uma fábrica de queijos e desde então “vem crescendo ritmo acelerado, com números surpreendentes, batendo recordes a cada dia e atingindo metas antes mesmo do que o planejado” (SIQUEIRA, 2015).

Figura 02: Novas Instalações do Laticínios Bela Vista (Bela Vista-GO – 1986)



Fonte:QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA. (2017)

Em matéria feita por Daniel Godim, em 2017 ao portal “Empreender em Goiás” os irmãos Marcos e César Helou contaram que no ano de 1994 se depararam frente a uma grande tomada de decisão. Decisão esta que poderia mudar o futuro da fábrica em relação a sua consolidação. E de fato mudou. A empresa teve um faturamento considerável neste ano, e os irmãos tiveram de decidir entre investir na ampliação da fábrica em Bela Vista de Goiás ou em outros negócios a parte. Após refletirem bastante, eles optaram por iniciar uma reforma na empresa que se tornou um divisor de águas para a marca Piracanjuba.

Os irmãos ainda ressaltaram que a princípio a ideia era considerada por alguns equivocada. E que o medo de não dar certo os assombrou, pois era a primeira vez que unidade se modernizaria fisicamente contando com refeitório, lavanderia, gastos com segurança e outros. Outro fato preocupante era que mesmo a fábrica tendo a capacidade de processamento de 150 mil litros diariamente, só produzia 70 mil em 1994. Essas incertezas os inquietavam, pois, além da fábrica caminhar com menos da metade de sua capacidade, o mercado era desanimador. (GODIM, 2017). Na figura 03, abaixo, é possível perceber o crescimento da unidade fabril, comparando-a com a imagem anterior que mostra seus aspectos físicos no ano de sua instalação no município.

Figura 03: Ampliação da Planta Industrial do Laticínios Bela Vista(1998)



Fonte:QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA (2017)

Em meio a esse momento de mudanças, de modernização da empresa e de crise no mercado, os irmãos Helou começaram a investir na produção de manteiga e queijo para grandes redes de supermercados do Brasil, como Carrefour e Pão de Açúcar, conhecidos nacionalmente e com filiais em quase todos os estados na época. Esses supermercados almejavam investir em novas marcas de qualidade que cativassem o consumidor para atrair mais a clientela. Assim, a marca Piracanjuba em pouco tempo, conseguiu fechar vários contratos para o abastecimento de 15 grandes clientes. Nessa ocasião a empresa quase atingiu sua capacidade máxima de produção e teve como consequência o aumento de seu faturamento anual (GODIM, 2017).

No ano de 2001, os irmãos começaram a produzir o leite Longa Vida na empresa. A produção do leite em caixinha deu projeção ao nome da marca em nível nacional e trouxe segurança financeira para a empresa, que há pouco tempo tinha investido tanto para isso. Segundo a fala de César Helou, a Daniel Godim (2017) a produção do leite longa vida ocasionou a empresa um capital de giro significativo pela rápida inserção do produto ao mercado, diferentemente do queijo que precisa em média de 30 dias para estar no ponto de ser entregue a clientela. Além disso, a partir da virada do século a marca Piracanjuba resolveu diversificar seu portfólio, a começar da produção do leite longa vida já dito, depois com a criação do seu creme de leite, leite condensado e o lançamento do Pirakids.

Em 2007, os irmãos Marcos e César receberam uma oferta pela fábrica e segundo relatos dos mesmos, essa oferta foi responsável pela consolidação do Laticínios Bela Vista. Nesse período a economia mundial vivia seu melhor momento no século, em ritmo crescente, abrindo portas para novos negócios. A atividade leiteira que sempre foi muito importante, para economia do país começou a ganhar mais destaque a partir da atuação de indústrias de laticínios, que expandiu o mercado de derivados de leite no Brasil. Nesse contexto, investidores fizeram ofertas com valores significativos, porém todas foram recusadas pelos irmãos, que continuaram com o negócio.

Junto à decisão de continuar os negócios, os irmãos também optaram por não mais produzir marcas de terceiros para supermercados, mesmo a fábrica tendo muito faturamento com produtos terceirizados. Segundo eles, era o momento de fortalecer os produtos do Laticínios Bela Vista e a marca Piracanjuba. Assim, há por parte da empresa investimentos em promoção de seus produtos, através de campanhas publicitárias com artistas renomados, a criação de novos alimentos, a profissionalização e qualificação na empresa, a promoção de gerentes para cargos de diretor e a contratação gerentes comerciais no estado de São Paulo e na região do Nordeste para ampliação do mercado e divulgação dos produtos alimentícios. (GODIM, 2017).

No ano de 2008, o Laticínios Bela Vista já possuía uma estrutura moderna e altamente tecnológica e com departamentos específicos para que o nome da marca se firmasse nacionalmente como referência de lácteos. Nesse ano conquistou o selo Halal, certificado que lhe permitiu comercializar seus produtos no mercado islâmico, atendendo às normas de qualidade e especificidade deste nicho de consumo, além de alcançar a 4ª posição no ranking dos maiores laticínios no Brasil.

Tudo isso só foi possível graças a investimentos para o aumento da capacitação de leite que consequentemente alavancou as vendas da marca. Na figura 04, é possível observar uma significativa transformação física da fábrica com ampliação de seu tamanho, bem como um novo design.

Figura 04: Laticínios Bela Vista no Ano de 2008



Fonte:QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA (2017)

No ano de 2015 foi publicado um livro em homenagem aos 60 anos do laticínio, baseado em entrevistas com diretores, colaboradores e donos da marca Piracanjuba. Na mensagem da obra (SIQUEIRA, 2015) é ressaltado que a celebração dos 60 anos do Laticínios Bela Vista transcende uma cerimônia festiva, pois comemora também recordes, expansão dos horizontes com a criação de novas fábricas e postos de captação, prêmios conquistados, lançamentos de novos produtos no mercado e um alcance significativo da marca em todo o território nacional. Além disso, é um dos maiores laticínios do Brasil e gera mais de dois mil empregos diretos, para o município de Bela Vista de Goiás e regiões vizinhas, bem como milhares de empregos indiretos por todo o país.

Na obra “Piracanjuba 60 anos – Uma história de sucesso”, o autor destaca que desde a instalação da fábrica em Bela Vista de Goiás em 1985, sua prosperidade é muito visível, pois fechou o ano de 2013 com um faturamento próximo a 1,7 bilhão de reais (59% a mais do que em 2012) e 2014 com faturamento superior a 2 bilhões de reais. Para conseguir esses números de faturamento, foi necessário que a fábrica fosse ampliada, inaugurando assim duas novas unidades, sendo uma na cidade de Maravilha (SC) e outra em Governador Valadares (MG), as fábricas juntas possuem capacidade de produção de 4,3 milhões de litros de leite por dia. Sobre o crescimento da marca Siqueira pontua que:

A Piracanjuba vive em uma ilha diferente do contexto do Brasil e até do mundo. Enquanto o PIB do país vem crescendo em números bem próximos a 1% - e o PIB da China a 7% - o Laticínios Bela Vista cresceu 20% em 2014 e, na média dos 10 últimos anos, cerca de 30% por ano (SIQUEIRA, 2015, p. 72).

Siqueira (2015) ressalta que para laticínios é usada a quantidade de leite captada por ano para compreender quanto tal fábrica cresce. Assim, é perceptível ver o crescimento do Laticínios Bela Vista, uma vez que, este saiu de uma produção de 2 mil litros por dia em 1985, para 150 mil litros em 1998 e atualmente processa 4,3 milhões de litros diariamente. Tal crescimento pode ser entendido por sua localidade, pois as cidades e regiões que estão em torno do laticínio têm sua economia voltada para a pecuária leiteira, como o município de Piracanjuba, considerado uma das maiores bacias leiteiras de Goiás. Em geral, o estado de Goiás tem sua atividade econômica impulsionada pelas práticas agropecuárias, sendo a pecuária dominante.

A partir das entrevistas realizadas com os colaboradores do laticínio, Siqueira (2015), relata que todo processo de produção da fábrica se inicia na fazenda, com a coleta da matéria-prima que é transportada para as unidades. Após a chegada, o leite passa por um processo de verificação de qualidade, em que é analisado seu teor gordura, teor de sólidos, acidez, estabilidade e temperatura, com o intuito de garantir que qualidade e segurança ao consumidor.

Porém nenhum leite é descartado ao não atingir o padrão de qualidade imposto pela empresa e quem toma prejuízo é o produtor, por não ter conseguido qualidade em seu leite. É válido ressaltar que a qualidade procurada também é uma forma de manter o produto em alta no mercado, haja vista, que a concorrência nesse setor alimentício é grande, além de que na atualidade há uma fiscalização atuante.

No capítulo intitulado “As Fábricas” do livro “Piracanjuba 60 anos – Uma história de sucesso”, Siqueira (2015) faz uma descrição superficial sobre as três unidades de produção do laticínio. Segundo o autor a fábrica de Bela Vista de Goiás é a maior dentre elas, sendo uma das maiores do Brasil no segmento de laticínios. Ao ter sua sede transferida para Bela Vista de Goiás, a fábrica iniciou suas atividades com capacidade total de cinco mil litros por dia de leite em 1986.

Segundo Siqueira (2015), o local escolhido para construir a nova fábrica foi comprado pelo Sr. Salé (pai dos atuais donos), porém esboçado e edificado por seu filho Marcos. Diariamente são centenas de caminhões carregados de leite e outros que saem levando produtos para todo o Brasil, além do fluxo de colaboradores chegando e saindo de seus turnos, 24 horas por dia. Siqueira também ressalta que oito, dos quinze laboratórios da empresa que são responsáveis por insumos e produtos finais, ficam nessa unidade.

A fábrica de Maravilha em Santa Catarina surgiu da necessidade de expansão da empresa. Para falar dessa unidade, Siqueira traz o relato de Mário Sérgio Pires Pinheiro, na ocasião gerente industrial da unidade de Maravilha, em que diz que “durante uma reunião sobre a expansão da empresa, apontamos para o sul do país como uma região cuja bacia leiteira estava crescendo mais do que a média nacional” (apud SIQUEIRA, 2015). A fábrica foi inaugurada em 2011, com mais de 400 colaboradores.

A unidade de Governador Valadares também nasceu da necessidade de ampliação da produção, buscando atender a demanda do mercado consumidor. Siqueira (2015) pontua que a escolha do local foi feita pela Diretoria de Expansão, que considerou a cidade moderna, com excelentes escolas e situada numa bacia leiteira com potencial para atender o projeto, assim, a fábrica entrou em funcionamento em julho de 2014. Além disso, o estado de Minas Gerais é um dos principais produtores de leite do Brasil, o que trouxe mais segurança para se investir na instalação de uma filial da fábrica.

Sobre sua estrutura organizacional, Siqueira (2015) pontua que, no ano de sua fundação em 1955, a empresa dispunha de somente dois funcionários, e a partir de 1985, ano em que os irmãos Helou passam a comandar a fábrica, estes sentiram a necessidade de contratar um contador, pois esta função era desempenhada pelo Salé. Dessa forma, havia a necessidade de organizar e regularizar toda a estrutura da empresa, e nessa ocasião foi contratado um profissional da área de administração na década de 1990, Colemar Nunes Filho. O autor ressalta que foi Colemar que ajudou os irmãos a iniciarem o processo de profissionalização do Laticínios Bela Vista. E em seguida chegou o Sr. Geraldo Ludovicce, que já atuava no setor de laticínios.

Segundo Siqueira (2015) no ano de 1997 foi contratado José Pereira Silveira para assumir a Gerência Industrial da nova fábrica em Bela Vista de Goiás. E no ano de 2000 Luiz Magno de Carvalho se efetivou na empresa no cargo de Gerente de Política Leiteira. E neste momento os irmãos Marcos e César Helou eram respectivamente, Diretor Industrial e Diretor Comercial.

Siqueira (2015) ressalta que no ano de 2002, existiam 180 pessoas em seus quadros, dobrando esse número no ano de 2004. Esses números foram crescendo com o passar dos anos e em 2008, houve a necessidade de reestruturar o setor administrativo a fim de fortalecer o nome da marca Piracanjuba. Foi nesse momento que os irmãos Helou

promoveram os gerentes a diretores e contrataram uma nova equipe de gerentes jovens, com perfil criativo.

Sobre a organização administrativa do Laticínios Bela Vista, não dispõe de um presidente, assim os irmãos Marcos e Cesar Helou dividem o cargo de Superintendente na empresa. E qualquer decisão a ser tomada na fábrica é feita em conjunto por seis diretorias, que são elas: Diretoria Industrial, Diretoria Administrativa e Financeira, comandada, Diretoria de Operações, Diretoria de Relações Institucionais, Diretoria de Política Leiteira e Diretoria Comercial. O Laticínios Bela Vista caracteriza as funções dessas diretorias da seguinte forma:

- A Diretoria Industrial é responsável por todos os projetos de construções e ampliações da empresa, tanto na área estrutural, como na compra de maquinário, manutenção e Pesquisa e Desenvolvimento.
- A Diretoria Administrativa e Financeira é responsável pela administração de empresa, que engloba os departamentos de Gestão de Pessoas, Controladoria, TI e Financeiro.
- A Diretoria de Operações controla a logística interna da empresa, desde a compra de suprimentos, produção e estoque e expedição, abrangendo as áreas de Garantia de Qualidade e Meio Ambiente.
- A Diretoria de Relações Institucionais foi criada para o relacionamento com entidades de classe, clientes, fornecedores e órgãos públicos.
- A Diretoria de Política Leiteira e Expansão abrangem toda relação com o setor produtor de leite e pesquisas de expansão.
- A Diretoria Comercial responde pelo direcionamento das atividades e das políticas dos departamentos Comercial e de Marketing e desenvolve planos de negócios e estratégias.

Na atualidade a dona da marca Piracanjuba já ocupa lugar de destaque entre os maiores laticínios do Brasil, ocupando o 2º lugar dentre as maiores empresas do ramo. Além disso também, vem recebendo prêmios de cunho nacional e internacional. Esse reconhecimento se dá pelo alcance conseguido pela marca nos últimos anos, aos produtos e à sua gestão.

Figura 05: Laticínios Bela Vista em 2018.



Fonte:QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA. 2017.

Segundo informações obtidas no site oficial da própria empresa, no ano de 2014, o Laticínios Bela Vista apropriou-se do título de “Melhor Empresa do Agronegócio no Segmento de Leite e Derivados”, no Anuário Melhores e Maiores da Revista Exame. A empresa conseguiu o título por seu aumento nas vendas no setor de bens de consumo. Onde na ocasião conseguiu o 1º lugar. Além desse importante reconhecimento o Anuário Valor 1000 confirmou a fábrica como a 5ª maior empresa do ramo alimentício do país e 296ª maior empresa brasileira. Ainda nesse mesmo ano o Laticínios Bela Vista recebeu o prêmio “Melhor Empresa do Agronegócio no Segmento de Laticínios” que foi promovido pela Editora Globo, juntamente com a Revista Globo Rural.

A empresa, ano após ano tem conseguido bater metas e se consolidar cada vez mais dentro do agronegócio de laticínios, tanto em nível nacional e internacional. Assim, segundo a Revista Globo Rural, a indústria de processamento de derivados goiana teve como receita líquida no ano de 2017, cerca de R\$ 2,9 bilhões, o que significou um aumento de 8% em relação ao ano anterior.

No ano de 2017, após conseguir números surpreendentes em sua receita, o Laticínios Bela Vista recebeu o prêmio “Líderes do Brasil” do estado de Goiás. Esse prêmio mostra a atuação da empresa a nível nacional, destacando sua contribuição em relação a geração de empregos tanto diretos, como indiretamente e na difusão do agronegócio de leite tanto em Goiás, como em outros estados do país, visto que existem filiais instaladas em Santa Catarina e Governador Valadares.

Em relação ao número de produtores direto no ano de 2018, o Laticínios Bela Vista ocupou manteve o 1º lugar em quantidade de fornecedores para a marca em relação

ao ano de 2017, com 8.030 produtores, quase dois mil a mais que o ano anterior, segundo um levantamento feito pela equipe da *MilkPoint* apresentado na tabela 02:

Tabela 02: Ranking dos 13 Maiores Laticínios por Número de Produtores em 2018.

Empresa	Número de produtores direto
Laticínios Bela Vista	8.030
Aurora	4.900
CCGL	4.123
Centroleite	3.624
Jussara	3.359
Nestlé	3.004
Frimesa	2.524
Cativa	2.351
Embaré	1.514
UNIUM	1.336
Vigor	939
Danone	264
DPA Brasil	146

Fonte: *MilkPoint*, 2018.

Ainda considerando o estudo do *MilkPoint*, o dono da marca Piracanjuba, também aparece entre os treze maiores laticínios do país em relação a produção diária de cada produtor. Os dados nos mostram que o perfil de seus fornecedores é constituído por pequenos produtores, pois a média foi de 377 litros por dia, colocando o Laticínios Bela Vista na 7ª posição no ranking, como mostra a tabela 2. A média de 2018 sofreu alterações em relação ao ano anterior, onde teve média de 358 por produtor.

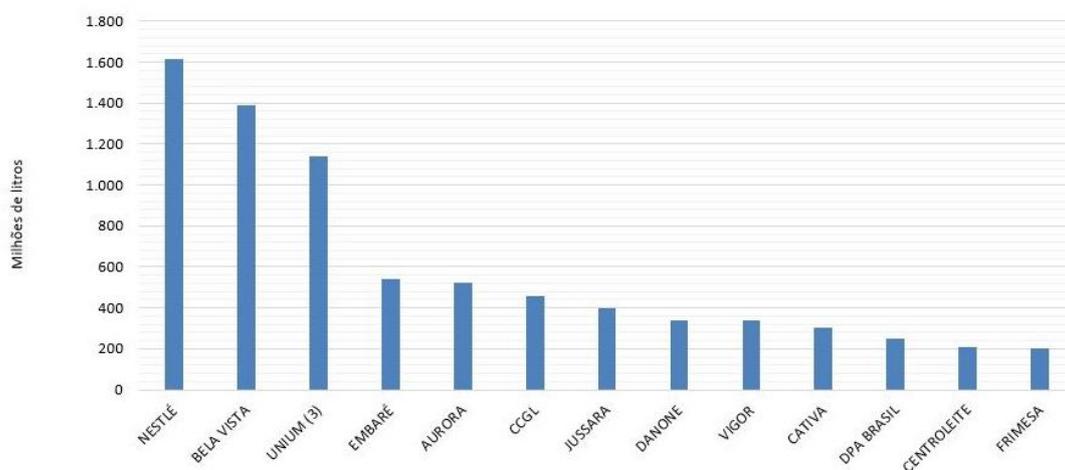
Tabela 03: Ranking dos 13 Maiores Laticínios por Litros/Produtor em 2018.

Empresa	Litros de leite por produtor/dia
Danone	1.655
UNIUM	1.498
Nestlé	829
DPA Brasil	797
Vigor	710
Embaré	667
Laticínios Bela Vista	377
CCGL	302
Aurora	284
Cativa	258
Jussara	242
Frimesa	193
Centroleite	144

Fonte: *MilkPoint*, 2018.

E em relação à volume da produção, o Laticínios Bela Vista alcançou em 2018 a 2ª posição, com 1.400.000,00 litros de leite, ficando atrás só da Nestlé que na ocasião conseguiu uma produção de 1.600.000,00, como aponta o gráfico da *MilkPoint*. Esses números mostram a proporção do Laticínios Bela Vista em nível nacional, representando uma das maiores indústrias de processamento de leite e derivados do Brasil.

Gráfico 01: Maiores Indústrias de Laticínios em Volume de Produção (2018)



Fonte: *MilkPoint*, 2018.

Agora no ano de 2019 o Laticínios Bela Vista deu mais um grande passo em relação a sua magnitude, fechando um acordo com a marca Nestlé, a maior indústria de processamento de leite e derivados no país, para a produção e distribuição de leite UHT em território brasileiro. Nesse acordo ficou estabelecido que por dez anos, as marcas “Ninho” e “Molico” serão certificadas pela marca Piracanjuba, objetivando que está se difunda em passo acelerado no segmento UHT, elevando tanto a Nestlé como o Laticínios Bela Vista para que estas se tornem as duas maiores dessa categoria. Em relação ao acordo entre as duas gigantes, a empresa goiana tomará as fábricas da Nestlé que produzem os leites UHT e absorverá os funcionários dessas localidades: Três Rios (RJ) e Araraquara (SP) e parte da fábrica de Carazinho (RS).

A chegada do Laticínios Bela Vista ao município de Bela Vista de Goiás, em 1986 foi considerado por muitos, importante para o desenvolvimento daquela pequena cidade interiorana, cuja atividade econômica se concentrava na agropecuária, sobretudo na

produção de leite. A mudança da sede aconteceu pelo fato do município de Piracanjuba não ter a quantidade de água que o novo edifício demandaria e também por não dar os mesmos incentivos fiscais que o município de Bela Vista na ocasião proporcionou.

Sua instalação neste município coincide com o momento de crescimento da produção de leite no estado, propiciado pelos incentivos do governo e pelo avanço das inovações tecnológicas que foram surgindo no campo. Assim, percebe-se que foi um período de muitas mudanças tanto para lógica de produção, que alcançou níveis consideráveis, como para os complexos agroindustriais que conseguiram se consolidar no mercado econômico, a partir da adoção a esses novos equipamentos que proporcionaram a produção em larga escala dos produtos agropecuários, fortalecendo o agronegócio em nível nacional.

O Laticínios Bela Vista é um agente do agronegócio na cidade de Bela Vista de Goiás e regiões em torno, pois fornece segurança a atividade leiteira de diversos produtores e gera centenas de empregos para a população, movimentando a economia da cidade. Além disso, também tornou a região completamente dependente da indústria de laticínios, se tornando, na prática, o substituto do Estado no fomento do desenvolvimento rural, chegando a desempenhar o papel de banco para os produtores. É comum por parte dos produtores rurais contraírem empréstimos da fábrica, com desconto mensal em sua folha de leite. Mesmo que tal fato possa ser encarado como benéfico, só serve para salientar as práticas predatórias de dependência do produtor em relação a indústria de laticínio. E que nem sempre os que estão nessa situação conseguem enxergar.

O seu crescimento e consolidação nos últimos anos o fez ganhar projeção nacional e internacional e isso foi percebido nas propriedades às quais são fornecedores da marca. Pois, na medida em que marca foi se modernizando e ampliando seus mercados e aliada as mudanças que foram sendo efetuadas por força das alterações na legislação, que estabeleceu novos parâmetros de produção e de consumo, o laticínio impôs uma modernização do meio rural. E isso talvez possa passar despercebido, mas ao cobrar pela qualidade do leite nas fazendas, ela impõe uma nova maneira de se produzir, com técnicas, equipamentos, produtos e qualificação de profissionais.

O Laticínios Bela Vista possui serviço de assistência técnica ao produtor de leite, dispondo de profissionais como: médicos veterinários, zootecnistas, agrônomos, dentre outros. Mas esse serviço não é oferecido gratuitamente. O produtor que deseja ter

assistência tem que desembolsar dinheiro para tê-la. E no final das contas é o laticínio que sai em vantagem, pois além de cobrar pelo serviço prestado, garante a qualidade do seu produto, haja vista que, as fazendas que são bem estruturadas e recebem acompanhamento especializados tendem a serem mais produtivas e sofrerem mesmo com problemas que podem comprometer a atividade leiteira. Essas profissões citadas ganharam ênfase após a modernização do meio rural, que além de sofisticar a lida, exigiu a profissionalização da produção. E são extremamente importantes nessa cadeia produtiva do agronegócio.

A instalação da fábrica em Bela Vista de Goiás, possibilitou o crescimento desta, bem como do agronegócio. De acordo com dados do Instituto Mauro Borges, no ano de 1999, os valores dos financiamentos concedidos por instituições financeiras públicas e privadas, pertencentes ao Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), a produtores de cooperativas de produtores, para fins de comercialização nas atividades pecuárias era de 40.000 reais. No decorrer dos anos seguintes houve um crescimento em relação a esses valores, chegando a dez milhões reais no ano de 2017.

CAPÍTULO III

“AQUI NUM TINHA ENERGIA, NUM TINHA NADA”: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DA MECANIZAÇÃO NO CAMPO

Os homens e as mulheres retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses como antagonismos, e em seguida, tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Edward Palmer Thompson (1981)

Nos capítulos anteriores abordamos um pouco do processo de industrialização e urbanização brasileira e a forma como o campo foi afetado, tanto em termos de reestruturação produtiva, ou seja, o impacto desse processo nas relações econômicas e de trabalho no meio rural, quanto nos modos de vida dos seus moradores, embora não fosse este o foco principal.

Nossa abordagem buscou entender os impactos da mecanização no campo em Goiás, a partir da investigação do surgimento e crescimento do Laticínios Bela Vista e a relação com os trabalhadores e pequenos proprietários rurais de seu raio de alcance na bacia leiteira goiana. Na medida em que a indústria de laticínios crescia, a ponto de se tornar uma das maiores do país, juntamente com a expansão da mecanização das atividades laborais no campo, mudavam, também, os modos de vida dos seus habitantes, suas práticas sociais e visões de mundo.

Do ponto de vista metodológico, nos concentramos na revisão bibliográfica e análise de fontes e documentos escritos. Entendemos que, a partir desses procedimentos, o olhar do pesquisador pode ficar excessivamente centrado na perspectiva do cenário maior, sem o aprofundamento que permitisse trazer para a superfície o ponto de vista dos produtores rurais.

Por conta dessas reflexões, nossa proposta para este capítulo é abordar essas mudanças na perspectiva dos produtores rurais, ou seja, deslindar a forma como os habitantes do campo, trabalhadores e pequenos proprietários, vivenciaram esse processo e como o elaboraram, como memória, nas últimas décadas.

3.1. Fontes Orais e a Construção do Conhecimento

O processo de modernização do campo e complexidade, sobretudo em suas relações econômicas e sociais, não pode ser apreendido apenas pela enumeração de dados econômicos e/ou demográficos. É necessário ouvir as pessoas, compreender, a partir de suas narrativas, suas trajetórias e experiências, as mudanças de suas práticas sociais que o processo de transformação envolve.

Mas, antes, já respondemos a uma crítica que provavelmente se levantará. Qual a importância das fontes orais e de que forma elas podem contribuir para o tipo de pesquisa proposta?

A primeira parte da resposta diz respeito ao uso das fontes orais em si. Alessandro Portelli, um dos mais importantes teóricos da História Oral defendeu a paridade de armas entre as fontes orais e os demais tipos de fontes na escrita da História, bastando-se por si própria e suas características, embora não tenha excluído a possibilidade de que fontes orais e fontes escritas fossem complementares. Afirma o autor que:

[...] as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor do que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos (PORTELLI, 1997, p. 26).

Paul Thompson (1998) vai na mesma direção de Portelli ao propor seu entendimento da relação entre a fonte oral e as demais possibilidades do abrangente conjunto de fontes possível ao trabalho historiográfico. Tomando como exemplo a biografia de Henry Ford, Thompson (1998) reflete que o vasto corpus documental disponível é como um conjunto de peças que possibilitam abarcar as realizações e atividades desempenhadas pelo industrial americano ao longo de sua experiência profissional e de vida. No entanto, os depoimentos que ele concedeu ao seu biógrafo, foram fundamentais para demonstrar seus métodos, motivações e visões de mundo, de forma a organizar as peças do quebra-cabeça que formaram o enredo de sua atuação e a relação com seu tempo.

Yara Khoury (2004) corrobora a interpretação dos dois teóricos da História Oral ao defender que a memória narrada pelo sujeito é uma elaboração social de sua experiência – relação esta que deve ser compreendida na interação com outros sujeitos e instituições – tornada memória que, ao ser por ele narrada, dá sentido à sua ação ao longo do tempo (KHOURY, et al., 2004).

Mas, Portelli (1997) faz dois alertas. O primeiro é sobre a hierarquização das fontes, supervalorizando as fontes orais em detrimento das demais fontes, ou depreciando-a, também na relação com as demais. Avisa o autor que as fontes orais não são “meros suportes para fontes tradicionais escritas, ou cura ilusória para todas as doenças” (PORTELLI, 1997, p. 26). Esse alerta é importante, sobretudo em um tipo de pesquisa que

não tem na História Oral sua centralidade metodológica. Ao escolher as fontes orais como possibilidade de complementação do enredo de que tratamos, nosso olhar é de pensar de que forma se pode ir além da análise geral e buscar o olhar dos sujeitos diretamente afetados pelos processos descritos.

O segundo alerta do autor italiano é para que não se confunda a narrativa oral com o esforço jornalístico do “ouvir o outro lado”, numa compreensão rasa de que a narrativa dos fatos é sempre dual, um esforço de oposição de lados opostos permanentemente. A narrativa oral é uma elaboração da memória do sujeito que narra, embora o estímulo da narrativa seja determinado pelo pesquisador, ao escolher quais perguntas fazer.

Numa pesquisa em que a escolha for por mais de um narrador, o teor das narrativas geralmente será diferente, embora se parta de um terreno comum de experiências compartilhadas, no caso, o fato de serem produtores rurais e sua relação com o Laticínios Bela Vista. É por isso a indicação de que na narrativa oral não há “um sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador” (PORTELLI, 1997, p. 26).

A segunda parte da questão, sobre a contribuição do uso das fontes orais para a pesquisa em si, cremos que já foi parcialmente respondida nas reflexões acima, mas entendemos ser relevante acrescentar que as narrativas orais dão “carne” ao debate, ou seja, trazem as pessoas, suas demandas e visões de mundo de forma mais contundente, pois, conforme verificamos, as fontes orais tratam da “vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos” (PORTELLI, 1997, p. 27) pesquisados, a partir deles próprios, sem outras mediações institucionais, a não ser a mediação do pesquisador. Isso se relaciona ao que o espanhol Josep Fontana afirmou ser a tarefa dos intelectuais, “recuperar os fundamentos teóricos e metodológicos sólidos que possibilitem ao nosso trabalho nos colocar em contato com os problemas reais dos homens e mulheres de nosso mundo” (FONTANA, 2004, p. 18).

Os problemas reais dos homens e mulheres do mundo da produção leiteira não são apenas inerentes à sua atividade profissional¹⁰; são, também, relacionados às formas como

¹⁰ Ressaltamos que não trataremos os sujeitos sociais com quem dialogamos – pequenos e médios produtores rurais, proprietários de terra – a partir da categoria de camponês, pela própria complexidade do termo e seus significados, políticos, sociais e econômicos, no universo rural brasileiro. Sobre o tema, indicamos, entre outras, a obra de José de Souza Martins (1990), disponível na bibliografia.

cada um elabora sua experiência de vida e profissional. Aqui incluímos a forma como sua atividade profissional se insere na cadeia produtiva leiteira mais geral, na qual o papel ocupado por empresas de transformação como o Laticínios Boa Vista é fundamental.

3.2. Mecanização e Mudanças na Produção Leiteira

De toda a comunidade de destino – produtores leiteiros que se relacionam com o Laticínios Bela Vista – escolhemos uma rede (MEIHY, 2005, p. 177) composta por sujeitos que tem relações familiares com a própria pesquisadora, tanto pela facilidade de acesso quanto pela experiência pessoal de observação das dificuldades desses sujeitos em sua prática profissional.

Os entrevistados foram contatados previamente, por ligação telefônica. Após o primeiro contato, marcamos um encontro individual com todos, detalhando o tipo de pesquisa realizada e os objetivos das entrevistas. Informamos a todos que seus depoimentos partiriam das questões elaboradas para a pesquisa, mas que estariam livres para ampliar as respostas como quisessem. Esse tipo de entrevista é próprio da História Oral Temática, que permite articular, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos, partindo de questionários semiestruturados, ou seja, de questões básicas formuladas que permitiram ao narrador discorrer sobre o assunto na forma como sua memória foi elaborada subjetivamente (QUEIROZ, 1988). As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro do ano de 2019.

Foram cinco os entrevistados. Nas conversas iniciais, solicitamos que cada um nos contasse um pouco de si mesmo e de sua experiência como pecuarista voltado à produção leiteira. A partir dessa questão, podemos apresentar nossos narradores. O primeiro deles se chama Nelson Ribeiro Barbosa, de setenta e seis anos de idade e produtor leiteiro há mais de cinquenta anos. O segundo disse se chamar Juverson Machado de Oliveira, relatando estar com a idade de cinquenta e cinco anos e atuando como produtor rural há mais de trinta e cinco anos. Depois, apresentamos o senhor Edmilson de Oliveira Borges, que, aos cinquenta e um anos de idade, atua na produção leiteira há cerca de trinta anos. Nosso quarto narrador se apresentou como José Cláudio Moraes Carneiro, de sessenta e um anos de idade, mas, dentre todos, sendo o que atua a menos tempo na produção leiteira, há pouco mais de treze anos. Por último, o senhor João Machado de

Oliveira, de sessenta e nove anos de idade e atuando na produção leiteira há mais de trinta anos.

Ainda nessas conversas pré-entrevistas, pudemos constatar que um ponto comum para todos, ao serem questionados dos impactos que a modernização trouxe para eles, estava o elemento econômico. Todos iniciaram nos contando como sua produção aumentou e a instalação da energia elétrica foi o primeiro elemento dessa modernização a ser lembrado. Essa memória também entrelaça a facilitação e simplificação da lida do campo e das novas técnicas de ordenha com a melhoria da qualidade do produto, exigência, sem dúvida, das mudanças do perfil dos consumidores e das indústrias de laticínios.

Nossa primeira constatação é que não se percebe saudosismo ou nostalgia nas lembranças sobre a vida anterior à chegada da energia elétrica e as consequentes mudanças tecnológicas. Todos relataram os impactos nos modos de vida como importante, fazendo com que, no campo, finalmente passassem a dispor de comodidades que antes estavam restritas à cidade. Da mesma forma quando se referem à produção leiteira. Para todos os entrevistados, o modelo de produção leiteira manual seria inviável, sem dispor de equipamentos como ordenha, tanquinho de refrigeração, tratores, dentre outros, pois, além de limitar a produção em termos quantitativos, impede a ampliação da qualidade.

A segunda constatação é que, ao falarem sobre a vida anterior à chegada da energia elétrica, parecem estar se referindo de um espaço temporal muito maior do que realmente o foi, quase como se fosse um mundo descrito de outra vida. É como nos relata o senhor Juverson Machado de Oliveira. Nossa entrevista com o senhor Juverson aconteceu no dia dez de setembro de 2019, em sua propriedade, na zona rural do município de Piracanjuba-GO.

Apesar de ser o segundo mais novo entre os entrevistados, o senhor Juverson é um dos dois mais antigos produtores rurais a nos conceder a entrevista, sempre dedicado à produção leiteira. Isso é ele mesmo quem conta, ao explicar que sua experiência com a produção leiteira vem da adolescência, ainda na propriedade de sua mãe. O senhor Juverson relembra todas as mudanças ocorridas e explica que, se teve aspectos positivos, já apontados, também não se pode esquecer dos elementos negativos, como, por exemplo, a defasagem do preço do leite produzido. Em suas palavras,

[...] a melhoria foi muito grande né? Hoje a atividade leiteira é muito diferente de uns anos pra trás, a qualidade de leite melhorou, a evolução foi chegando, que lá atrás num tinha as exigências que tinha hoje né? Penso que hoje foi bãopu

produtor, também mais penalizado. Que a atividade leiteira hoje, ela é ... pra nós aqui não é ruim não. A gente viveu disso a vida inteira, nos últimos anos pra cá anda ficando difícil porque as coisa num anda tendo preço. O leite anda muito defasado de preço, mas a gente espera que isso vai miorá né? (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019).

A fala do senhor Juverson deixa claro que não voltaria a um tempo anterior às mudanças tecnológicas, mas não deixa de demonstrar um dos impactos negativos que o aumento da produção trouxe, como efeitos colaterais: a diminuição das margens para os produtores.

Edgard Alencar (et al., 2001) apontaram esse efeito percebido pelo senhor Juverson, relacionando-o a dois fatores. De um lado, a chegada da mecanização no campo resultou em aumento do custo de produção, pelos valores empregados na compra dos equipamentos necessários. Por outro lado, ainda que a mecanização resultasse em aumento da produção, atendendo uma demanda cada vez maior, nas últimas décadas, isso aconteceu num cenário em que o produtor rural se tornou um elemento de engrenagem numa cadeia produtiva cada vez mais especializada, dominada por grandes grupos agroindustriais, privados ou cooperativos. Alencar (et al., 2001, S/P) definiram essa realidade explicando que, frequentemente, nos últimos trinta anos, “as relações [...] estabelecidas entre este setor e os consumidores podem assumir a configuração de um mercado com traços de oligopólio”.

Como exemplo disso, no ano de 1992, ainda no início desse processo de mecanização da produção rural em muitos lugares no Brasil, das cerca de quarenta e oito mil agroindústrias registradas, apenas “15 empresas abasteciam 80% de todos os alimentos que estavam nas gôndolas dos supermercados do país” (ALENCAR et al, 2001, S/P). No caso das empresas de laticínios, como já apontamos nos capítulos anteriores, o crescimento de empresas como o Laticínios Bela Vista, praticamente destruiu a concorrência em suas regiões de atuação, configurando, regionalmente, monopólios, sujeitando os produtores às suas políticas de compra e distribuição.

A fala do senhor Juverson demonstra a percepção dos resultados dessas políticas. Apesar disso, como já apontamos, ele se alinha aos que veem aspectos positivos, também, para suas atividades produtivas. E, ele ressalta a importância do resfriamento do leite na busca de uma melhor qualidade do produto, impactando, também, no preço final do

produtor, pois o leite que não estiver de acordo com os parâmetros da indústria, além de não alcançar preços melhores, corre o risco de ser penalizado.

[...] foi muito importante. É ... o resfriamento do leite na propriedade foi muito importante. Porque de primeira não tinha, é, lá atrás né. Agora melhorou muito né, porque o leite sai com mais qualidade da fazenda, sai friin já né... De primeira punha o leite no latão, latão não tem qualidade, hoje já tem os tanque né, tem o trator pra por silo. Melhorou muito, mais poca gente cê tira muito leite. Eu penso que foi bom (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019).

Além do resfriamento, a fala do senhor Juverson remete à mecanização, também, das demais lidas no campo, quando alude, por exemplo, ao trator, que facilita a produção e distribuição da silagem.

Mas há outro elemento que podemos perceber na narrativa do senhor Juverson. A mecanização do campo, ao mesmo tempo em que facilitou a lida no campo, ampliando os ganhos de produtividade, foi, por outro lado, responsável por diminuir a mão de obra, na medida em que há uma substituição do homem pela máquina e, por consequência, se tornando um dos fatores de aumento do êxodo rural. De fato, uma das nossas constatações foi que a mão de obra das propriedades em que realizamos as entrevistas é fundamentalmente familiar.

A forma como o senhor Juverson elabora essa questão em sua fala não aponta isso como um problema. Ele não se mostra crítico ou opositor a essa situação. Mesmo que, como vimos, mencione a defasagem cada vez maior do preço do leite ao consumidor, sua narrativa do processo de mecanização é, em geral, positiva. Se a mecanização trouxe custos adicionais de implantação, ao longo do tempo facilitou o processo produtivo, possibilitando a diminuição da mão de obra, diminuiu custos trabalhistas, otimizando seus ganhos. A modernização do campo, nesse sentido, é vista pelo senhor Juverson, ao narrar sua experiência, como positiva.

O senhor Edmilson de Oliveira Borges compartilha dessa visão do senhor Juverson. Ao receber-nos em sua propriedade, a Fazenda Renascer Areia, também no município de Piracanjuba, o senhor Edmilson rememorou sua experiência como produtor rural. Para ele, essa escolha profissional foi natural, já que nasceu em uma família que já se dedicava a essa atividade. Depois de adulto, como produtor de leite há mais de trinta anos, foi com essa atividade que conseguiu criar e formar seus três filhos.

Seu tempo envolvido na atividade, inicialmente como filho de produtores e, depois, ele próprio como produtor, vivenciou em primeira mão todas essas mudanças. Além das observações sobre aumentos produtivos possibilitados pela mecanização, o senhor Edmilson também compartilha da percepção da defasagem do preço do leite para o produtor. E o efeito colateral da mecanização, representado pela diminuição da mão de obra, não é percebido como tal, mas, sim, como algo positivo para o senhor Edmilson, para quem a mecanização:

[...] Uma que facilita muito a mão de obra né. A mão de obra tá custoso. Hoje uma ordenha termo de ordenha cê tem qualidade. Tanquim preço de leite que melhora bastante né. E esse ... geralmente assim, a gente tem equipamento mingua muito a mão de obra a prestação de serviço e a gente sempre tem um lucrinho a mais porque a gente ganha, por que faz com o próprio maquinário da gente né, tem menos custo (Entrevista concedida por Edmilson de Oliveira Borges, 2019).

Otimização do tempo gasto nas atividades diárias, aumento da capacidade produtiva, diminuição dos gastos com mão de obra profissional. O resultado direto desses fatores é o aumento da lucratividade para o proprietário rural. Como vemos, a produção rural, no caso da produção leiteira, está inserida no discurso capitalista, no qual os ganhos produtivos, tanto pelo aumento da produção quanto pela diminuição dos custos de produção, conforme Patrick Fernandes Lopes (et al., 2007), para quem, alinhado às práticas internacionais do capitalismo produtivo, os produtores de leite já se convenceram da necessidade de investimento contínuo na busca dos controles de custos e aumento da escala de produção e distribuição.

No caso dos nossos entrevistados, ressaltamos, mais uma vez, que são pequenos proprietários, cuja mão de obra é, em sua maioria, familiar. Essa condição lhes coloca como representativos do próprio modelo de atividade no Brasil, como mostram os dados do setor, de 2013, em pesquisa realizada pelo BNDES¹¹, que apontava que 58% da produção leiteira no Brasil, no ano de 2006, vinha de pequenas propriedades familiares. Duarte Vilela (et al., 2017), mostram que, mais de uma década depois, essa configuração permanece.

O aumento da produção leiteira, decorrente da mecanização, foi um relato recorrente para todos os entrevistados. Assim nos relata o senhor Juverson Machado de Oliveira, ao comparar sua produção atual com a do início da sua atividade de produtor

¹¹AIA, Guilherme, et al. Produção leiteira no Brasil. BNDES Setorial, n. 37, mar. 2013, p. 371-398, 2013.

leiteiro. Em suas contas, a produção média diária de sua propriedade mais que dobrou, comparada aos anos iniciais, chegando, atualmente, à média de 1.300 litros de leite ao dia.

A percepção do senhor Juverson é corroborada pelos números do setor. De acordo com o estudo de Vilela (et al., 2017), a projeção de crescimento da produtividade do setor de produção leiteira em 2016 era de 3,2% ao ano. Numa linha do tempo mais alongada, esse crescimento correspondeu, entre 1974 e 2015, a 250% vezes por animal, em propriedades mais mecanizadas, com uma média nacional, numa balança entre maior e menor mecanização, de 146% no mesmo período.

Além da mecanização, o senhor Juverson menciona, também, a melhoria da genética do gado. Acrescentamos que a mudança na forma de criar o gado, o manejo das pastagens e as mudanças nutricionais na alimentação também foram importantes para a melhoria da produtividade.

O diálogo a respeito das mudanças tecnológicas e os efeitos na produtividade e melhoria nas condições de trabalho e de vida nos levou a questionar os produtores a respeito da comercialização do leite, haja vista que a relação entre os produtores e o Laticínios Bela Vista, como vimos, é o terreno comum das experiências narradas.

O senhor Juverson narrou que, nos seus trinta e cinco anos de atividades o Laticínios Bela Vista – chamado por ele apenas de Piracanjuba – quase sempre foi o principal destino de sua produção. Um dos momentos em que ele ficou sem fornecer para o Laticínios Bela Vista foi há pouco tempo, no ano de 2018, quando, por cerca de seis meses, passou a fornecer sua produção diária para o Laticínios Marajoara, da cidade de Hidrolândia. O retorno para o Laticínios Bela Vista se deu por divergências em relação ao preço. De acordo com o senhor Juverson, na época, ele tinha “[...] dado uma parada e passado proMarajoara, acho que foi uns seis mês e voltei pro Piracanjuba de novo” (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019).

De acordo com ele, essas mudanças são comuns, pois os produtores buscam os melhores preços para seu produto, citando, como concorrentes do Laticínios Bela Vista, o próprio Laticínios Marajoara, a Italac, de Corumbaíba, a Complem, do município de Morrinhos e a Nestlé, de Goiânia, entre outras. Mas, o tempo de atividades do Laticínios Bela Vista, sua capacidade de manter os pagamentos combinados e localização mais próxima, faz com que o produtor da região acabe retornando para sua rede de fornecimento, mesmo que as exigências da empresa sejam maiores.

É sobre, é... os pagamento na Marajoara. Eles prometero um preço e na verdade eles numguentô o preço, atualizar o preço que a gente tinha combinado. O Piracanjuba sempre foi ... os que ele falava, eles pagavanois. Mais barato, ou que seja, mas pagava. A Marajoara num deu conta de pagar no preço que era cumbinado... o Piracanjuba pela qualidade eles paga melhor, esse é meu pensamento né... é... na verdade eles exige mais a qualidade, o Piracanjuba, mas eles paga melhor, por isso que o povo volta pro Piracanjuba (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019)

A fala do senhor Juverson mostra que a relação de fidelidade dos produtores de leite com o Laticínios Bela Vista, nem sempre tem a ver com preços maiores do que os laticínios concorrentes e descortina uma característica do monopólio da agroindústria que não se sustenta na posse da terra ou na ausência de concorrência. Seu crescimento e expansão ao longo do tempo, como já apontamos, fez com que a empresa acumulasse um capital que lhe permite previsibilidade nas negociações com os produtores.

A narrativa do senhor João Machado de Oliveira, que nos recebeu para a entrevista em sua Fazenda Duas Pontes apresenta os mesmos elementos ao discorrer sobre sua experiência como fornecedor de leite, nos mais de trinta anos de atividades como produtor. Tal como o senhor Juverson, apesar de ter mudado algumas vezes a destinação da produção, as condições de pagamento do Laticínios Bela Vista o fizeram retornar para sua base de fornecedor.

Eu sempre forneci, assim, eu já entreguei pra muitas empresas. Eu já entreguei pra Nestlé. Eu já entreguei pra Itambé, eu já entreguei pra Marajoara. Marajoara eu entreguei duas vezese depois agora por último eu sai. Eu tava no Piracanjuba, sai fui pro Marajoara e depois eu voltei pro Piracanjuba por causa de preço. É ... eu voltei pro Piracanjuba. (Entrevista concedida por João Machado de Oliveira, 2019)

O depoimento do senhor José Cláudio nos ajuda a ir mais além nessa reflexão, pois acrescenta outro elemento para a compreensão das estratégias de construção do monopólio das empresas de laticínios, na relação com os produtores.

Em sua narrativa, ele nos disse que, em tese, os produtores não precisam manter fidelidade a uma indústria de laticínios, por não terem um contrato formal. Essa condição seria sustentada por um acordo informal entre as empresas, que pautariam sua atuação geograficamente, ou seja, estabelecendo o controle a partir das áreas de abrangência de cada uma. Essa seria a forma de manter o monopólio, apesar da liberdade formal de negociação. Pelas palavras do senhor José Cláudio, tem o:

[...] pessoal que entrega pra Marajoara, que entrega pra Italac. Alguns entregam pra Nestlé né. E já teve gente que já entregou pra Tirol. Sempre tem alguma

empresa que vem aqui né ...e...Agora vêm uma opinião, minha opinião, que existe uma divisão grande do mercado, uma divisão de fornecedores, entre os laticínios, sabe? Estabelece numa região e o cara domina aquela região ali. É muito difícil você sair de um laticínio e ir pra outro assim ... (entrevistado estala dos dedos, se referindo a rapidez), eu quero. Não entrego mais leite pra você e entrego pra você: não !. Se eu entregar pra você, ele não pega o meu leite (entrevistado faz sinal com a mão expressando o que ele está falando). Certo? Ou cria muita dificuldade pra conseguir. Assim, a mobilidade, é ... é pequena, é baixa, né. Apesar de não haver nenhum contrato, nenhum compromisso de fornecimento e nem de capacitação, a rotatividade é baixa, justamente por isso. Então apesar de ter empresas, muitas empresas aqui né, é ... não tem essa, vamos dizer essa concorrência, que é o que a gente sempre deseja né, porque se eu produzo leite e vários querem meu leite, eu vou valorizar meu produto. Agora se ninguém quer, eu tenho que vender pelo preço que tão me oferecendo, né ... Esse que é o grande problema. Então assim: existe outras empresas: Sim! Mas existe concorrência: Não, não existe concorrência. (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019).

Justamente esse acordo informal seria a causa de ausência de concorrência em relação ao preço do leite, o que, na avaliação dos entrevistados, impede, não apenas que se tenha instrumentos de negociação com as indústrias, mas que se tenha previsibilidade do valor do produto. O tom dos depoimentos a respeito dessa situação é uma mistura de indignação e frustração, pois não se vislumbra meios reverter-la.

Retomando à fala do senhor José Cláudio, ele acrescenta que a própria forma de remuneração ajuda a manter a relação precária com a indústria de laticínios, ao mesmo tempo em que mantém a incerteza de todos. A remuneração é mensal, sem que o produtor tenha ciência do valor que receberá no final de cada mês, pois não há uma tabela de preços prévia que dê ao pecuarista alguma garantia, variando o valor do leite de acordo com a variação do mercado. É isso que faz o senhor José Cláudio concluir que:

A atividade leiteira é muito sacrificante e você, é... vender um produto sem saber por quanto você tá vendendo, entendeu? É ... na época, a primeira reunião nossa da associação com eles, eu falei: ou o negócio é muito bom. Eu, eu por exemplo, eu sou engenheiro e tô construindo uns apartamentos ... é mais ou menos assim, eu construo o apartamento, hora que o apartamento tá pronto, eu vejo e vendo o apartamento. Aí eu vou chegar pro cara que trabalhou no apartamento e fala ó: o mercado tá ruim, as coisa tá difícil né, precisava vender os apartamentos e vendi por tanto. Então eu só posso te pagar tanto. Eu chego no cara do material de construção, eu só posso te pagar tanto. Então assim é muito bom pro Laticínio porque eu não vou ter prejuízo nunca, nunca. E é mais ou menos isso que, que acontece. De repente o cara vai fazer uma reunião aqui com a gente amanhã e vai falar que o preço do leite vai subir 0,5 centavos, porque vai subir 0,5 centavos?? Aí o mês que vem, ele fala que vai cair 10, porque que vai cair 10?? (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019)

O senhor Nelson Ribeiro Barbosa, de 76 anos de idade e proprietário da Fazenda Boa Esperança, na região da Areia, em Piracanjuba, atualmente alterna sua atividade de

produtor rural – que exerce há mais de cinquenta anos – com a de presidente da Associação dos Produtores de Leite da Areia e Região (Amar-Leite). Os relatos do senhor Nelson também deixam perceber sua indignação ao narrar a relação dos produtores com as indústrias de laticínios. Como os demais, embora em alguns momentos de sua atividade profissional tenha fornecido sua produção para outras indústrias, no momento de seu depoimento era fornecedor do Laticínios Bela Vista.

Como líder de associação de produtores, o senhor Nelson afirma que o debate a respeito da previsibilidade do preço do leite não é recente e que, nos últimos meses, ele mesmo já participara de diversas reuniões e manifestações. Porém, essa movimentação se dá apenas entre produtores, tanto individualmente quanto os representados em associações. Da parte da indústria, não há retorno a respeito dessas reivindicações, o que mantém os produtores numa relação fragilizada e desigual, incapazes de fazer frente até mesmo os aumentos súbitos de insumos e de outros custos que impactam a atividade pecuarista.

Em relação aos outros depoimentos já relatados nesta pesquisa, o depoimento do senhor Nelson corrobora a informação do modelo de remuneração, mas, ao invés do pagamento mensal, ele fala em períodos ainda maiores. Segundo ele:

[...] o Laticínios pega o leite da gente, éee, 55 dias , é ... fiado. Daí, daí que eles começa a pagar com 55 dias. Eles produz o que quer com o leite, vende os produto, ee, e depois que vende, eles tira o deles e o que sobra é o do produtor. Essa é a forma que o produtor recebe e principalmente o Piracanjuba, que não dá preço antecipado nenhum momento. Nois já brigamo, fazemo reunião, manifestamopra pegar preço antecipado, eles não passa ... só sabe na hora que recebe. Se vai baixar tamém, eles fala assim: oh esse mês vai baixar tanto. Se vai ...baixa, 20 centavo, 25 centavo de uma vez. Ai quando vai subir sobe 5, 3. Ai vai la no 1,80; 1,70, e volta cá num 1, 25; 1,20. Ai o produtor não dá conta, porque nada ...nada faz esse... ée... essa mudança né? de ... tudo que cê mantém é ...pode é subir, a despesa pode é subir, não baixá. É a forma que eles ... matém... ta mantendo os produtor agora, o laticínios Bela Vista tão dessa forma. Eu tô falando do Bela Vista porque a gente fornece pra ele né? É... a gente conhece mais por causa de fornecer pra ele e eles são assim. (Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019)

Como já relatamos, o senhor Nelson é o mais velho dos entrevistados para esta pesquisa, além de ser, também, o que está há mais tempo em atividade em sua profissão. Junto a isso, a atuação como líder de associação de produtores, faz com que o senhor Nelson seja uma testemunha privilegiada de todas as mudanças em seu setor econômico. Em sua narrativa, o senhor Nelson reconhece a importância da mecanização da sua atividade, os ganhos reais do processo para o produtor, mas não com um olhar idealizado,

sobretudo por conta das dificuldades econômicas para pequenos produtores – como ele e seus associados – se adaptarem ao processo. Para ele:

A mudança foi devagar né? porque sempre quando... quando a gente iniciou a forma era muito diferente. É leite de latão tirado na mão, curral num tinha, num tinha barracão, num tinha nada. Aos pouco a gente foi mudano né? Foi... chegou um ponto, uma época que fazemo uns financiamento no Banco do Brasil e montamo uma ordenha, e...fizemo um curral, um barracãozin, uns barracão, foi dessa forma que foi mudano. Mas foi mudano aos poco ne? Papodêchegá no que tá hoje.(Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019).

A fala do senhor Nelson nos ajuda a compreender as dificuldades e a precariedade dos trabalhos no campo nos tempos pré-mecanização. Uma vida difícil que não é romantizada por ele. As mudanças nos processos de manejo, possibilitadas pela mecanização do ofício, são vistas por ele como a forma de se manter no negócio e conseguir aumentar os lucros, já que, ao longo do tempo, o preço do leite diminuiu e os custos básicos aumentaram. Sua narrativa não enfatiza a diminuição da força de trabalho resultante da mecanização, mas, ao apontar as perspectivas de ganho no processo de mecanização, tanto para os trabalhos de ordenha e conservação do leite, quanto para equipamentos que lhe permitem produzir os insumos e rações, a relação entre a diminuição da mão de obra e os ganhos advindos disso ficam patentes.

O senhor José Cláudio vai na mesma linha da narrativa do senhor Nelson. Para ele, a posse de equipamentos, como o trator, por exemplo, ao longo do tempo se tornou mais econômica do que o aluguel do mesmo, representando uma importante economia, tanto da hora trabalhada do equipamento quanto de seu operador.

Olha, é ... esses equipamentos, é... eles ajuda muito na produção porque c faz as coisas certinha né? e pra vê se economiza, pra vê se mantém, porque tudo se ocê for comprar tudo, cê não consegue a manter o leite da forma que tão pagando. Agora se você tem um misturador, que mistura a ração, faz a sua ração, o trator faz o seu silo, cê não paga. Aí cê economiza, a ração vai ficar menos ai uns dez reais ne saco, se c fizé, é uma economia. Então, é ...eu vejo dessa forma né? economizá as coisa, mantendo esses... é... equipamento (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019)

O depoimento do senhor José Cláudio desvela uma situação em que a mecanização é, acima de tudo uma imposição, sanitária e mercadológica, da qual a indústria de laticínios é um instrumento normativo efetivo, já que é a ponta da cadeia produtiva da produção leiteira, de um lado, e o início da cadeia produtiva consumidora, como indústria de transformação da matéria prima recebida. Nessa posição, pode recusar a produção leiteira de quem não aderir ao processo de modernização da produção, ajustando

o discurso da necessidade de adequação às regulamentações e às vontades do mercado consumidor.

Essa situação aponta para outra questão, também presente na narrativa do senhor José Cláudio, que é o financiamento do processo. Ao contrário dos grandes produtores, que dispõem de linhas de crédito e que, de tempos em tempos, aderem a processos de refinanciamentos e até de perdão institucional de dívidas, ao pequeno produtor resta financiamento pessoal – e precário, dadas as condições –, a adesão a sistemas coletivos de financiamento, como os das cooperativas, ou, mais raramente, das indústrias e instituições ligadas ao produtor.

Questionados sobre o papel do Laticínios Bela Vista no fornecimento de crédito aos produtores, os entrevistados foram unânimes em afirmar que a empresa fornece crédito aos seus fornecedores, com descontos mensais nos pagamentos do leite. Não se trata de uma opção interessante para o produtor, de acordo com o senhor Nelson:

Existe um financiamento lá que eles chama de Goiás fomento, e eles o financiamento adianta um dinheiro, dependendo da sua forma de.... da sua produção né? Ai eles fornece um tanto lá pela produção, só que é um juro alto pagado mensal tamém,Ai eles fornece um tanto lá pela produção, só que é um juro alto pagado mensal tamém, e... então é uma coisa que não tem ajuda do laticínio. Num existe nada. (Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019)

Além da prática de juros considerados altos, outro elemento se destaca na sua narrativa, que é a vinculação do produtor à indústria, já que impede o produtor de procurar alternativas para o fornecimento de seu produto. Mas ambos – juros e vinculação – não são vistos como um problema para o senhor Juverson Machado, que afirmou que o financiamento do Laticínios Bela Vista é a saída para o pequeno produtor de leite, que quase sempre segue com sua produção no vermelho, principalmente nos momentos de queda do preço do leite no mercado:

O Piracanjuba tem um dinheiro que empresta pro produtor lá, num sei se é Balde Cheio¹², acho que tem Balde Cheio num tem? Programa Piracanjuba?... Como que chama aquele dinheiro lá? (perguntando para um rapaz que está em sua casa). Então existe sim. Aquilo é bãopro pequeno produtor pegá. As vez pra plantar um roça cêta na dificuldade, cê pega e vai pagando no leite né, vai descontando mensal. No pagamento de leite, de forma parcelada. É o mesmo do Goiás Fomento. Então o Piracanjuba tem esse dinheiro e esse dinheiro é bom. Eu

¹² Certamente aqui vemos uma confusão do senhor Juverson, pois o Programa Balde Cheio é uma iniciativa da **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária** (EMBRAPA) e visa tanto a capacitação de produtores quanto a transferência de metodologias e práticas para melhoria da produção no campo. Sobre o programa, ver: <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/38110/projeto-balde-cheio>.

tive uma época que eu tirei, mas tem muitos anos, é... e tem gente hoje que ainda tira pa ajuda né... porque quando o leite cai desse jeito que tacaino, o recurso é de pegá lá, come que cê fica em silo ? não tem jeito de cê ficar sem a roça de silagem. Quem tira leite fô tratar de capim, cana igual era antigamente, já era, num dá conta mais não. Então eu acho que é o Goiás Fomento o dinheiro que o Piracanjuba tem lá. É, qualquer um pode pegar, pode pegar. Vai lá faz um cadastro e assina os documento, o dinheiro vem e desconta parcelado no pagamento do leite (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019)

A visão do senhor Edmilson de Oliveira é semelhante a do senhor Juverson, avaliando como positiva a atuação do Laticínios Bela Vista no apoio dos pequenos produtores. Além disso, na sua experiência, o senhor Edmilson acredita que os juros dos créditos concedidos pela indústria seriam menores do que nos bancos tradicionais. Além disso, acrescenta a informação de que a empresa estaria emprestando certos tipos de equipamento para os produtores:

Olha, invisti, a única forma deles de invisti é assim, eles pode até te oferecer um dinheiro, mas com juro, barato. É a única coisa que ele fornece pro produtor até hoje o que eu sei que eles oferece, porque eu já peguei é esse. Um dinheiro com juro baratinho, parcelado, é a única coisa que eles oferece nomomento, que ofereceu até hoje. Ah, e temouta coisa tamém que eles fornece agora que eu fiquei sabendo, tanquim! Eles emprestatanquimtamém pa quem tira, entrega leite pra eles ... eles tamém fornece tanquim. Se tivédisonivi a entregar leite pra eles, eles fornece um tanquim. (Entrevista concedida por Edmilson de Oliveira Borges, 2019)

A informação a respeito de outros tipos de apoio do Laticínios Bela Vista é ressaltada, também, nas falas de outros entrevistados, nenhum dos quais mencionou o empréstimo de equipamentos. Eles estão se referindo ao Programa de Apoio Técnico ao Produtor de Leite Piracanjuba (Piracanjuba Pró-Campo) que, conforme sua própria descrição, busca “qualificar a mão de obra dos produtores e funcionários das fazendas fornecedoras de leite, com intuito de melhorar a qualidade do leite produzido, atender ao alto nível de exigência do mercado consumidor e estabelecer uma parceria duradoura com os fornecedores”¹³. A partir dessa descrição de intenções, o programa informa que a maneira de realizar isso é fornecendo “gratuitamente produtos e serviços de forma a promover o desenvolvimento, o crescimento e o aumento da renda e da lucratividade do produtor de leite”.

¹³ As informações sobre o Programa de Apoio Técnico ao Produtor de Leite Piracanjuba (Piracanjuba Pró-Campo) podem ser acessadas em: <https://procampo.piracanjuba.com.br/>.

O senhor José Cláudio demonstrou conhecimento do programa, explicando que o mesmo acontece nas dependências da fazenda-modelo do Laticínios Bela Vista, onde oferece cursos de formação aos produtores e trabalhadores rurais, como inseminação artificial, casqueamento¹⁴, manejo de pastagem, dentre outros.

A fazenda que eles criaram lá ... aqui próximo ...é, também foi um incentivo, a informação, a formação né. Cêpodê fazer um curso, cêpodê colocar o pessoal seu mais treinado. Minha funcionária lá insemina, fez o curso lá. Eu tinha um funcionário que casqueava meu gado, eu puis ele pra fazer o curso lá. Então isso aí de uma certa forma também é positivo. Eu não posso dizer isso dos outros laticínios, entendeu? eu não sei se eles fornecem isso, eu nunca ouvi, de falar que tem essas coisas. É... então assim, nesse ponto ... nesse ponto o Laticínio é positivo... (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019)

Não se trata de apenas mecanizar a lida no campo; é necessário entender que se trata de um processo e, como tal, é permanente, haja vista que a busca da melhoria da produtividade exige investimentos continuados, em equipamentos cada vez mais sofisticados, onerando continuamente o produtor rural.

Bom, existem ...existem vários equipamentos ... vários. A gente que é, assim, num tem uma facilidade de, de crédito pra adquirir, pra essas coisa e tal né... a gente vai muito devagarzinho. Mas existem questões que são fundamentais, por exemplo, se você não tivé um tanquim né, pra fazer a granilização, o laticínio não pega seu leite. Então assim, cê pode tirar o leite de qualquer forma, mas cê tem que resfriar ele. Então o primeiro equipamento pra produzir leite é o tanquim. Agora, aí vem o segundo que é a ordenha, porque assim, tirar leite na mão, cê tá limitado a capacidade da pessoa que tira, cê não tá limitada, a... a sua produção, cê ...cê não pode aumentar sua produção porque cênum tem como aumentá o pessoal né. É... então assim, a ordenha é muito importante. Eu fiquei esses três anos e meio produzindo leite sem ter máquina. Mas sempre tive alugada. Sempre tive que pagá por ela e isso aumentou demais meu custo né. Então, esse tratorzinho que nós compramo, a gente vai conseguí fazer um monte de serviço, que eu tinha que tercerizá, então já é uma diminuição do custo, mas já não é um custo de produção do leite, já é custo de produção da propriedade como um todo. Agora, é basicamente pra produzir leite é isso aí né. Agora, o pessoal tavino com outras... coisas... composto de Bayer, tão criando outros equipamentos né ... (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019)

Essa é a mesma percepção do senhor João Machado, que relata a dificuldade do acompanhamento, por parte do produtor, das novidades da tecnologia para a produção rural:

[...] hoje ... hoje, te falar a verdade, seguinte, se for pra tirar leite, ocê tem que tê os equipamentos. Se não tiver hoje num funciona mais do jeito que a gente tocava né. Hoje cê tem que ter ordenha, cê tem que ter tanqim. Hoje a tecnologia é o seguinte, cê tem que acompanhá senão cênum vai né. Então, é ... eu acho que

¹⁴Casqueamento, de acordo com o produtor, é o tratamento dos cascos dos animais, bovinos, equinos ou ovinos.

isso aí faz muita farta na parte de tirar o leite né. (Entrevista concedida por João Machado de Oliveira, 2019)

Um dos elementos frequentes nas narrativas de todos os produtores é a relação entre o processo de mecanização e a busca da qualidade. Todos os processos e investimentos exigidos, pelo mercado consumidor, pela normatização e regulação estatal, pelas indústrias de transformação da matéria prima, tem na busca da melhor qualidade do produto final a sua justificativa. Na base da cadeia produtiva, a ideia de qualidade se torna, também, a razão para a implementação das mudanças e melhorias tecnológicas, pois, dentro desse discurso modernizador, a qualidade acaba se tornando sinônimo do processo de mecanização.

Nesse sentido, a busca da qualidade se insere na mesma lógica da dicotomia campo/cidade ou rural/urbano¹⁵, no sentido de interpretação da mesma linha da relação entre antigo/atual, atraso/moderno (MEIRA, 2019), dilemas próprios da modernidade.

A lógica do processo exige que o Laticínios Bela Vista requeira de seus associados um nível de mecanização que lhes garanta a aparência da qualidade esperada, definida pelas normas regulatórias do setor e o produtor tem essa percepção, como mostra o depoimento do senhor José Cláudio:

[...] assim, o que a gente tem mesmo de regulação é a normativa. Existe uma normativa ... N 59, um negócio assim... num lembro (entrevistado expressa dúvida em relação ao nome da normativa que eles seguem). Mas ela impõe algumas condições né. Num tem como você ter um nível de bactéria X, se você não tivé o resfriador, se você não tivé ordenha. E ai a ordenha já te leva a um processo de lavagem, de higienização de todos esses processos ai né, e tudo isso vai levando pra que o Laticínio cobra é a tal da qualidade né ... em cima dessa instrução normativa aí. Apesar de cobrar, num valoriza muito. (Entrevista concedida por José Cláudio Moraes Carneiro, 2019)

A normativa a qual o senhor José Cláudio se refere é a Instrução Normativa de nº 51/2002, do Ministério da Agricultura, que, em sua ementa afirma se destinar a:

Aprovar os Regulamentos Técnicos de Produção, Identidade e Qualidade do Leite tipo A, do Leite tipo B, do Leite tipo C, do Leite Pasteurizado e do Leite Cru Refrigerado e o Regulamento Técnico da Coleta de Leite Cru Refrigerado e seu Transporte a Granel (BRASIL, 2002).

Apesar de ser uma legislação de 2002, apenas no ano de 2011 ela foi regulamentada, estabelecendo níveis de qualidade que determinam limites máximos para

¹⁵ No sentido de que a mecanização é parte do processo da modernização, a qual representa a transposição para o campo de um modo de vida associado ao urbano, conforme nos ensina Raymond Williams (1989).

contagem bacteriana total (CBT) e contagem de células somáticas (CCS), de 100 mil UFC/mL e de 400 mil cels/mL (BRASIL, 2002), respectivamente. Mesmo em 2011 a visão do setor pecuário foi de alarme, uma vez que a percepção era de que cerca de 80% dos produtores não conseguiria cumpri-la.

A dificuldade permanece, pelos relatos dos produtores entrevistados. E todos eles apontam que a sua relação com o Laticínios Bela Vista é marcada pelo conflito da exigência do cumprimento em relação com as dificuldades inerentes de cada um em atingir os parâmetros satisfatórios, como mostra a narrativa do senhor Nelson:

A exigência é muito alta. Exige muito e muita coisa, só que, é... a gente ... pelo tamanho da exigência, a remuneração é muito pouca. Existe muito essa exigência do lado deles, é ... em tudo ... tudo. Existe em tudo, só que é igual eu to dizendo, é uma exigência que...que no fim pra os produtor, o custo fica muito alto e eles não... não esse retorno pro produtor, mas que existe, existe... na maneira que em vem , sempre foi, mas mais moderada ne? Ah, da forma que em vem passou ... é... aquela normativa 51, é... que começou a exigei mais, cada vez mais, mais, mais, mais. E hoje parece que tápió, cada dia que passa mais ainda. É ... o leite passô, assim, o leite chegá, tivé tirando num leva, se tivé quatro, cinco grau, num leva ... tem que tê três grau. Aí cê tem que congelá o leite e entregá congelado, enquanto nois entregava ele quente. (Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019)

O fragmento acima da entrevista do senhor Nelson revela que as críticas às exigências normativas e da indústria de laticínios não são de per si, mas se ancoram na compreensão de que os valores alcançados pela venda do produto não são suficientes para que o produtor possa alcançar – quanto mais manter – tais níveis de exigência: “pelo tamanho da exigência, a remuneração é muito pouca”, explicou nosso entrevistado, como apontamos.

Dos entrevistados, pelo menos o senhor Nelson e o senhor Juverson já atuavam como produtores na época da transferência da sede do Laticínios Bela Vista da cidade de Piracanjuba para Bela Vista de Goiás, em 1986, como já relatamos no capítulo anterior. Com a expansão da empresa para outros estados, assim como o próprio processo local, de incorporação de concorrentes, o Laticínios Bela Vista se tornou um dos maiores do país e a possibilidade de nova mudança é recorrente nas conversas entre os moradores da cidade.

Tendo isso em mente, perguntamos aos nossos entrevistados sobre as consequências que uma possível saída do Laticínios Bela Vista teria para o trabalho da pecuária de leite e para a economia da região e, principalmente, para a atividade de cada um deles.

O senhor Juverson partiu de sua própria experiência, pois vivenciou a mudança da empresa de Piracanjuba para Bela Vista de Goiás no início de sua trajetória de produtor rural e foi testemunha dos impactos para a cidade de Piracanjuba. Foi com base nessa experiência que ele abordou a questão a partir de um cenário maior, relacionando os impactos dessa possível mudança para toda a economia da cidade e região e para sua própria atividade econômica.

[...] eu acho que o laticínio Piracanjuba se ele saísse de Bela Vista ia ser uma decadência geral né. Não só pro produtor, que fica mais ruim pra nois, que o leite fica mais caro, pra nois transportar o leite né, o frete ... como pro pessoal da cidade, o desemprego né... é quem mora em Piracanjuba, Goiânia, cidade vizinha. Bela Vista também ia parar de recardar um pocotamém. Eu acho que o Piracanjuba não pode saí por que se ele saí fica ruim pra todo mundo. Não só pro produtor que fica péssimo, mas pras outras pessoas que é empregado lá, precisa tamém do emprego pra trabalha. (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019)

A resposta do senhor Nelson nos permite perceber que, em seu entendimento, a recorrência do tema da possibilidade de mudança deriva da ação do próprio Laticínios Bela Vista, numa estratégia de manter uma pressão contínua, tanto sobre a comunidade em geral, pelo retorno econômico gerado para a economia e em geração de empregos, quanto sobre os fornecedores de leite e insumos necessários. Segundo o senhor Nelson:

Se eles acontecesse de saí e ir embora era ruim, ruim porque? (perguntando a si mesmo) Não porque eles é os mió, mas é uma concorrência que tá saino. Nois precisa de aumentá a concorrência, não diminuir. Então se eles fosse embora ficaria mais ruim ne ?mas ... eu não acredito de forma alguma que um dia eles pode muda dali, aquilo ali é através duma pressão... eles quereno conseguir corque coisa ... é... ai eles tão fazeno essa pressão pra vê se consegue alguma coisa melhor pra eles (Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019).

Sua resposta demonstra o que já tínhamos percebido ao longo de toda a entrevista: que a narrativa do senhor Nelson não diferencia suas atividades individuais como produtor rural e suas atividades associativas, como líder da associação local de produtores de leite. É desse lugar que o impacto da possível saída do Laticínios Bela Vista da cidade é elaborado por ele; é dessa experiência que o argumento do impacto na concorrência faz sentido, como líder de associação que labuta há tempos na negociação com as indústrias de transformação de seu produto. Retirando um agente econômico tão grande quanto o Laticínios Bela Vista, a capacidade de negociação dos produtores e seus representantes, já bastante comprometida, seria ainda mais diminuída.

3.3. Mecanização e Modernização no Campo: as Mudanças nos Modos de Vida

O processo de mecanização emodernização crescente das atividades rurais não geraram apenas resultados positivos, como já apontamos ao longo deste trabalho. De aspectos positivos, muitos dos quais descritos neste capítulo, a partir das narrativas dos entrevistados, ressaltamos a facilitação da lida diária para o produtor e a criação de empregos que exigem mão de obra mais qualificada.

Gostaríamos de abordar um último elemento, tratado nas entrevistas com os produtores rurais, que é a mudança em suas rotinas domésticas, modos de vida e padrões de consumo. Iniciamos ressaltando que todos os entrevistados moram no campo, apesar de alguns terem familiares que saíram do campo, temporária ou definitivamente, para estudar ou trabalhar.

Nessa perspectiva, evidenciamos a primeira mudança importante foi a chegada da rede de energia elétrica às regiões rurais do interior de Goiás, caso de Piracanjuba e Bela Vista de Goiás, entre as décadas de 1980 e 1990, o que possibilitou a implementação de todo o processo de mecanização, o que alterou a rotina dos moradores do campo, com a compra de equipamentos e eletrodomésticos antes inexistentes.

Não foi uma iniciativa do Estado, mas dos próprios moradores, como explica, em seu depoimento, o senhor Nelson Ribeiro Barbosa:

[...] a mudança foi muito, muita coisa que eu, a gente ... (o entrevistado fala mexendo com uma calculadora que está sobre a mesa buscando as palavras para se expressar) vê a mudança que é, é incrível, né? O tanto que mudô a vida né? Hoje é muito bom morar no campo e trabalhá aqui pelo o que a gente viveu pa trás. A mudança assim que noisnum tem nem como explica, num tem explicação o tanto que mudô né? Uns anos atrás, mas só que numtá muito 100% por causo, assim, a gente trabalha naquilo que nasceu até hoje e não sendo remunerado da forma que deveria (o entrevistado fala em relação a produção de leite). Agora mudança da época nossa pra hoje é uma coisa de mais de 100%,a mudança. Eu acho que se a gente fôavaliá, mas de 100% de mudança. Que na época que a gente era mais novo, a vida no campo era o seguinte, num tinha energia, era na lamparina a luz, a lamparina. Não tinha banheiro, era quentada a água na panela, nem chuveiro tinha né... então era tudo muito difícil né. Cê trabalhava de sol a sol, chegava em casa, tinha que tomá banho na bacia, quelas bacia quentava água e tomava banho na bacia. Então era muito diferente de hoje aiuspoco que foi passano, foi passano a gente conseguiu uma energia elétrica aqui através dum vizim que era engenheiro, de Goiânia ... que comprou uma terra de par e troxe ... fez uma frente ai e troxe a energia e noisjuntamo e pagamo, que essa primeira energia nossa foi paga, a rede foi paga. Aí nois já pôs energia, aí já melhorô 100% (risos) pelo que nois vivia né... por que quem viveu uma vida de lamparina, querosene aimudá p energia ... mudou 100%. É...nois morava em casa de chão, num tinha ... num era cimentado, num era nada ... aí passamo... fizemo uma casa nova, cimentamo toda a casa aí foi mudano. Aí hoje por exemplo, aqui tem tudo né praticamente que tem na cidade. É... tem energia, tem televisão, tem internet né ... É... então tem tudo, praticamente tudo. Nois asseste jogo, tudo com tuá que cêquisé assisti tem aqui hoje. Então a mudança foi grande demais

pra hoje. Hoje vive na fazenda é muito bom pelo que nois viveu pa trás.
(Entrevista concedida por Nelson Ribeiro Barbosa, 2019)

Os investimentos, no relato do senhor Nelson, valeram à pena, por terem acesso às mesmas comodidades da vida urbana no campo. Na casa e seu entorno, a geladeira e a antena de televisão – geralmente parabólica – foram as principais marcas simbólicas da modernização da geração das décadas anteriores. Na última década, o acesso às redes de celular e internet se tornaram representativas do processo, conforme os depoimentos dos nossos entrevistados.

Mas os equipamentos elétricos e eletrônicos de comunicação não foram os únicos a serem acrescentados à paisagem rural, nem somente foram modificados o interior e o entorno das casas. Retornando ao depoimento acima do senhor Nelson, a casa foi modificada, na maioria das vezes completamente, com a construção de um novo imóvel, adequado ao processo de mudança.

O acesso aos bens de consumo e as mudanças estruturais exigiram um novo universo de conhecimentos, tanto para operar os equipamentos no trabalho do campo quanto acessar os equipamentos domésticos e descortinar a rede de conhecimentos que a estrutura de comunicação levou ao campo, alterando a própria representação do homem do campo, historicamente relacionado a uma imagem de atraso, ignorância e de baixa escolaridade.

O produtor rural necessitou de formação para lidar com as atividades produtivas transformadas pela mecanização, o que exigiu investimentos em alfabetização e formação técnica e especializada, muitas vezes disponibilizadas por instituições estatais e privadas, como já descrevemos.

A maioria das famílias percebeu a necessidade de prover educação formal para filhos e netos, fazendo com que quase toda a geração seguinte à chegada da modernização buscasse os meios de formação na cidade; muitos se tornaram os primeiros a chegar ao ensino superior ou a pós-graduação, caso desta pesquisadora.

Em muitos lugares a estrutura de transportes também foi impactada e os veículos de tração animal cederam terreno aos automóveis, caminhonetes e caminhões, rodando por estradas novas, calçadas e/ou asfaltadas.

Ao campo também chegaram as escolas, alguma estrutura de saúde, disponibilizando atendimento médico e odontológico, entre outros. Instalações comerciais, serviços, opções de lazer e entretenimento também passaram a fazer parte da paisagem antes totalmente rural. O “novo campo”, que aparentemente seria uma representação urbana do meio rural, também é um espaço produtor de cultura, do novo e do inventivo, distanciando-se da concepção rasa que seria apenas espaço de produção econômica, devendo, nos modos de vida ser superado.

O “novo campo” não é novo, no sentido de não poder ser percebido como uma paisagem estática que apenas foi trocada por outra, qualitativamente melhor e não apenas diferente. Não há uma transposição de modos e costumes alheios, urbanos, a um espaço estéril culturalmente. As mudanças que aconteceram no campo nas últimas décadas são parte importante dos processos em movimento de um universo dinâmico, e devem ser entendidos como tal e isso se relaciona às mudanças mais gerais da sociedade, urbana e rural, compondo um universo mais amplo, associado e imbricado entre si (SANTOS; BEZERRA NETO, 2015).

No mesmo sentido, argumentamos que as transformações no campo também podem ser analisadas a partir da perspectiva de Raymond Williams (2005), para quem, por sua característica dinâmica, a cultura está em constante transformação e, independente do recorte temporal, qualquer recorte demonstra elementos residuais e emergentes, ou seja, novas “experiências, significados e valores, que não podem ser verificados ou expressos nos termos da cultura dominante, são, apesar de tudo, vividos e praticados sobre a base de um resíduo – tanto cultural quanto social – de alguma formação social prévia” (WILLIAMS, 2005, p. 218). No caso da análise, a cultura dominante de que tratamos é aquela expressa pela visão tradicional do modo de vida rural, do qual elementos bastantes fortes permanecem, da mesma forma ou ressignificadas, mesmo nos momentos de maiores – e mais rápidas – transformações.

As novas experiências proporcionadas pela mecanização no campo são reorganizadas nas narrativas dos nossos entrevistados como transformações modernizadoras que contribuíram para facilitar os processos de produção e o acesso a padrões de conforto doméstico antes restritos a algumas classes urbanas. A mecanização, no entanto, não representou a transformação por si; foi instrumento na transição para um

novo paradigma de produção econômica rural – das grandes às pequenas propriedades – e no viver o campo.

Tanto o depoimento anterior, do senhor Nelson, quanto o do senhor João Machado, a seguir, nos ajudam a entender esse processo. Não há menção na fala do senhor João Machado de entendimento das mudanças como evidência da chegada da vida urbana ao campo. Seu testemunho vai no sentido de que os elementos que tornam a vida mais confortável no meio urbano também contribuíram para facilitar a vida no campo:

Oia, mudou tanto que eu vou te expricar porque. Quando a gente mudou pra qui, mudei pra qui em 80. Aqui num tinha energia, num tinha nada. Então, aqui ... minhas geladeira era a gás. Eu num tinha ... a gente num tinha conforto nenhum aqui. Aí quando nois foi por a energia aqui, noispuxemo cinco quilometro de rede pa vim energia até aqui em casa. Então, ai começa a mudar a vida. Hoje a vida na roça é bão, mas assim cê tem que ter energia, tem que ter internet, tem que ter ... tem que ter várias coisas que hoje já num dá mais pa andar sem isso mais. Então nessa época que eu to falando procênum tinha nada, só tinha rádio, num tinha ...cênum tinha nem telefone cênum tinha né. Agora hoje não, hoje já mudou a vida, mudou muito porque ... tudo hoje mudou, se numacumpanhánnum tem como cê tocar né hoje. Porque ai, depoisnois conseguimos arrumar energia arrumar tudo melhorô demais né. (Entrevista concedida por João Machado de Oliveira, 2019)

Energia elétrica, mecanização, tecnologias de comunicação e transportes que melhoraram a vida “na roça”, reorganizando seus modos e costumes e não simplesmente transplantando-os para um modo de vida urbano dissociado de suas experiências culturais anteriores. O senhor Juverson Machado corrobora essa percepção ao descrever sua própria experiência e de sua família, valorizando a chegada da rede de energia elétrica, que possibilitou-lhes experimentar as comodidades básicas da experiência da vida contemporânea:

Ahh mudou muito! Lá atrás era lamparina né (risos) num tinha energia ... a energia trouxe evolução pro mundo né, não só pro Brasil, Goiás, mas pro mundo inteiro. Com a energia cê tem resfriador né, cê tem conforto em casa, uma geladeira, um freezer, um ar condicionado, um ventilador né, muitas mordomias né, que lá atrás não tinha, internet né, telefone, que hoje noisnum dá conta de vivê mais sem, internet e telefone (risos). A evolução hoje é muito grande, muito boa, principalmente pra nois que ta aqui na roça né... que essas coisa existia só na cidade ne, de uns anos pra cá aí nois tem aqui. Tem internet ne ... tem a Sky, tem ... já tem bastante coisa aqui que antes num tinha. Hoje cê só ia pa cidade se quisé né, o mesmo conforto que tem lá, tem aqui (risos). (Entrevista concedida por Juverson Machado de Oliveira, 2019)

Milton Santos (2006) retoma o conceito de totalidade, presentes em várias áreas do conhecimento e originário da filosofia. Para o geógrafo, no mundo contemporâneo, globalizado, no âmbito do capital houve progressos reais e “conjuntos da ciência, da

técnica e da informação [...]. Pela primeira vez na história da humanidade, estamos convivendo com uma *universalidade empírica*” (SANTOS, 1984, p. 73).

Raymond Williams (1989, p. 387) demonstra que “o contraste entre campo e cidade é [...] parte central de nossa experiência” social, com o campo em segundo plano, evidenciando as mudanças tecnológicas – na esteira da Revolução Industrial – na produção econômica como uma experiência de transformação dos modos de vida urbano (ORTIZ, 1998), das culturas urbanas, do viver n(a) cidade. A cidade dos notáveis, ligada ao mundo rural, teria dado lugar à cidade econômica (SANTOS, 2009), dissociada do campo e lugar de mudança permanente.

Para Williams (1989, p. 387), “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”, o que demonstra a circularidade das transformações entre ambos os espaços, tornando fluídas as diferenças, tanto em relação aos processos produtivos quanto comportamentais e culturais, mesmo que ainda significativas. Portanto, o conceito de totalidade nos ajuda a compreender a impossibilidade da simples compartimentação dos espaços do campo e da cidade, pois sua relação não é apenas histórica, mas necessária e continuada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de modernização do campo, bem como a reestruturação produtiva iniciada na década de 1970 e o agronegócio de leite compuseram o núcleo de nossa análise neste trabalho. O nosso objetivo inicialmente foi compreender como aconteceu a modernização do campo no Brasil, dando ênfase principalmente para o estado de Goiás e o que consiste o agronegócio de leite e sua importância na economia do Brasil. Também foi apresentada uma breve história do Laticínios Bela Vista e sua relação com o agronegócio de leite no município de Bela Vista de Goiás. Para pensar essas questões foi necessário refletir sobre outros elementos que as condicionaram, respaldaram-se em livros, artigos científicos, dissertações e teses de autores que discutem o tema.

A partir da leitura de diversos autores foi possível perceber que depois da Primeira Guerra Mundial, sobretudo após a os eventos da chegada ao poder de Getúlio Vargas, em 1930 ocorreu uma remodelagem da sociedade brasileira com a expansão e consolidação da indústria moderna na economia, bem como o processo de modernização do campo e urbanização do País. Mesmo tendo se diversificado e expandido a economia nunca deixou de incorporar o agro, uma vez que, o setor agropecuário sempre desempenhou lugar de destaque nesta. Dessa forma, temos a partir desses processos mencionados diversas transformações no campo o que alterou os processos produtivos e reformulou a dinâmica social, introduzindo hábitos e padrões de vida urbanos.

Tanto o processo de modernização no campo como de urbanização nas cidades, foram calcados no uso da tecnologia, tornando-os totalmente dependentes desta e abrindo espaço para empresas multinacionais em território brasileiro. A instalação ocorreu por estímulo de agências governamentais que se tornaram peça fundamental na formação especializada em vários setores. As atividades do campo, nesse contexto, são apropriadas pelo perfil industrial, tornando-se dependentes da tecnologia, o que é entendido por agronegócio.

O agronegócio surge nesse contexto de superação dos métodos e artifícios que limitavam a produção no campo. Nessa perspectiva, o segmento em seu surgimento, representou uma nova etapa de transformação da agricultura e pecuária, tendo por consequência posições de destaque quando vista a partir da sua relação com a indústria, cada vez mais atuante em território brasileiro. O agronegócio tem tomado conta dos espaços, permitindo que haja o maior desenvolvimento do meio e avanço de diversos

elementos da economia. Na medida em que o campo foi adotando tecnologias no processo produtivo, o agronegócio foi conseguindo se expandir.

Mesmo sendo essencial para a economia do Brasil, esse segmento rechaça algumas desigualdades sociais do campo, como por exemplo, a má distribuição de terras, a desvalorização do pequeno produtor que está inserido nessa lógica de produção, mas que não consegue os mesmo incentivos e investimentos que a grande propriedade, mesmo sendo a maioria dentro das atividades do campo e responsável pelo abastecimento interno nacional. E, aliás, esse é o perfil dos produtores entrevistados na pesquisa: pequenos produtores de leite arraigados na cadeia produtiva do agronegócio.

A modernização do campo aliada à expansão do agronegócio no Brasil fez com que reestruturação produtiva, iniciada nos anos 70, atingisse a cadeia do leite nos anos 1990, o que ampliou o produto e sua competitividade. Esse processo conhecido como Reestruturação Produtiva tem como característica a flexibilização dos papéis dos profissionais, a demanda do mercado, a eficiência e a velocidade da produção. Assim, esse modelo acarretou intensas transformações, tanto na economia, como na produção industrial da sociedade e na demanda do produtor rural.

A partir desse período o campo já estava quase por completo dominado pelas inovações tecnológicas, pelas novas técnicas, pelo capital e a inserção do trabalhador rural na nova dinâmica instaurada pós surgimento do agronegócio. Nesse contexto, a indústria, bem como o capital financeiro passaram a submeter toda a produção agropecuária. Em relação ao leite, empresas internacionais e vários laticínios nacionais passaram a inserir os produtores de leite no processo de reestruturação produtiva, uma vez que, começaram a exigir mecanização da produção, qualidade do produto, mão de obra especializada e melhoramento da genética nas propriedades.

Dessa forma, o Laticínios Bela Vista, uma das maiores indústrias de leite e derivados do Brasil pode ser considerado um agente propagador do agronegócio de leite no Brasil, sobretudo no estado de Goiás, onde sua sede principal se encontra. Além disso, seu crescimento e consolidação coincidem com o período de reestruturação produtiva do setor lácteo, que aconteceu a partir de 1990. A indústria foi responsável por impor uma nova dinâmica de produção aos fornecedores de sua marca ao exigir mecanização da produção, qualidade do leite, dentre outras coisas, colocando o pequeno produtor no mercado do agronegócio, uma vez que seus fornecedores são em sua maioria constituídos pela pequena

propriedade. Também tornando a região completamente da sua política de compras, reforçando as práticas predatórias existentes nesse segmento do agronegócio.

Essas constatações mencionadas acima foram percebidas nas entrevistas realizadas com os cinco pequenos produtores de leite dos municípios de Piracanjuba GO e Bela Vista de Goiás – todos fornecedores para a marca Piracanjuba. As entrevistas aconteceram em setembro e outubro de 2019, como mencionamos anteriormente.

De forma geral, os entrevistados elencaram alguns pontos em comum do processo de modernização do campo, bem como da relação com o Laticínios Bela Vista que deram base para compreender como esses sujeitos sociais entendem a complexidade desse processo e que fez com que suas vidas fossem transformadas radicalmente, tanto economicamente, como socialmente.

O primeiro ponto unânime entre os produtores rurais é o elemento econômico. Este fica evidente ao testemunharem que suas produções aumentaram significativamente após a chegada da tecnologia no campo com a incorporação de vários equipamentos que mudaram a dinâmica de produção e conseqüentemente otimizaram as atividades. Os produtores destacaram que a tecnologia foi muito importante, mas que chegou aos poucos nas pequenas propriedades, visto que, eles não tinham como investir para tê-la.

Mas, na medida em que a mecanização adentrou o meio rural e se tornou a realidade do “Novo Campo” as cobranças por parte da indústria de laticínios também cresceram, influenciados pelas novas legislações que entraram em vigência, ao ponto de se tornar inviável produzir sem dispor dos meios tecnológicos, integrando cada vez mais a pequena produção na lógica do agronegócio.

Também relacionaram a modernização com as mudanças nos modos de vida. Nesse sentido, os entrevistados relataram os impactos sofridos nos modos de vida como importantes, haja vista que o campo passou a dispor de elementos que antes estavam restritos à cidade. Em todos os testemunhos é possível notar que, ao falarem sobre a vida anterior à chegada da energia elétrica, parecem estar se referindo a um espaço de tempo maior do que foi, sendo suas vidas divididas em dois períodos distintos: antes e depois da modernização do campo. Onde nenhum deseja voltar para o primeiro, pois é descrito como momento de dificuldades da vida rural.

Sobre a relação entre os produtores rurais e o Laticínios Bela Vista, pudemos perceber que os testemunhos se mesclam entre insatisfação com a atuação da indústria de laticínio em relação ao preço de leite, a desvalorização de seus fornecedores que se sentem

injustiçados e prejudicados com sua política de compra e a importância da fábrica para o desenvolvimento do município de Bela Vista de Goiás, uma vez que segundo os relatos, esta é responsável pela geração de empregos diretos e indiretos, tanto na cidade mencionada, como em regiões vizinhas o que impacta na economia do município gerando renda e desenvolvendo a cidade, fundamental para a população que precisa trabalhar para sobreviver.

Por fim, durante nossa investigação os entrevistados também ressaltaram que a presença de uma indústria de processamento de leite do tamanho do Laticínios Bela Vista perto de suas propriedades rurais é importante para a segurança de sua produção, mas, por outro lado tornou a região e a produção leiteira muito dependente de sua política de compra, haja vista que, por ser um dos maiores de laticínios do Brasil, consegue impor preços, pois compra o leite de outras fábricas menores. Este é um dos problemas mais destacados pelos entrevistados: a defasagem do preço do leite.

7. REFERÊNCIAS

AIA, Guilherme Baptista da Silva et al. Produção leiteira no Brasil. BNDES Setorial, n. 37, mar. 2013, p. 371-398, 2013. Disponível em https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/1514/1/A%20mar37_09_Produ%C3%A7%C3%A3o%20leiteira%20no%20Brasil_P.pdf

ALENCAR, E.; GRANDI, D. S.; ANDRADE, D. M.; ANDRADE, M. P. de. Complexos agroindustriais, cooperativas e gestão. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, Lavras, v. 3, n. 2, p. 30-44, jul./dez. 2001. [Links]

ANTONELLO, Ideni Teresina. **Reestruturação Produtiva no espaço rural: forjando mutações nas relações urbano-rurais**. Dossiê: Relações campo-cidade temas & matizes - nº 16 - segundo semestre de 2009. p.24-51.

ARAÚJO, Sergiano; ELIAS, Denise. **Globalização e reestruturação produtiva no campo cearense**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 - Universidade de São Paulo Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/05.pdf>. Acesso em: 02 de mar 2020.

ARRUDA, Caroline Sales. Índice de desenvolvimento sustentável e agronegócio nos municípios do estado de Goiás: uma análise multivariada. Dissertação (Mestrado em agronegócio), Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/2812/1/ARNALDO%20CARDOSO%20FREIRE.pdf>. Acesso em: 02 nov 2018.

BALSAN, Rosane. **Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira**. Campo-território: Revista de Geografia Agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006. Disponível em: <file:///D:/DOCUMENTOS/Downloads/11787-Texto%20do%20artigo-55073-1-10-20120316.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº.51, de 20 de setembro de 2002. Aprova os regulamentos técnicos de produção, identidade, qualidade, coleta e transporte de leite. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 2002. Seção 1, p.13-22.

CALAÇA, Manoel. Territorialização do Capital: Biotecnologia, Biodiversidade e seus impactos no Cerrado. Goiânia, GO, **Ateliê Geográfico**, v. 4, n. 1, p. 18-35, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/16680/10125>. Acesso em 06 abr. 2019.

CARFANTAN, Jean-Yves; BRUM, Argemiro Luís. O Agronegócio Brasileiro e as Novas Regras de Acesso ao Mercado da União Europeia. **Desenvolvimento em Questão**. V. 4 (8): 119-157, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/752/75240806.pdf>. Acesso em 12 abr. 2019.

CARVALHO, Glauco Rodrigues. A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro. **Circular Técnica**. Juiz de Fora: MG: EMBRAPA, 2010. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/870411/1/CT102.pdf>. Acesso em 12 ago. 2019.

CASTRO, Milades de Carvalho; LOPES, Juliana Dias; SOUZA, Rodrigo Gonçalves de; SOUZA, Cleonice Borges de; NASCIMENTO, Abadia dos Reis. Cadeia Produtiva do

Leite em Goiás: uma análise para o Território Estrada de Ferro. **Conjuntura Econômica Goiana**, nº 30, 2014. Disponível em: wwwold.imb.gov.br/pub/conj/conj30/artigo_06.pdf. Acesso em 13 de jul. 2019.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. Pecuária leiteira: análise dos custos de produção e da rentabilidade nos anos de 2014 a 2017. **Compêndio de estudos Conab**. V. 16, 2018. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/institucional/publicacoes/compendio-de-estudos-da-conab>. Acesso em 05 jul. 2019.

CONTINI, Elísio; GASQUES, José Garcia.; ALVES, Eliseu; BASTOS, Eliana Teles. Dinamismo da agricultura brasileira. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, v. 19, Edição Especial, página 42-64, jul. 2010. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=7>. Acesso em 10 de jul. 2019.

CONTINI, Elísio; PENA JÚNIOR, Marcos A. G.; SANTANA, Carlos Augusto M.; MARTHA JÚNIOR, Geraldo.. Exportações Motor do agronegócio brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, N. 2, Abr/Mai/Jun. 2012. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/99/73>. Acesso em 08 mai. 2019.

DA COSTA LEMES, Kátia; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Produção Familiar em Orizona (GO): desafios e perspectivas frente à modernização agrícola. **Espaço em Revista**, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/espaco/article/view/16890>. Acesso em 12 set. 2019.

DE LIMA, Luiz Paulo; PEREZ, Ronaldo; CHAVES, José Benício Paes. A Indústria de Laticínios no Brasil – Um Estudo Exploratório. Boletim do Centro de Pesquisa de Processamento de Alimentos, [S.l.], v. 35, n. 1, oct. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alimentos/article/view/55942>>. Acesso em 06 jul. 2019.

DELGADO, G. da. C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1985. 240 p.

DIEESE. O mercado de trabalho assalariado rural brasileiro. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2014/estpesq74trabalhoRural.pdf>. Acesso em: 28 de ago. 2019

ELIAS, Denise. **Reestruturação Produtiva da Agropecuária e novas dinâmicas territoriais: a cidade do campo**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/14.pdf> Acesso em 22 de fev. 2020

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Gado do Leite – Importância Econômica, 2002. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/LeiteCerrado/importancia.html>. Acesso em 24 jun. 2019.

ESTEVAM, Luiz Antônio. **O Tempo da Transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás**. 1997. 203 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000117561&fd=y>. Acesso em 23 ago. 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Agronegócio**. Enciclopédia Latino Americana, 2013.

Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/agronegocio>. Acesso em: 03 de mar 2020.

FURTUOSO, Maria Cristina Ortiz; GUILHOTO, Joaquim José Martins. A Estrutura Produtiva da Economia Brasileira e o Agronegócio: 1980 a 1995. Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/43069/1/MPRA_paper_43069.pdf>. Acesso em 18 de jul. 2019.

GOMES, Sebastião Teixeira. Diagnóstico e Perspectivas da Produção de Leite no Brasil. In: VILELA, D.; BRESSAN, M.; CUNHA, A. S. **Restrições Técnicas, Econômicas e Institucionais ao Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Leite no Brasil: Região Centro-Oeste**. Juiz de Fora, MG: EMBRAPA-CNPGL, 1999.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e Agricultura no Brasil**, São Paulo: Hucitec, 1997.

GONDIM, Daniel. Piracanjuba: **Império Goiano do Leite Fatura R\$ 3 bilhões por ano**. 2017. Disponível em: www.emprenderemgoias.com.br/2017/06/05/imperio-goiano-do-leite-fatura-r-3-bilhoes-por-ano/. Acesso em 10 jul. 2019.

GUILHOTO, Joaquim José Martins; SILVEIRA, Carlos Roberto; Et al. PIB Da Agricultura Familiar: Brasil - Estados (Abril 5, 2011). Disponível em: AvailableatSSRN: <https://ssrn.com/abstract=1803225> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1803225>. Acesso em: 14 ago. 2019.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de; PIERUCCI; Antônio Flávio de Oliveira. **O Brasil republicano**, v. 11: economia e cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História Geral da Civilização Brasileira, t. 3; v. 11).

IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INOCÊNCIO, Maria Erlan. O território do PRODECER no Sudeste Goiano: projeto de colonização Paineiras. **Revista Mediação**, Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Pires do Rio/GO. Pires do Rio: Gráfica Pires do Rio, v. 1, n. 1, p. 112-134, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v24n1/v24n1a04.pdf>. Acesso em 10 ago. 2019.

JANK, Marcos Sawaya; NASSAR, André Meloni; TACHINARDI, Maria Helena. O Agronegócio e o Comércio Exterior Brasileiro. **Revista USP**, n. 64, p. 14-27, 1 fev. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13387/15205>. Acesso em 15 jul. 2019.

JORNAL OPÇÃO. **Goiás Deixou de ser Grande Produtor Nacional de Leite por Falta de Profissionalismo, diz SINDILEITE**. Goiânia (GO), Ed. 2275, de 17 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/goias-deixou-de-ser-grande-produtor-nacional-de-leite-por-falta-de-profissionalismo-diz-sindileite-164855/>. Acesso em 05 jul. 2019.

KHOURY, Yara. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. . In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Fenelon, Maciel, de Almeida, Houry (orgs). São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 118.

LOPES, Patrick Fernandes; REIS, Ricardo Pereira; YAMAGUCHI, Luiz Carlos Takao. Custos e escala de produção na pecuária leiteira: estudo nos principais estados produtores do Brasil. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 45, n. 3, p. 567-590, Sept. 2007.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032007000300002&lng=en&nrm=iso>. accesson 01 July 2020.

LOURENÇO, Joaquim Carlos; LIMA, César Emanuel Barbosa de. Evolução do Agronegócio Brasileiro, Desafios e Perspectivas. **Observatório de La Economía Latinoamericana**: Revista Académica de Economía, número 118, 2009. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MAFORT, Kelli. **Reestruturação produtiva no campo e os processos de trabalho nos assentamentos de reforma agrária do estado de São Paulo**. (Tese de doutorado) Universidade Estadual Paulista, UNESP. São Paulo, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182334/mafort_kco_dr_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 12 fev 2020.

MARTINS, José de Souza; Os Camponeses e a Política no Brasil. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

MEIRA, J. C. Hospital e Maternidade São Marcos: Narrativas orais na ressignificação da memória. **Anais do X Encontro Regional de História Oral – Educação das Sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos**. Campinas (SP): 10 a 13 de setembro de 2013. Unicamp. ISBN 978-85-85562-40-3. Disponível em: https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1369776120_ARQUIVO_COMUNICACAOABHO-TEXTOCOMPLETO.pdf. Acesso em 12 ago. 2018.

MENDONÇA JÚNIOR, Cleocy Fam. Pelo Desenvolvimento da Pecuária Leiteira. **Revista Balde Branco**, 2019. Disponível em: www.baldebranco.com.br/artigo-pelo-desenvolvimento-da-pecuaria-leiteira. Acesso em 16 jul. 2019.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues; RIBEIRO, Dinalva Donizete; THOMAZ JÚNIOR, Antônio. A Modernização da Agricultura e os Impactos sobre o Trabalho. **Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (44), 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-44.htm>. Acesso em 10 set. 2019.

MENDONÇA, Maria Luiza Rocha Ferreira de. Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio. 2013. 2017 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-26062013-114407/pt-br.php>. Acesso em: 12 out. 2018.

MILKPOINT. **Ranking leite Brasil**: captação das maiores empresas cresceu 5,6% em 2017, 2018. Disponível em: milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/ranking-leite-brasil-captacao-das-maiores-empresas-cresceram-56-em-2017-207683/ Acesso em 20 Jul. 2019.

MUNIZ, Alexandra M. V.; ELIAS, Denise. **Impactos da reestruturação produtiva e espacial na atividade agrícola do baixo jaguaribe-CE**. Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 5, n. 3 dez/2011 p.195-218 Página 195.

OLIVEIRA, Francisco de. **A Economia Brasileira**: Crítica à razão dualista. São Paulo, Cebrap/Ed. Vozes. 1981.

PAULA, João Lemes de. **Pecuária Bovina de Corte em Goiás**. 2011 Dissertação (Mestrado desenvolvimento e planejamento territorial), PUC Goiás, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2876>. Acesso em 10 mai. 2018.

PEDROSO, Izula Luiza Pires Bacci; SILVA, Antenor Roberto Pedroso da. As Transformações da Agricultura do Sudoeste de Goiás: da agropecuária extensiva à formação de cluster de grãos. In: **XLIII Congresso da Sober**, 2005, Ribeirão Preto. Anais do XLIII Congresso da Sober, 2005. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/166.pdf>. Acesso em 12 abr. 2019.

PEREIRA, Kênia. **Estratégias de Comercialização de Leite e Derivados Lácteos: um estudo de caso**. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio). Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Goiás, 2008. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/423>. Acesso em 08 jun. 2019.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O Que a História Oral Diferente. **Revista Projeto História**. São Paulo, (14), fev. 1997, 25-39.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, (15), abr. 1997, 13-33.

PRIMO, Wilson Massote. Impactos da década de 90 para a indústria de laticínios. In: **XVII Congresso Nacional de Laticínios**, 2000, Juiz de Fora. Congresso Nacional de Laticínios, 2000. Disponível em: http://www.terraviva.com.br/site/estudos/palestra_1.pdf. Acesso em 16 de jul. 2019.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana R.; AMÂNCIO, Silvia M.; IPÓLITO, Veronica K. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012.

QUINTO ENCONTRO REGIONAL DE PRODUTORES DE LEITE PIRACANJUBA. 2017. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/7329776>. Acesso em 31 mar.2018.

RODRIGUES, Roberto. O Agronegócio Brasileiro é um Caso de Sucesso. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, N.1, p. 3-4, Jan/Fev/Mar. 2006. Disponível em: <https://serra.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/474>. Acesso em 24 abr. 2019.

SAITO, Michael Mitsuo. **Determinação do Plano de Produção Ótimo para uma Indústria de Laticínios**. 2007. 62 f. Monografia (Faculdade de Engenharia da Produção). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2007. Disponível em: http://www.ufjf.br/ep/files/2014/07/2007_3_Michael.pdf. Acesso em 09 mai. 2019.

SANTOS, Flávio Reis; Bezerra Neto, L. (2015). Políticas públicas para a educação rural no Brasil: da omissão à regulamentação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Revista HISTEDBR On-line**, (166). Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/7190/6312>. Acesso em 08 nov. 2019.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Ed. Hucitec, São Paulo. 1994.

SANTOS, Raymar Leite. **A Modernização da Agricultura em Goiás na Perspectiva da Pesquisa Agropecuária**. 1998. 176 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás, 1998. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SANTOS__Raymar_Leite._1999.pdf. Acesso em 14 mai. 2018.

SIQUEIRA, Michel Chelala. Piracanjuba 60 anos: uma história de sucesso. São Paulo: Instituto Biográfico do Brasil - IBB, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de

janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STAMM, Cristiano; STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo; LIMA, Jandir Ferrera de; WADI, Yonissa Marmitt. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Interações (Campo Grande)** [online]. 2013, vol.14, n.2, pp.251-265. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v14n2/a11v14n2.pdf>. Acesso em 23 out. 2019.

SUZUKI, J. C. Modernização, território e relação campo-cidade: uma outra leitura da modernização da agricultura. In: Revista Agrária. São Paulo, n. 6, pp. 83 – 95, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/117/117>. Acesso em 23 jul. 2019.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros** –Três Lagoas-MS, V 2 – nº 2 – ano 2, 2005. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/viewFile/1339/854>>. Acesso em 27 ago. 2019.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria – ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VELOSO, F.; VILLELA, A.; GIAMBIAGI, F. Determinantes do ‘Milagre’ Econômico Brasileiro (1968-1973): Uma Análise Empírica. **Revista Brasileira de Economia** 62 (2), pp. 221-246, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006. Acesso em: 27 mar. 2016.

VILELA, D., RESENDE, J., LEITE, J., ALVES, E.. A evolução do leite no Brasil em cinco décadas. **Revista de Política Agrícola**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 26, ago. 2017. Disponível em: <<https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1243/1037>>. Acesso em: 01 Jul. 2020.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na teoria cultural Marxista. In: **Revista USP**, n. 66, julho-agosto 2005.

XAVIER, Antônio Roberto. **A importância da História Oral como fonte identitária de um povo: um resgate da memória**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853/>. Acesso em 10 de set. 2019.

ZOCCAL, Rosângela; GOMES, Aloísio Teixeira. Zoneamento da produção de leite no Brasil. In: **XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**. Ribeirão Preto. 2005. Disponível em: sober.org.br/palestra/2/773.pdf. Acesso em 16 jul. 2019.

APÊNDICE A – Transcrição das entrevistas com os produtores de leite fornecedores do Laticínios Bela Vista

Transcrição da entrevista com o senhor Nelson Ribeiro Barbosa, realizada no dia 10 de setembro de 2019, na residência do próprio entrevistado, na Fazenda Boa Esperança, região da Areia, município de Piracanjuba-GO.

Entrevistador: Boa tarde! Eu sou a Amanda Barbosa de Souza, sou aluna do mestrado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás. É... e minha pesquisa é falando sobre o Laticínios Bela Vista, o objetivo principal dela é entender os impactos que a atuação desse ... dessa fábrica tem na região de Bela Vista de Goiás, e sobretudo na produção leiteira do município e de regiões em torno. Ahh o começo da entrevista é agora as 16:23 da tarde, do dia 10 de setembro 2019. Ahh e eu estou aqui falando com o senhor Nelson Ribeiro Barbosa, que tem 76 anos e reside no município de Piracanjuba-GO. Seu Nelson muito obrigada pela entrevista, vai contribuir muito para meu trabalho.

Entrevistado: Por nada, as ordens

Entrevistador: Eu queria que, ... a nossa primeira questão, eu queria que o senhor falasse sobre a sua experiência na atividade da pecuária, na atividade leiteira. Quanto tempo o senhor ée produz leite, mexe com essa atividade aqui na sua propriedade?

Entrevistado: Olha, eu, ah a gente produz leite, mexe com essa atividade desde de minino. É, há mais de 60 anos. Uns 60 anos ai a gente já, já envem lutando né? Tirar leite uns 50 anos ne? Iniciou com pouco, pouca coisa, tirada sempre na mão ne? As coisas tudo era mais difícil, mas mantinha a mesma forma. Talvez até com mais facilidade do que hoje né? Que tem grandes melhorias hoje que não dá um retorno que dava antigamente.

Entrevistador: Ah, atualmente, hoje qual que a sua produção diária de leite? Ela é a mesma que, que quando o senhor começou a cerca de quase 60 anos atrás, 50 anos atrás?

Entrevistado: Ah, hoje não é a mesma, a diferença é muito grande né? A gente iniciou ai com 100 de litros de leite, é, pra trás. Hoje nois tá assim com 800 a 1000, diária ne?. A diferença é bem grande daquela época pra cá. Porque houve uma mudança muito grande de pastagem né? Iii a mudança do gado tamém, é... que foi mudanomudano e melhorando o gado e mudano. E conseqüentemente, justamente, foi mudando a produção e hoje ta nisso né? Chega de 800 a 1000.

Entrevistador: Certo. Ahh, o leite produzido aqui na fazenda do senhor, ele sempre teve como destino o Laticínios Bela Vista?

Entrevistado: Sempre teve. A gente, não sei que forma que, a gente já iniciou no Laticínios Bela Vista. A gente ficou aí praticamente uns 40 anos sem mudanças, nada né? Ahh, Éee por que cê acostuma fornecer pra pessoa ee, eee, eles são bom pra pagar né? Paga em dias, nunca deu um problema... então, a gente acostuma e fica. Agora que nos teve uma saída. Nos tem um grupo de produtores aí de leite. Éee resolvemos dá uma saída por questão de val preço. O laticínio tem em certo ponto que ... é... deixa a desejar né? Deixa o produtor na situação de miséria ... com os pagamentos. Então nos deu uma saída, saimopra outra empresa, fiquemo um certo tempo. Essa empresa tamém não deu o respaldo que deveria dá e nos voltamopra trás. Voltamopra trás e hoje nois estamos no Laticínio Bela Vista.

Entrevistador: Certo! Aah, aqui na fazenda, fazenda não! Aqui na região de Piracanjuba, que cobre essa região Piracanjuba, Bela Vista. É ... existem outras cooperativas e outros laticínios que concorrem com o Laticínios Bela Vista?

Entrevistado: Existe. De uns tempo pra cá já existino mais uns três laticínios, 3 laticínio ou 4. É... concorrendo com o laticínio. Foi uma das coisa boa que apareceu porque quanto mais concorrência é melhor né? Aí esses laticínio que entrou pegou muito leite, aí tem concorrência. As vezes quando um começa judia, o outro, ée... acode, né?. E o povo mundo dum pro outro, aí mantém assim mais ou menos. Senão fosse isso, fosse só um laticínio, eu acho que, maioria dos produtores taria fechado, parado de tirar.

Entrevistador: aah, senhor consegue me falar o nome de alguns laticínios que concorrem com o laticínios Piracanjuba?

Entrevistado: Tem o Marajoara né? E a Italac né? Éee ... e tem mais outras aí, em Morrinhos, a Complem né? Éee ... tem a Tirol. Éee ... essas tudo concorre com o Laticínios. Tudo concorre, e ,hoje, a Italac e Marajoara pegou a maioria dos produtor do, maioria dos produtor grande do, Piracanjuba, ta na Italac e na Marajoara. Não ta mais no Piracanjuba.

Entrevistador: Não ? (referindo-se a saída dos grandes produtores do Piracanjuba para outros laticínios)

Entrevistado: Um um (negação)

Entrevistador: Então a maioria da, da produção dos... de quem fornece pro laticínios Bela Vista é o pequeno produtor aqui nessa região?

Entrevistado: Justamente! A maioria dos que tão aqui é o pequeno que tá no Piracanjuba. Por que os grande, os ... é ... ta sempre no Marajoara e Italac. Inclusive, é ...teve aquele movimento pra melhoria de preço. Iii, e o Piracanjuba é o mais acomodado que tem.Éee... fica é impurrano, impurranopa vê se o tempo passa e não faz nada. A Marajoara já fechou contrato com 1 ano, é, com os fornecedores dela, que são o pessoal da CPLP.

Entrevistador: E essa CPLP é o que?

Entrevistado: É ... é uma cooperativa. Uma associação de produtor de leite né? Uma cooperativa. Iii ... a Italac vai fechar tamémpa esses dias com o restante dos produtor de lá.

Entrevistador: Da CPLP?

Entrevistado: É, mas existe um pouco da CPLP que tem no Piracanjuba. Mas é pouco! Bem mais pouco que os outros que saíram. Que os grandes que a gente conhece, todos saíram do Piracanjuba.

Entrevistador: E essa saída se deve a questão de preço?

Entrevistado: Questão de preço. Todos são questão de preço. Pagamento, todos pagam, bom pra pagar, paga em dias. Todos eles pagam. Ahh, o problema é só a questão de preço né? Que... ele... e ...o problema de preço, de valor é o seguinte: o Laticínios pega o leite da gente, éee, 55 dias, é ... fiado. Daí, daí que eles começa a pagar com 55 dias. Eles produzem o que quer com o leite, vendem o produto, ee, e depois que vende, eles tira o deles e o que sobra é o do produtor. Essa é a forma que o produtor recebe e principalmente o Piracanjuba, que não dá preço antecipado nenhum momento. Nós já brigamos, fazemos reunião, manifestamos pra pegar preço antecipado, eles não passa.

Entrevistador: Então, o senhor quer dizer que, vocês entregam, por exemplo, 1 mês inteiro de leite sem saber que preço vai receber no final?

Entrevistado: Justamente! Sem saber o que que faz, só sabe na hora que recebe. Se vai baixar também, eles fala assim: oh esse mês vai baixar tanto. Se vai ...baixa, 20 centavo, 25 centavo de uma vez. Ai quando vai subir sobe 5, 3. Ai vai lá no 1,80; 1,70, e volta cá num 1, 25; 1,20. Ai o produtor não dá conta, porque nada ...nada faz esse...éé... essa mudança né? de ... tudo que você mantém é ...pode é subir, a despesa pode é subir, não baixa. É a forma que eles ... matam... tá mantendo os produtores agora, o laticínios Bela Vista tá dessa forma. Eu tô falando do Bela Vista porque a gente fornece pra ele né? É... a gente conhece mais por causa de fornecer pra ele e eles são assim.

Entrevistador: Certo. Ah eu observei aqui na fazenda do senhor que tem diversos equipamentos que ajudam no dia-a-dia com a produção de leite. Por exemplo, a ordenha mecânica né? Ahh, o tanquinho de refrigeração. Eu percebi que o senhor tem tratores, eu percebi que o senhor tem triturador para fazer a ração. Até que ponto que o senhor entende que ter esses investimentos, esses equipamentos na propriedade do senhor são bons, ajuda na produção de leite?

Entrevistado: Olha, é ... esses equipamentos, é... eles ajuda muito na produção porque c faz as coisas certinha né? e pra vê se economiza, pra vê se mantém, porque tudo se você for comprar tudo, você não consegue a manter o leite da forma que tá pagando. Agora se você tem um misturador, que mistura a ração, faz a sua ração, o trator faz o seu silo, você não paga. Ai você economiza, a ração vai ficar menos aí uns dez reais no saco, se você fizer, é uma economia. Então, é ...eu vejo dessa forma né? economizá as coisas, mantendo esses... é... equipamento.

Entrevistador: E como que foi essa mudança desde a época que o senhor começou a produção de leite até os dias atuais, em relação a modernização mesmo, a esses equipamentos na fazenda, na propriedade do senhor?

Entrevistado: Olha a mudança foi devagar né? porque sempre quando ... quando a gente iniciou a forma era muito diferente. É leite de latão tirado na mão, curral num tinha, num tinha barracão, num tinha nada. Aos poucos a gente foi mudando né? Foi... chegou um ponto,

uma época que fazemo uns financiamento no banco do Brasil e montamo uma ordenha, e...fizemo um curral, um barracãozin, uns barracão, foi dessa forma que foi mudano. Mas foi mudano aos poco ne? Papodêchegá no que tá hoje.

Entrevistador: Certo. E existe uma exigência, por exemplo, do Laticínios Bela Vista em relação essa mecanização ou não ?

Entrevistado: Existe, é... uma exigência muito alta do laticino. E ... hoje eles qué o leite é, de primeira o leite ia, da... quente ... da forma que tivesse no, no tanquim ele, o leitero chegava e pegava, hoje não. Hoje ele tem que tá com três grau. Ai se ele não tivé com três grau, o leitero chega e vai embora. A exigência é muito alta. Exige muito e muita coisa, só que, é... a gente ... pelo tamanho da exigência, a remuneração é muito pouca. Existe muito essa exigência do lado deles, é ... em tudo ... tudo. Existe em tudo, só que é igual eu to dizendo, é uma exigência que...que no fim pra os produtor, o custo fica muito alto e eles não... não esse retorno pro produtor, mas que existe, existe.

Entrevistador: Então, por exemplo se aqui na propriedade do senhor, o senhor não tivesse um tanquinho para refrigerar o leite do senhor, eles pegariam o leite do senhor aqui?

Entrevistado: Não pegaria! O ...Há uns anos atrás pegava de latão e foi cabano até que fechou. Era leite de latão, leite quente aí passou a exigi leite ...é ... de, do tanquim. Só que esse leite do tanquim passou a i normalmente, não congelado, agora foi exigindo tanto que tem que i com três grau. Exige o CCS baixo, CBT ...é ... baxo. É ... proteína e gordura, é, alta ne ?pra, pra isso tudo pro produtor é custo, é ... tem custo né? Principalmente o CCS ... é... o que tem o custo mais alto.

Entrevistador: O que que seria esse CCS, pra eu entender?

Entrevistado: CCS são as bactéria né? é ... no caso do ... (olhando para frente procurando as palavras) se ocê tem vaca em lactação já ... é com ...dez meses (fazendo movimentos com a mão), oito meses de lactação, ela começa dá uma bactéria e aí o leite dá um CCS alto, essa bactéria, faz uma análise da o CCS alto aí o ... o só nesse CCS o laticino é, paga por qualidade, ele paga 10 centavos. Se você tivé abaixo de 250, o CCS, como num consegue de forma alguma, é ... cê consegue é de 500, 600 acima, aicê perde 2 centavos. Cê é penalizado, penaliza você. O produtor é penalizado por num tirar uma qualidade assim no CCS. É penalizado. (o entrevistado enfatizada a prática de penalização por não conseguir qualidade imposta pela indústria)

Entrevistador: E essa questão de qualidade sempre foi cobrada ao produtor de leite?

Entrevistado: Não, na maneira que em vem , sempre foi, mas mais moderada ne? Ah, da forma que em vem passou ... é... aquela normativa 51, é... que começou a exigi mais, cada vez mais, mais, mais, mais. E hoje parece que tápió, cada dia que passa mais ainda. É ... o leite passô, assim, o leite chegá, tivé tirando num leva, se tivé quatro, cinco grau, num leva ... tem que tê três grau. Aí cê tem que congelá o leite e entregá congelado, enquanto nois entregava ele quente.

Entrevistador: Certo.Eu percebi pelas palavras do senhor no decorrer da nossa conversa que a produção de leite, ela mudou bastante em relação ao tempo que o senhor começou

para os dias de hoje. E agora eu gostaria que o senhor falasse sobre essas mudanças também no morar no campo, na vida do campo.

Entrevistado: É...mudá ... a mudança foi muito, muita coisa que eu, a gente ... (o entrevistado fala mexendo com uma calculadora que está sobre a mesa buscando as palavras para se expressar) vê a mudança que é, é incrível, né ? O tanto que mudô a vida né? Hoje é muito bom morar no campo e trabalhá aqui pelo o que a gente viveu pa trás. A mudança assim que noisnum tem nem como explica, num tem explicação o tanto que mudô né? Uns anos atrás, mas só que numtá muito 100% por causo, assim, a gente trabalha naquilo que nasceu até hoje e não sendo remunerado da forma que deveria (o entrevistado fala em relação a produção de leite). Agora mudança da época nossa pra hoje é uma coisa de mais de 100%,a mudança. Eu acho que se a gente fôavaliá, mas de 100% de mudança. Que na época que a gente era mais novo, a vida no campo era o seguinte, num tinha energia, era na lamparina a luz, a lamparina. Não tinha banheiro, era quentada a água na panela, nem chuveiro tinha né... então era tudo muito difícil né. Cê trabalhava de sol a sol, chegava em casa, tinha que tomá banho na bacia, aquelas bacia quentava água e tomava banho na bacia. Então era muito diferente de hoje aiuspoco que foi passano, foi passano a gente conseguiu uma energia elétrica aqui através dum vizim que era engenheiro, de Goiânia ... que comprou uma terra de par e troxe ... fez uma frente ai e troxe a energia e noisjuntamo e pagamo, que essa primeira energia nossa foi paga, a rede foi paga. Aí nois já pôs energia, aí já melhorô 100% (risos) pelo que nois vivia né... por que quem viveu uma vida de lamparina, querosene aimudá p energia ... mudou 100%. É...nois morava em casa de chão, num tinha ... num era cimentado, num era nada ... aí passamo... fizemo uma casa nova, cimentamo toda a casa aí foi mudano. Aí hoje por exemplo, aqui tem tudo né praticamente que tem na cidade. É... tem energia, tem televisão, tem internet né ... É... então tem tudo, praticamente tudo. Nois asseste jogo, tudo com tuá que cêquisé assisti tem aqui hoje. Então a mudança foi grande demais pra hoje. Hoje vive na fazenda é muito bom pelo que nois viveu pa trás.

Entrevistador: Certo, Existe por parte do Laticínios Bela Vista, formas de investimentos para o produtor de leite, ajuda de custo para o produtor de leite, aqui na propriedade?

Entrevistado: Não existe, não existe e nunca existiu (ênfatizando sua resposta). Existe um financiamento lá que eles chama de Goiás fomento, e eles o financiamento adianta um dinheiro, dependendo da sua forma de... da sua produção né? Ai eles fornece um tanto lá pela produção, só que é um juro alto pagado mensal tamém, e... então é uma coisa que não tem ajuda do laticínio. Numexiste nada.

Entrevistador: Em relação a assistência técnica, existe por parte do laticínio? Eles fornecem assistência técnica para o produtor de leite?

Entrevistado: É... não existe a assistência técnica porque, até eles tentaroajudá, entrar com uma assistência técnica. Só que quando eles faz a proposta de uma assistência técnica pra gente, fica mais caro que cêpagá um particular.

Entrevistador: Então essa assistência seria paga?

Entrevistado: Seria paga. Aí eles manda assistência técnica e combina lá o valor, só que ela é mais cara do que um particular. Nos temo a experiência porque nos tem um particular

que trabalha p nois. Noistentôcolocá ele lá no laticínio. Eles propôs de ajudá, só que nos pagava um tanto. Ai eles ajudano nois ia pagá bem mais pra ele, e nois ia pagá mais, tira mais do bolso, eles ajudano. Ai nois dispensou, noisnum quis (Entrevistado fazendo balançando a cabeça em sinal de negação). Num tem como né? A forma que eles que ajuda, é ... tirar do produtor.

Entrevistador: Obrigada pela paciência até aqui. E agora como última pergunta, nós ficamos sabendo no decorrer da nossa pesquisa que tem um rumor de que o Laticínios Bela Vista sairia da região, ou seja, sairia da sua sede principal em Bela Vista de Goiás migando para outro estado. A gente queria saber do senhor, o que senhor acha de uma possível saída do Laticínios Bela Vista aqui de Bela Vista de Goiás para outro lugar? Como o senhor avalia essa mudança?

Entrevistado: Olha, eu ... eu deuso que eu fiquei sabeno dessa nutiça, eu nunca acreditei porque tem umas nutiça que cê não acredita. Eles ... falá que eles vaimudá, que vai fechá ali, isso não existe né? Agora se eles acontecesse de saí e i embora era ruim, ruim porque? (perguntando a si mesmo) não porque eles é os mió, mas é uma concorrência que tá saino. Nois precisa de aumentá a concorrência, não diminuir. Então se eles fosse embora ficaria mais ruim ne ?mas ... eu não acredito de forma alguma que um dia eles pode muda dali, aquilo ali é através duma pressão... eles quereno conseguir corque coisa ... é... ai eles tão fazeno essa pressão pra vê se consegue alguma coisa melhor pra eles.

Entrevistador: Muito obrigada pela entrevista do senhor! Muito obrigada pela paciência do senhor em atender a gente. Quero que o senhor saiba que essa entrevista vai contribuir muito pro meu trabalho de pesquisa. Eu vou fazer a transcrição de tudo que foi falado aqui na entrevista, vou trazer pro senhor, caso o senhor queira. A entrevista está acabando agora ás 16:56 da tarde.

Transcrição da entrevista com o senhor Juverson Machado de Oliveira, realizada no dia 10 de setembro de 2019, na residência do próprio entrevistado, Fazenda Duas Pontes, região da Vereda, município de Piracanjuba-GO.

Entrevistador: Boa tarde ! Meu nome é Amanda, sou aluna do mestrado Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás. E a minha pesquisa é sobre o Laticínios Bela Vista. O Laticínios Bela Vista é meu objeto de pesquisa (Nesse momento uma mulata do proprietário sobrevoa sobre a mesa e há risos por parte da pesquisadora e entrevistado) Eu pesquiso sobre a modernização do campo e nessa pesquisa eu tento entender a relação que o Laticínios Bela Vista tem para essa modernização do campo e principalmente para a produção de leiteira. Ahh, estou aqui nesse momento, no dia 10 de setembro de 2019 na propriedade do senhor Juverson Machado de Oliveira, que tem 55 anos e é morador do município de Piracanjuba. O senhor Juverson é produtor de leite e vende sua produção para o Laticínios Bela Vista. Senhor Juverson, muito obrigada por conceder essa entrevista para nós e contribuir para minha pesquisa. Eu gostaria que o senhor iniciasse sua fala, falando sobre um pouco de sua experiência como pecuarista, quanto tempo o senhor trabalha no ramo da pecuária?

Entrevistado: Bom, Boa tarde Amanda ! É um prazer imenso cêta aqui. É... a atividade leiteira hoje tem muitos anos que noista na área. Deve ter uns 35 anos mais ou menos que a gente tira leite pro Piracanjuba, não ... parei uns dia, passei pro Marajoara, mas sempre foi pro Piracanjuba mesmo que a gente entregava o leite ne? A maioria ... a melhoria foi muito grande né? Hoje a atividade leiteira é muito diferente de uns anos pra trás, a qualidade de leite melhorou, a evolução foi chegando, que lá atrás num tinha as exigências que tinha hoje ne? Penso que hoje foi bãopu produtor, tamém mais penalizado. Que a atividade leiteira hoje, ela é ... pra nois aqui não é ruim não. A gente viveu disso a vida inteira, nos últimos anos pra cá anda ficando difícil porque as coisa num anda tendo preço. O leite anda muito defasado de preço, mas a gente espera que isso vai miorá né?

Entrevistador:Então tem 40, 35 anos que o senhor mexe com a produção de leite?

Entrevistado:35 anos que mexo com a produção de leite,isso!

Entrevistador: sempre aqui nessa mesma fazenda, nessa mesma propriedade?

Entrevistado: Sempre aqui! Nois começamos ali na minha mãe (entrevistado faz gesto com a mão indicando a direção da propriedade de sua mãe, a qual ele iniciou a produção) mas a gente passou pra cá e a maioria dos ano foi aqui.

Entrevistador: Então o senhor era adoslescente quando começou a mexer com leite?

Entrevistado: Era! Tava com uns 17, 18 anos por aí.

Entrevistador: Bom !! qual é sua produção diária atual de leite, o senhor pode nos dizer se produz mais hoje do que quando começou? O leite produzido aqui sempre foi vendido para Laticínios Bela Vista ?

Entrevistado:Primeiro a produção ela cresceu muito né? que quando nois começou a tirar leite, nois entregava 30 litro de leite, num dava nem pa meia um latão de leite ... era no tempo do latão. É, hoje noistá ai na faixa de 1200, 1300 litro. Então cresceu muito né nesses 35 ano pra cá.

Entrevistador: Isso em 1980, 1990? (referindo a época que ele começou entregando 30 litros de leite)

Entrevistado: É, é. Então cresceu muito a produção de leite, melhorô o rebanho. Rebanho não era o gado que tem hoje né. O gado de primeira não era de inseminação, não tinha origem né. Hoje o gado tem raça né. Então cresceu muito a produção por causa disso.

Entrevistador: E ai produção do senhor hoje é de que tamanho? Quantos litros diários?

Entrevistado:É...uma faixa de 1300, 1200 ne ... que a gente tá tirano hoje.

Entrevistador: E aí o senhor sempre vendeu para o Laticínios Bela Vista?

Entrevistado:É, assim oh os anos mais que a gente vendeu foi pro Piracanjuba, pro Laticínio Piracanjuba. Eu tinha dado uma parada e passado pro Marajoara, acho que foi uns seis mês e voltei pro Piracanjuba de novo.

Entrevistador: E por que o senhor voltou pro Laticínios Piracanjuba?

Entrevistado: É sobre, é... os pagamento na Marajoara. Eles prometero um preço e na verdade eles numguentô o preço, atualizar o preço que a gente tinha combinado. O Piracanjuba sempre foi ... os que ele falava, eles pagavanois. Mais barato, ou que seja, mas pagava. A Marajoara num deu conta de pagar no preço que era cumbinado.

Entrevistador: Certo. Ahh, existem outras empresas ou cooperativas que concorrem com o Laticínios Bela Vista aqui?

Entrevistado: Sim, na região tem né... tem a Marajoara que compra, acho que até fez com CPLP lá contrato, a Italac, a Nestlé, a Complem, a Cooperativa ne... sempre tem outras empresas que compra.

Entevistador: Então existe uma concorrência?

Entrevistado: Existe, existe!

Entrevistador: Mas porque que o senhor acha que mesmo existindo essa concorrência a maioria dos produtores tanto de Bela Vista, como da região de Bela Vista e de Piracanjuba e região em torno, eles entregam sua produção para o Laticínios Bela Vista?

Entrevistado: Sim, igual aquilo que eu tava te falando pro cê. Aah ... tem as associação, tem as cooperativas, aqui tem a CPLP, tem a associação Amar-Leite. Eles fazia um grupo ne, tentava ter um preço melhor, muitas vez não dava certo num lugar, eles saia e outra empresa pegava. Então começou fazer aquele rotativo né, o que pagasse mió a gente entregava. Só que isso ai a gente tá veno que tá acabano com isso aí por causa da qualidade

do leite. Por que quando surgiu a qualidade... os grupo pagava pelo volume de leite, ai quando saiu a qualidade, ai é individual, cada um faz a sua. Se eu tenho uma qualidade boa, tiro poco leite, meu leite é bem pago. Se eu tiro muito leite e minha qualidade é ruim, não tem valor. Ai acabô com os grupo foi a qualidade do leite.

Entrevistador: Mas essa entrega do Laticínios Bela Vista, esse monopólio na verdade da compra da produção de leite aqui nessa região se dá por ele pagar melhor que as outras empresas, como a Marajoara, a Nestlé ou não tem nada a ver?

Entrevistado: Não, eu acho assim, o Piracanjuba pela qualidade eles paga melhor, esse é meu pensamento né... é... na verdade eles exige mais a qualidade, o Piracanjuba, mas eles paga melhor, por isso que o povo volta pro Piracanjuba.

Entrevistador: Certo. Eu percebi que aqui na propriedade do senhor tem diversos equipamentos que ajudam no dia a dia da produção de leite como a ordenha mecânica, o tanque de refrigeração, tem trator que ajuda o senhor a colocar o silo. O senhor acha que isso foi importante para a produção de leite?

Entrevistado: Foi muito importante. É... a resfriamento do leite na propriedade foi muito importante. Porque de primeira não tinha, é, lá atrás né. Agora melhorô muito ne porque o leite sai com mais qualidade da fazenda, sai friin já ne... De primeira punha o leite no latão, latão não tem qualidade, hoje já tem os tanque né, tem o trator pa por silo. Melhorou muito, maispoca gente cê tira muito leite. Eu penso que foi bom.

Entrevistador: Existe alguma exigência do Laticínios Bela Vista em relação a qualidade de leite? E até que ponto isso afeta aqui na sua produção?

Entrevistado: Ah existe, o Laticínio Piracanjuba é exigente na qualidade do leite. Sempre eles tá fazendo visita nas propriedade. Tem um veterinário, que tá dando assistência pra mim que é da Pro Campo, o Alexandre. E ele tamém chega aqui, tamém não só olha meu rebanho, tamém ele olha a qualidade do leite, pega a qualidade do leite e leva pro Piracanjuba toda vez que ele vem fazer visita. Olha se tá boa, se tá ruim. Não só os técnico, mas os veterinário tamém, oiatamém.

Entrevistador: E essa assistência eles disponibilizam de graça ou o senhor tem que pagar por ela?

Entrevistado: Não... num é de graça. Eles faz uma parceria com o produtor. Eu pago um poco e o laticínio repassa um poco. Então a gente fez uma parceria agora, mas de primeira eu fazia era sozinho.

Entrevistador: Certo. E essa questão da qualidade de leite, eles penalizam? Existe um tipo de penalidade ou alguma coisa relacionado ao preço do leite se atingir qualidade?

Entrevistado: Existe ... a qualidade tano ruim, ela é descontada ne ... ela é penalizada sim. Desconta no CBT, no CSS, na gordura, na proteína, basta só cê fugir das normativas que têm que cê é penalizado sim.

Entrevistador: Durante nossa conversa, eu percebi que houve algumas mudanças na produção de leite e em relação a vida no campo. Houve diversas modificações não só na forma de se produzir, saindo do manual e indo para as máquinas, principalmente depois da

chegada da energia elétrica. Eu queria que o senhor falasse para mim em relação as mudanças da vida de vocês que moram aqui no campo. O que mudou?

Entrevistado: Ahh mudou muito! Lá atrás era lamparina né (risos) num tinha energia ... a energia trouxe evolução pro mundo né, não só pro Brasil, Goiás, mas pro mundo inteiro. Com a energia cê tem resfriador né, cê tem conforto em casa, uma geladeira, um freezer, um ar condicionado, um ventilador né, muitas mordomias né, que lá atrás não tinha, internet né, telefone, que hoje noisnum dá conta de vivê mais sem, internet e telefone (risos). A evolução hoje é muito grande, muito boa, principalmente pra nois que ta aqui na roça né... que essas coisa existia só na cidade ne, de uns anos pra cá aí nois tem aqui.

Entrevistador: Assim que o senhor iniciou sua atividade leiteira existia a energia elétrica no campo?

Entrevistado: Existia ne poucas fazendas ... é ... mas tinha. Os resfriador era de... com água ... aqueles tanque que punha água dentro, depois cê punha o latão dentro... então...a, quando começou lá atrás da energia, os tanque, o resfriamento de leite era assim. Eu mesmo tinha. Cê tinha o resfriador, cê enchia ele de água, fazia aquele gelo com aquela água fria, cê tirava o leite de tarde e enfiava lá dentro. No outro dia o leiteiro pegava aí dava leite ácido, que no tempo de calor igual agora não resfriava e não mexia ele tamém ne. O tanque de leite a vantagem é que ele mexe o leite, (entrevistado faz gestos circulares com a mão indicando o movimento que o tanque realiza) a gordura num separa pra cima, cê punha uma vazia lá a gordura tava tudo em cima, ai perdia leite, virava aquela confusão toda.

Entrevistador: Certo. Hoje o senhor tem Tv a cabo? Tem Internet?

Entrevistado: Tem internet ne ... tem a Sky, tem ... já tem bastante coisa aqui que antes num tinha. Hoje cê só ia pa cidade se quisé né, o mesmo conforto que tem lá, tem aqui (risos).

Entrevistador: Certo. Voltando a falar um pouco da relação com o Laticínios Bela Vista, além da garantia da compra, ou seja, de comprar todo dia a produção e ter no final do mês o dinheiro dessa compra garantido. Existe outros investimentos que o Laticínios Bela Vista faz para o produtor rural?

Entrevistado: Sim, eu acho que tem lá na Pro Campo, deve ter um ... tem um ...acho que é ... esqueci como chama o dinheiro lá ... (entrevistado fica pensando tentando se recordar). O Piracanjuba tem um dinheiro que empresta pro produtor lá, num sei se é Balde Cheio, acho que tem Balde Cheio num tem? Programa Piracanjuba?...Como que chama aquele dinheiro lá? (perguntando para um rapaz que está em sua casa). Então existe sim. Aquilo é bãopro pequeno produtor pegá. As vez pra plantar um roça cêta na dificuldade, cê pega e vai pagando no leite né, vai descontando mensal.

Entrevistador: Eles emprestam dinheiro para descontar mensal?

Entrevistado: No pagamento de leite, de forma parcelada. É o mesmo do Goiás Fomento. Então o Piracanjuba tem esse dinheiro e esse dinheiro é bom. Eu tive uma época que eu tirei, mas tem muitos anos, é... e tem gente hoje que ainda tira pa ajuda né... porque quando o leite cai desse jeito que tacaino, o recurso é de pegá lá, come que cê fica em silo ? não

tem jeito de cê ficar sem a roça de silagem. Quem tira leite fô tratar de capim, cana igual era antigamente, já era, numdá conta mais não. Então eu acho que é o Goiás Fomento o dinheiro que o Piracanjuba tem lá.

Entrevistador: E é para qualquer pessoa que fornece para o Piracanjuba pode pegar?

Entrevistado: É, qualquer um pode pegar, pode pegar. Vai lá faz um cadastro e assina os documento, o dinheiro vem e desconta parcelado no pagamento do leite.

Entrevistador: Tem juro?

Entrevistado: Tem juro. Não sei te contar o valor hoje, mas tem o jurinho.

Entrevistador: Muito obrigada pela paciência até aqui. E a nossa ultima pergunta, a gente ficou sabendo de umas conversas que o Laticínios Bela Vista talvez mudaria sua sede principal que hoje é localizada em Bela Vista de Goiás para outro estado. E ai queríamos saber do senhor o que você acha que consequências teria uma possível saída do Laticínios da região?

Entrevistado: Não... enfim, eu acho que o laticínio Piracanjuba se ele saísse de Bela Vista ia ser uma decadência geral né. Não só pro produtor, que fica mais ruim pra nois, que o leite fica mais caro, pra nois transportar o leite né, o frete ... como pro pessoal da cidade, o desemprego né... é quem mora em Piracanjuba, Goiânia, cidade vizinha. Bela Vista tamém ia parar de recardar um pocotamém. Eu acho que o Piracanjuba não pode saí por que se ele saí fica ruim pra todo mundo. Não só pro produtor que fica péssimo, mas pras outras pessoas que é empregado lá, precisa tamém do emprego pra trabalha.

Entrevistador: Certo. Muito obrigada pela entrevista. Eu vou fazer a transcrição de tudo que nós falamos aqui e trazer para o senhor caso você tenha interesse. Nós estamos acabando a entrevista as 14:59.

Entrevistado: Obrigado Amanda!

Transcrição da entrevista com o senhor José Cláudio Moraes Carneiro, no dia 08 de outubro de 2019, na Associação Amar-Leite, no município de Piracanjuba.

Entrevistador: Boa tarde! Meu nome é Amanda Barbosa de Souza, sou aluna do mestrado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás. E a minha pesquisa é falando sobre o Laticínio Bela Vista, mais precisamente os impactos que essa fábrica tem na região aqui da Areia, região em torno de Bela Vista, Piracanjuba. Eu estou nesse momento às 14:06 da tarde, do dia 08 de outubro de 2019 com o senhor José Cláudio de Moraes Carneiro, que tem 61 anos e é produtor do Laticínios Bela Vista. Senhor José Cláudio muito obrigada por conceder essa entrevista para nós, saiba que senhor vai contribuir bastante para minha pesquisa. Eu queria que o senhor começasse falando sobre a sua experiência com a pecuária leiteira. Quanto tempo que o senhor trabalha com a pecuária leiteira?

Entrevistado:É... eu comeceia ter noção em 2006. Então nós vamo aí pra 13 anos né ... Mas o meu pai, de uma certa forma, eu tô continuando o trabalho que a gente começou. O meu pai tem mais de... ficou mais de 40 anos produzindo leite né. Pro Laticínio Piracanjuba, ele entregou desde que começou o Laticínio Piracanjuba. Num sei qual dos dois é mais antigo né, se é a fazenda ... propriedade de leite ou se é o Laticínio Piracanjuba. Então a minha experiência foi iniciando do nada, eu sou engenheiro né, e vim aqui pra fazenda muito tarde e comecei a aprender e gostei e aí comecei a estudar, comecei a pesquisar e ... e até pela própria, própria natureza da minha profissão, eu gosto muito de números. Então eu comecei a tabular um monte de resultados, um monte de ... de dados né. E na época que eu comecei, num existia programa de controle né, de gado. Hoje existe vários né. O primeiro lá na época foi o Prodap né. Então eu fiz meio na unha, no excell e até hoje eu funciono com essa planilha minha né... Eee, então assim, quando há 8, 9 anos atrás nos fundamos essa associação aqui de produtores, a primeira coisa que nois se preocupou foi de trazer informações. Então a gente trouxe palestra, muitos ... é ...é ...muitos trabalhos que o pessoal veio e apresentou pro pessoal nosso né, que tava tendo contato com muitas informações pela primeira vez né, e ... e a coisa foi evoluindo dessa forma. Então a experiência que hoje eu tenho é um acúmulo de um monte de experiência da região ne, quando a gente não entende muito, a gente tem que buscar fontes né, eu busquei muita informação aqui na região, busquei informação técnica e até hoje. Com ... a associação a gente teve condição de contratar um veterinário né, que inclusive tá fazendo um trabalho lá na minha fazenda hoje né. Então isso é ... é o nível de ... de informação né. Agora, a evolução vem justamente desse nível de ... de informação que é o que a gente tá tentando disseminar né, pros pequenos produtores né. É ... eu produzo hoje 1200 litros de leite né, e a associação tem produtor de até 100 litros dia né. Então é uma forma pra

mostrar o tanto que é importante né, a associação, que ela leva, ela dá condição de uma pessoa que produz 100 litros de leite ter um veterinário o dia todo por conta dela, pra orientar, pra ver sanidade de rebanho né, encaminhar processos de evolução genética e tudo isso. Então assim, a evolução tem que ser constante, não pode parar nunca.

Entrevistador: Certo. O senhor acabou de falar aí que sua produção diária é de 1200 litros de leite por dia. É a mesma quantidade que o senhor iniciou lá em 2006?

Entrevistado: Não, em 2006, a fazenda tinha 160 cabeças, tinha 90 em lactação e produzindo 600 litros né. Hoje, eu lá na minha propriedade tenho 120 cabeças no rebanho, 57 em lactação e produz 1200 litros. Com a metade do gado, produz o dobro de leite... então... porque desde 2006, que a gente vem trabalhando com genética né ... a gente começou é, com monta controlada né, depois passamos pra inseminação porque...é...é ... pelo menos é o meu pensamento ... num, num tem como você ter um carro de fórmula 1 pra andar numa estrada de fazenda né, agora se você quis é um carro de fórmula 1, cê tem que ter a estrada, tem que ter o mecânico, cê tem que ter o combustível né. Logo, depois que eu vim pra cá, tinha acontecido um fato que o pessoal foi em Minas e comprou um monte de gado né, gado especializado e trouxe, mas assim ninguém tinha manejo, ninguém sabia comê que cuidava, o tanto que tinha que dá comida, sabe? Então foi um ...um tiro no ... errado do pessoal, um tiro no pé. Muita gente depois disso, colocou o boi, porque a cria é muito mais frágil, precisa de mais cuidado e o pessoal perdia, perdia, perdia. E aí começou a colocar o nelore, boi nelore no gado, pra...voltano ... voltano pra podê garantir isso aí. Agora hoje já se tem genética, o pessoal já tem manejo, já tem uma forma de criar bezerras né, ée, e tudo ... Então assim a gente tá equipando, mas ainda não temos as ferraris andando na estrada, mas a estrada já tá bem melhor, já tá dando pra andar com um carrinho mais confortável né, que é uma vaca mais especializada, com uma produção mais, mais elevada.

Entrevistador: Certo. E desde que o senhor começou lá em 2006, o senhor fornece para o Laticínios Bela Vista?

Entrevistado: É, já. Eu comecei efetivamente foi em 2015 né, (entrevistado olha para frente, pensando). Desculpa, 2016, eu estou agora com 3 anos e meio de, de produção minha. Antes era a fazenda do meu pai que tinha... quando era leite Salé lá em Piracanjuba ainda né. Então, eles começaram ... meu pai já mexia a bastante tempo. Só que, é... se a gente fosse fazê uma divisão entre tirador de leite e produtor de leite, o meu pai na época era um tirador de leite né, e hoje a fazenda é uma produtora de leite ... essa é a diferença.

Entrevistador: Certo. Existem outras empresas ou cooperativas que concorrem com o Laticínios Bela Vista na compra de leite aqui na região?

Entrevistado: Tem! (Fazendo sinal de positivo com a cabeça) Tem a ...a... pessoal que entrega pra Marajoara, que entrega pra Italac. Alguns entregam pra Nestlé né. E já teve gente que já entregou pra Tirol. Sempre tem alguma empresa que vem aqui né ...e...Agora vêm uma opinião, minha opinião, que existe uma divisão grande do mercado, uma divisão de fornecedores, entre os laticínios, sabe? Estabelece numa região e o cara domina aquela região ali. É muito difícil você saí de um laticínio e ir pra outro assim ... (entrevistado estala dos dedos, se referindo a rapidez), eu quero. Não entrego mais leite pra você e

entrego pra você: não !. Se eu entregar pra você, ele não pega o meu leite (entrevistado faz sinal com a mão expressando o que ele está falando). Certo? Ou cria muita dificuldade pra conseguir. Assim, a mobilidade, é ... é pequena, é baixa, né. Apesar de não haver nenhum contrato, nenhum compromisso de fornecimento e nem de capacitação, a rotatividade é baixa, justamente por isso. Então apesar de ter empresas, muitas empresas aqui né, é ... não tem essa, vamos dizer essa concorrência, que é o que a gente sempre deseja né, porque se eu produzo leite e vários querem meu leite, eu vou valorizar meu produto. Agora se ninguém quer, eu tenho que vender pelo preço que tão me oferecendo, né ... Esse que é o grande problema. Então assim: existe outras empresas: Sim! Mas existe concorrência: Não, não existe concorrência.

Entrevistador: Entendi! Lá na propriedade do senhor, o senhor dispões de equipamentos mecânicos para ajudar na lida, no dia-a-dia ?

Entrevistado:(tosse) Eu tenho ordenha né, que é especifica da atividade. E agora comprei um tratorzinho pravê se ajuda um pouco.

Entrevistador: Tem tanquinho de refrigeração?

Entrevistado: Tem! (Responde fazendo sinal de positivo com a cabeça)

Entrevistador: Até que ponto o senhor acha que esses equipamentos, esse maquinário ajuda na produção de leite, ajuda o produtor rural?

Entrevistado:Bom, existem ...existem vários equipamentos ... vários. A gente que é, assim, num tem uma facilidade de, de crédito pra adquirir, pra essas coisa e tal né... a gente vai muito devagarzinho. Mas existem questões que são fundamentais, por exemplo, se você não tivé um tanquim né, pra fazer a granilização, o laticínio não pega seu leite. Então assim, cê pode tirar o leite de qualquer forma, mas cê tem que resfriar ele. Então o primeiro equipamento pra produzir leite é o tanquim. Agora, aí vem o segundo que é a ordenha, porque assim, tirar leite na mão, cê tá limitado a capacidade da pessoa que tira, cê não tá limitada, a... a sua produção, cê ...cê não pode aumentar sua produção porque cênum tem como aumentá o pessoal né. É... então assim, a ordenha é muito importante. Eu fiquei esses três anos e meio produzindo leite sem ter máquina. Mas sempre tive alugada. Sempre tive que pagá por ela e isso aumentou demais meu custo né. Então, esse tratorzinho que nós compramo, a gente vai conseguí fazer um monte de serviço, que eu tinha que tercerizá, então já é uma diminuição do custo, mas já não é um custo de produção do leite, já é custo de produção da propriedade como um todo. Agora, é basicamente pra produzir leite é isso aí né. Agora, o pessoal tavino com outras... coisas... composto de Bayer, tão criando outros equipamentos né ...

Entrevistador: E existe uma exigência por parte do Laticínios Bela Vista em relação essa mecanização da produção?

Entrevistado: (Entrevistado fica pensativo para responder as questões) ... Anão, são... são ... assim, o que a gente tem mesmo de regulação é a normativa. Existe uma normativa ... N 59, um negócio assim... num lembro (entrevistado expressa dúvida em relação ao nome da normativa que eles seguem). Mas ela impõe algumas condições né. Num tem como você ter um nível de bactéria X, se você não tivé o resfriador, se você não tivé ordenha. E ai a

ordena já te leva a um processo de lavagem, de higienização de todos esses processos ai né, e tudo isso vai levando pra que o Laticínio cobra é a tal da qualidade né ... em cima dessa instrução normativa aí. Apesar de cobrar, num valoriza muito.

Entrevistador: Certo. E agora eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a vida no campo a partir da modernização. Houve muitas mudanças?

Entrevistado: Não ... com certeza ! A tecnologia veio ai e atingiu o mundo inteiro né ... Num tem mais, fala que em tal lugar assim assim ... cê pode até ter uma pessoa ignorante, mas cênum pode ter um lugar ... cênum tem um lugar que seja ignorante. Porque a informação chega pa todo mundo e isso aí é fundamental pamudá tudo. Uma coisa é eu chegá aqui e fala um negócio pro pessoal, a outra é o pessoal chega e i na televisão e tá lá o Doutor fulano tal, o professor num sei quem tal falando a mesma coisa que eu tô falando, ai ele dá valor, entendeu? Então assim, quebra-se paradigmas de uma forma mais rápida por comportamento. Agora, o comportamento social ... mudou completamente né, completamente. Aaa ,aa muitos anos atrás num existia televisão né. Eu vivi essa época dos sem televisão. Até uns seis anos de idade num existia televisão na minha vida, eu nem sabia que existia televisão. Ai de repente apareceu. Hoje uma criança de, de 1 ano já maneja um tablet, se entregar um celular ela já brinca com o celular. Então assim, atinge todo mundo e aqui não foi diferente né. Agora o que leva o pessoal a i mais pro lado tecnológico é a necessidade de produção, de ser mais produtivo. Então é aquilo que te falei, se a ordenha manual me limita, eu tenho que sair fora dessa limitação né ... É, se eu tenho uma vaca que tem quatro pé, uma boca e quatro tetos, quer dizer que ela vai andar do mesmo jeito, ela vai cumer do mesmo jeito ... A diferença da genética é o que vai sair do peito. Porque eu tenho uma vaca que vai comer tudo e vai dá dez litro e eu tenho uma vaca que vai ser igualzinha e vai dá trinta. Então eu vou querer a de trinta. Lógico que eu quero a de trinta. Mas pra eu ter a de trinta, eu tenho que ter um monte de coisa né. Então, assim, um cara com uma vaca de trinta, não vive ... ela não vive só de pasto, a gente tem que fazer uma silagem, cê tem que fornecer uma mistura, uma ração. Então tudo isso vai levando ... né ...É o que eu tava falando, é a diferença do tirador de leite com produtor de leite.

Entrevistador: Voltando a falar um pouco da relação do Laticínios aqui na região. Além da garantia de compra, ele fornece outros investimentos para o produtor rural?

Entrevistado: Bom, falando especificamente do Piracanjuba né. É... quando essa associação começou, depois de um certo tempo, nois em uma negociação conseguimos que eles nos dessem 0,2 centavos por litro produzido, né. Com esse dinheiro, a gente equipou a associação, a gente criou um escritório, a gente contratou o nosso primeiro veterinário e tudo, que era um dinheiro que estava vindo do Laticínio. Então, nesse ... nesse ponto aí, eu digo que foi um incentivo certo? Depois, eles foram tirando esse... esse incentivo, até que tiraro totalmente né. Mas, assim a gente sempre procurou formas de sobreviver, mas eu não posso dizer que não seja, um ... um incentivo. A fazenda que eles criaram lá ... aqui próximo ...é, também foi um incentivo, a informação, a formação né. Cêpodê fazer um curso, cêpodê colocar o pessoal seu mais treinado. Minha funcionária lá insemina, fez o curso lá. Eu tinha um funcionário que casqueava meu gado, eu puis ele pra fazer o curso lá. Então isso ai de uma certa forma também é positivo. Eu não posso dizer isso dos outros laticínios, entendeu? eu não sei se eles fornecem isso, eu nunca ouvi, de falar que tem essas

coisas. É... então assim, nesse ponto ... nesse ponto o Laticínio é positivo, mas, é, eu acho que o Laticínio vai ficando grande demais, vai ficando poderoso demais, certo? A gente aqui que entrega pro Piracanjuba hoje, vai virando um número e quanto menor seu número, mas fácil cê tá pra desaparecer, entendeu? É ... tem uma pessoa que é associado nosso aqui que vai deixá o leite. Vai vendêas vaca e vai deixar de tirar leite né ...então assim é uma família que deixa de tê uma fonte de renda porque assim, porque não aguenta ... porque é muito sacrificante o leite, entendeu? A atividade leiteira é muito sacrificante e você, é... vender um produto sem saber por quanto você tá vendendo, entendeu? É ... na época, a primeira reunião nossa da associação com eles, eu falei: ou o negócio é muito bom. Eu, eu por exemplo, eu sou engenheiro e tô construindo uns apartamentos ... é mais ou menos assim, eu construo o apartamento, hora que o apartamento tá pronto, eu vejo e vendo o apartamento. Aí eu vou chegápro cara que trabalhou no apartamento e fala ó: o mercado tá ruim, as coisa tá difícil né, precisava vender os apartamentos e vendi por tanto. Então eu só posso te pagar tanto. Eu chego no cara do material de construção, eu só posso te pagar tanto. Então assim é muito bom pro Laticínio porque eu não vou ter prejuízo nunca, nunca. E é mais ou menos isso que, que acontece. De repente o cara vai fazer uma reunião aqui com a gente amanhã e vai falar que o preço do leite vai subir 0,5 centavos, porque vai subir 0,5 centavos?? Aí o mês que vem, ele fala que vai cair 10, porque que vai cair 10?? O negócio não é ... agora o ideal, uma coisa que o pessoal tá lutando, tá tendo reuniões e tudo, não sei se cê tá sabendo disso ... aquele movimento lá da Faeg, tudo. O que o pessoal tá lutando é pra previsibilidade do preço do leite, ou seja, começar sabendo o tanto que cê vende, por quanto cê vai vende. Agora, a gente chega lá atrás, naquilo que eu te falei lá atrás ... como não tem concorrência e a migração é pequena, se o laticínio me falá que vai pagá antes, a única coisa que muda é que eu vou saber de quanto que eu vou tomar ferro lá no fim do mês, qual vai ser meu prejuízo. Ou o que que eu vou ter que deixá de fazer pra adequar a minha ... a minha, a minha planilha, certo? Eu queria saber se o laticínio, por exemplo adequa a planilha dele. Se ele chega pro pessoal lá, é ó de hoje em diante, durante 50 dia, ninguém vai comer carne mais no refeitório aqui, por agora nois num vamopagar mais carne, sabe... E as vezes você tem que fazer isso com as vacas, com ração. Então no final das contas quem tem que se adequar a todo o processo do mercado é o produtor. O Laticínio, o atacadista, o varejista, eles se adequam de outra forma, nunca perdendo, certo? Eu num imagino que um cara vai lá da padaria vai comprar um litro de leite pro supermercado por três reais e vai vender ele por dois, num vai. Se fôpra ser assim, ele nem compra o leite né... Então assim, o pessoal tá nessa luta agora pra criar um dexador do preço do leite né... é ... eu fiquei sabendo e seria interessante você procurar uma pessoa da CPLP porque pra você ter base porque eu não tenho. A CPLP assinou um contrato de fornecimento com a Marajoara por um ano ...vai existir uma empresa de consultoria que vai é ... é ... tem uma lista de produtos, mais ou menos aquilo alí oh (o entrevistado então me mostra um quadro branco na parede com algumas informações que o mesmo descreve) 77% de mussarela, 20 de UHT, 23 de pó, 14 de leite condensado e 6 de creme de leite, esses 100% ai seria o dexador do preço do leite. Então assim, subiu a mussarela, mas caiu a UHT, não sei , não sei o que, nós chegamos num percentual X que influencia em cima do preço do leite, certo? Então esse é o contrato que eles estão fazendo, é um contrato experimental, mas ao mesmo tempo o pessoal da Faegtá tentando fazer isso, né. E... e eu não sei, eu não sou tão bem informado assim, me parece que quem tá fugindo do pau nesse negócio é o Piracanjuba, certo? Então, assim, é ... é... Por que que eu entrego leite pro

Piracanjuba né? Eu não sei porque eu entrego leite pro Piracanjuba, sincera e honestamente (risos) porque eu acho o Piracanjuba de um, um capitalismo meio canibal, entendeu? É... me parece que eles tem na cabeça que o pequeno num ... não interessa ... morreu. O pequeno morrênum faz mal, sabe porque? Porque o pequeno quando ele morre ele vende as vaca dele ... então assim, a quantidade de leite produzida não cai. Só que assim, ao invés de eu tá produzindo, cê vai comprar minhas vacas. Ao invés dele buscar 600 litro lá e 400 aqui, ele vai só ai e pega os 1000 litro e ai melhorô, certo? É X quilômetro a menos de custo pra ele. Então, assim esse ... essa política do ... porque com 1200 litro hoje, na visão deles eu sou pequeno, num sou nem médio produtor, sou um pequeno produtor. Agora o que nos vamos dizer dos de 200 litro, de 300 litro, quem são esses ?Mimimimini produtor né. Então existe, esse, esse problema aí. Dessa relação aí que cê tá querendo saber, a relação entre o Laticínios e o ... bom, por um lado eles incentivam né, porque deram apoio de supervisão, de coisa técnica né e tudo do programa lá deles, é , deram essas condições. Mas por outro, na hora de preço, na hora de negociação e na hora de condições né. (o entrevistado nesse momento pediu pra que a câmera foi desligada para que ele contasse algumas situações, que preferiu não falar com a câmera ligada)

Entrevistador: Certo. Obrigada pela paciência até aqui. Com última pergunta, nós ficamos sabendo de alguns rumores de uma possível saída do Laticínios Bela Vista aqui do estado de Goiás. Como o senhor avalia se houvesse essa saída do laticínio para outro estado?

Entrevistado: ah, bom, eu acharia maravilhoso, pra mim como produtor, maravilhoso. Porque? Por aquilo que te falei, ele cresceu demais, criou um raio e influência muito grande. Agora eu te pergunto, qual o general que numa guerra deixa pra trás as armas pro inimigo usar ?ninguém. Nenhum general fez isso porque se ele teve feito isso, ele morreu antes do nome dele entrar pra história. Por que se o Laticínio sair daqui o que vai virar isso aqui ?vai virar uma fábrica de detergente? Num vai, sabe. Assim com a Italcac que assumiu uma fábrica ali, a Tirol assumiu uma fábrica acolá ...Vem aqui e assumi uma fábrica aqui, eles não vão deixar isso nunca. O que eu escutei é que eles estão querendo montar um CD, um centro de distribuição, mega lá em Brasília. Porque assim, é ... é ... existe, é até um programa do governo pra incentivo dos laticínios, de financiamento de estoque. O estoque ele tem um custo pra existir, ele gera um custo ... e ...e ... o que me parece Brasília deu, o distrito federal deu incentivos pra que esse estoque custasse menos, né. Então assim, ela faria distribuição a partir de Brasília, isso que eu ouvi. Como cê falou, rumores de ela vai fazer isso. Eu também digo, rumores de que o, o negócio que vai acontecer é esse.

Entrevistadora: O senhor mora na sua propriedade rural ?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Senhor vem e volta todos os dias?

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: O senhor mora onde ?

Entrevistado: Em Goiânia. Agora que eu consegui fazer minha casa, não do leite. Do leite o máximo que eu consegui foi deixar o que eu já fiz não acabar. Mas falar que eu vou fazer

outras coisa tirando leite, num tem como né, do leite num tem como. Mas agora tô fazendo minha casa.

Entrevistador: Que bom ! Muito obrigada pela entrevista do senhor, eu vou fazer a transcrição e trazer para o senhor, se o senhor tiver interesse em ler. Nós estamos acabando a entrevista agora às 14:41. Muito obrigada!

Entrevistado: Por Nada.

Transcrição da entrevista com o senhor Edmilson de Oliveira Borges, no dia 08 de outubro de 2019 em sua residência na Fazenda Renascer Areia, município de Piracanjuba.

Entrevistador: Eu sou a Amanda Barbosa de Souza, sou aluna do mestrado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás. E a minha pesquisa é sobre o Laticínios Bela Vista. Nessa pesquisa eu tento entender qual que é a influência, os impactos que o Laticínios tem na produção leiteira tanto aqui de Piracanjuba, como de Bela Vista e região em torno, onde ele compra a produção. Hoje eu estou aqui com o senhor Edmilson de Oliveira Borges, que tem 51 anos e reside na Fazenda Renascer Areia no município de Piracanjuba, ele é produtor do Laticínios Bela Vista. E agora são 18:03 da tarde do dia 08 de outubro de 2019. Muito obrigada por aceitar o convite e conceder essa entrevista para nós. Saiba que o senhor vai contribuir muito para meu trabalho de pesquisa.

Entrevistado: Por nada!

Entrevistador: Eu queria que o senhor iniciasse sua fala falando da sua experiência como pecuarista. Há quanto anos o senhor é pecuarista, mexe com a produção de leite?

Entrevistado: Aproximadamente, capaz uns 20, 25, 30 anos. Nasci, criado trabalhando com leite.

Entrevistador: Então desde que o senhor era adolescente?

Entrevistado: Desdo, capaz dos 12 anos já, eu era tirador de leite. E vivo nessa... nesse ambiente de leite porque ... hoje na realidade, eu formei meus meninos tudo a custa de leite, com a melhoria que tem hoje, a qualidade melhorando cada vez mais né ...Então acredito que, na moda do oto, uma atuação boa.

Entrevistador: Certo! E essa escolha de mexer com leite veio dos seus pais, ou seus pais não mexiam com leite ?

Entrevistador: Tudo com leite. Aprendi com eles, começamo no leite e tô hoje até no leite.

Entrevistador: Certo. Qual que é a produção diária do senhor hoje? Ela é a mesma que há 20 anos atrás quando o senhor começou?

Entrevistado: Não. Ela foi graduando, melhorando com os equipamento e tudo. Hoje tá na produção deve que em torno de 1200, 1300 litro de leite. Quando eu comecei , comecei com 200 ... 150, 200 litro de leite, mas cada vez, foi só, só melhorano mais.

Entrevistador: Certo. E o senhor sempre entregou para o Laticínios Bela Vista ou já entregou para outra empresa?

Entrevistado: Não ... nós já ... eu entreguei pra várias ... mais três empresa. Já entreguei pra Coapil, pa Itambé, paNestlê, Marajoara e Piracanjuba. Piracanjuba eu já entreguei nesse período entre uns e otros ... eu já tinha entregado com eles e voltei com eles de novo. Hoje eu tô atuando com o Piracanjuba.

Entrevistador: Certo! E por que o senhor saiu e voltou para o Piracanjuba?

Entrevistado: Ah, na época era busca de melhoria de preço. A gente sempre procura diferença de preço. E se tiver um procura melhor ... uma oferta melhor de leite, se tem um preço mais adequado, a gente muda.

Entrevistador: Certo! Existem outras empresas que concorrem com o Laticínios Bela Vista na região na compra da produção?

Entrevistado: Tem. Tem a Marajoara que entrô. Agora entrô uma nova que é a Italac. É a única, que tá ... assim ... que concorre na região. Porque a Nestlê na realidade abandonô, por enquanto tá parada, num tá focando mais nossa região. Assim que eu tenho por entendê.

Entrevistador: Eu observei quando eu cheguei aqui que o senhor tem diversos equipamentos que ajudam no dia-a-dia da produção de leite. Eu vi que o senhor tem ordenha mecânica, eu vi que o senhor tem o tanquinho de refrigeração, vi que o senhor tem tratores. Eu queria saber do senhor, até que ponto o senhor entende que ter esses investimentos na fazenda é importante para o produtor de leite?

Entrevistado: Uma que facilita muito a mão de obra né. A mão de obra tá custoso. Hoje uma ordenha termo de ordenha cê tem qualidade. Tanquim preço de leite que melhora bastante né. E esse ... geralmente assim, a gente tem equipamento mingua muito a mão de obra a prestação de serviço e a gente sempre tem um lucrinho a mais porque a gente ganha, por que faz com o próprio maquinário da gente né, tem menos custo.

Entrevistador: Certo! Quando o senhor começou o senhor tinha a aquisição desses equipamentos aqui na propriedade do senhor?

Entrevistado: É, quando eu comecei, sempre assim, tinha que pagá um pouco, tinha do meu pai, pegava os do meu pai tamém. Mas as vez sempre tinha que pagá um poco ... serviço, maquinário tinha que pagá. Mas a gente sempre vai comprando uns, melhorando por questão disso, que ai a gente faz na hora que qué, na hora que tivédisponívi. E tudo tende melhorá né... tudo ajuda a melhorá.

Entrevistador: Certo! E existe uma exigência do Laticínios Bela Vista em relação a essa mecanização do campo. Eles exigem uma produção mecanizada?

Entrevistado: Oia, exigir, eles sempre pede... que fosse assim, por termo de qualidade. É, hoje no momento, fala a verdade, quem tira leite vamos supor de mão, eles já tão achando ... discriminando mais a pessoa, paga mais barato, acha que tem tudo a ver com higiene.

Entrevistado: Certo. Voltando a falar da relação do Laticínios Bela Vista com a produção de leite da região. Além da garantia de compra da produção, ele investe na produção de leite do senhor?

Entrevistado: Olha, invisti, a única força deles de invisti é assim, eles pode até te oferecer um dinheiro, mas com juro, barato. É a única coisa que ele fornece pro produtor até hoje o que eu sei que eles oferece, porque eu já peguei é esse. Um dinheiro com juro baratinho, parcelado, é a única coisa que eles oferece nomomento, que ofereceu até hoje. Ah, e temouta coisa tamém que eles fornece agora que eu fiquei sabendo, tanquim! Eles emprestatanquimtamém pa quem tira, entrega leite pra eles ... eles tamém fornece tanquim. Se tivédisponivi a entregar leite pra eles, eles fornece um tanquim.

Entrevistador: E eles capacitam os fornecedores ou dão assistência a vocês com profissionais?

Entrevistado: Eles tem um sistema deles da Pro Campo, que se a pessoa quisé, o produtor quisé ia lá e se inscrever, tem lá curso. Eu sei que tem curso. Inclusive um dos meus funcionários que teve aqui já fez curso latamém na Pro Campo. Eles tamém disponibiliza desse encargo aitamém.

Entrevistador: Certo. E assistência com veterinário, zootecnista, agrônomo, eles disponibilizam?

Entrevistado: Eu vi ... eles já me ligaro aqui, diz que tão disponibilizando isso aí. Mas tem um custo. Tem custo. É, no começo, ela começa parece com eles pagando 60% e o produtor 40%, perante acho uns, não sei, uns seis mês a um ano, parece, vai reduzindo, depois você paga total a despesa dele todo. Então tem uns encargos ai pra pessoa pagá.

Entrevistador: Certo! Obrigada pela paciência até aqui com as questões. Por último a gente ficou sabendo no decorrer da nossa pesquisa de alguns rumores falando de uma possível saída do Laticínios Bela Vista para outro estado. Eu queria que o senhor falasse pra gente como que o senhor avalia uma saída para outro lugar?

Entrevistado: Oia, eu acredito que se eles saísse seria um ponto negativo porque nois é uma bacia leiteira e temos condições de abrir mais empresas, mais concorrência, mais melhoria de preço e tudo. É ...eu acredito que seria ruim, péssimo, mas vê quando ele saiu de Piracanjuba, da cidade de Piracanjuba já arruinou bastante pra cidade e a experiência tá ai ... ai mudou pra Bela Vista continuou mesmo nome, mas modificou muito a cidade. Então eu acredito que seria péssimo essa mudança dele.

Entrevistador: Certo! Muito obrigada pela entrevista do senhor. O senhor contribuiu muito para meu trabalho. Eu vou transcrever tudo a gente falou aqui nessa conversa. Vou trazer para o senhor, caso o senhor tenha interesse em ler. A entrevista está acabando as 18:16. Muito obrigada.

Entrevistador: De nada!

Transcrição da entrevista com o senhor João Machado de Oliveira, de 69 nove anos de idade, no dia 08 de outubro de 2019, em sua residência na Fazenda Duas Pontes, município de Piracanjuba-GO

Entrevistador: Boa Noite! Meu nome é Amanda Barbosa de Souza. Eu sou aluna do mestrado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás. E eu faço uma pesquisa sobre a influência do Laticínios Bela Vista na produção de leite da região de Bela Vista, Piracanjuba, as regiões em torno onde ele compra a produção de leite. Eu estou aqui nesse momento às 18:35 da noite, do dia 08 de Outubro de 2019 com o senhor João Machado de Oliveira, que tem 69 anos e reside na Fazenda Duas Pontes, no município de Piracanjuba. O senhor João é fornecedor da marca Piracanjuba. Boa noite, senhor João !

Entrevistado: Boa Noite!

Entrevistador: Gostaria de falar que o senhor vai contribuir muito para minha pesquisa. Muito obrigada por ter aceitado dar essa entrevista pra gente. Primeiramente eu gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre a sua experiência com a pecuária leiteira. Quanto tempo que o senhor produz leite?

Entrevistado: Olha, fala procê a verdade assim, eu fui até funcionário do Piracanjuba. Quem trabalhou com o Piracanjuba em ... na cidade de Piracanjuba ... ah, que abriu o laticínio deles, eu tava dentro do laticínios deles quando eles abriu o laticínio Bela Vista em Piracanjuba que é esse de lá. Então, eu vivi, convivi com eles cinco ano. Trabaiei com eles cinco ano, com o pai dos menino. E... então eu tenho conhecimento com o César, com o Marcos, conheço eles todos, em desde de menino. E quando eu parei de trabaiaí com eles, assim, que eu fui pra Cromínia, abri um laticínio pra eles lá em Cromínia, trabaiei lá em Cromínia, depois que eu saí de lá é que eu vim trabaiaí aqui ondê que eu moro. E em 89 que eu comecei a tirar leite aqui. E ai eu comecei tirar leite aqui. Num tinha nada, só tinha um alqueiro de chão, comecei tirar uns 200 litro de leite, cento e pouco litro de leite aqui. Depois cheguei até 200 e poco. E assim eu vim tirando leite né... Envem ... que assim, eu tirei leite, nessa época aí eu num pro Piracanjuba não. Eu tirei, inclusive, eles abriu um laticínio aqui perto aqui. Eu tirava leite era pra cooperativa, depois eu tirei pra Itambé, depois eu tirei pra Nestlé e depois agora por último que eu to tirando leite pro Piracanjuba.

E antes de, deu vim, eu tava no Piracanjuba, saí e fui pro Marajoara, depois a gente voltou pro Piracanjuba. E hoje eu tô no Piracanjuba né.

Entrevistador: Então tem 30 anos mais ou menos que o senhor tira leite, mexe com a produção de leite?

Entrevistado: Tem.

Entrevistador: Certo. A produção diária do leite do senhor hoje é igual a de quando o senhor começou a 30 anos atrás?

Entrevistado: Não (risos) Quando eu comecei ... eu comecei até tirano aí uns 50 litro de leite quando eu iniciei. Tirei muito, vários tempo desse jeito ... assim 50 litro, cheguei a 200. Mas que eu tiro essa média de 1000 litro é duns oito ano pra cá né.

Entrevistador: Então hoje em dia o senhor tira 1000 litros por dia?

Entrevistado: É, é uma média de 1000 ... 1500 patrás né. É, chega nessa faixa de 1500, mas é uma faixa de 1100, 1200 a média que eu tirei tudo.

Entrevistador: Certo. E o senhor sempre forneceu para o Laticínios Bela Vista o leite do senhor?

Entrevistado: Não. Eu sempre forneci, assim, eu já entreguei pra muitas empresas. Eu já entreguei pra Nestlé. Eu já entreguei pra Itambé, eu já entreguei pra Marajoara. Marajoara eu entreguei duas vezese depois agora por último eu sai. Eu tava no Piracanjuba, sai fui pro Marajoara e depois eu voltei pro Piracanjuba por causa de preço. É ... eu voltei pro Piracanjuba.

Entrevistador: Certo. Existem outras empresas aqui na região que concorrem com o Laticínios Bela Vista na compra do leite?

Entrevistado: Existe sim. Existe a Italac, existe a Marajoara e tamém tem Complem, tem vários empresa que tamém ... Nestlêque concorre com eles aitamém no preço.

Entrevistador: Certo. Eu observei que aqui na propriedade do senhor existem diversos equipamentos mecânicos como ordenha, o tanquinho de refrigeração, vi que tem trator que ajuda a colocar silo. Eu queria que o senhor me falasse até que ponto esses investimentos nessas máquinas ajuda o produtor de leite?

Entrevistado: Não, hoje ... hoje, te falar a verdade, seguinte, se for pra tirar leite, ocê tem que tê os equipamentos. Se não tiver hoje num funciona mais do jeito que a gente tocava né. Hoje cê tem que ter ordenha, cê tem que ter tanqim. Hoje a tecnologia é o seguinte, cê tem que acompanhá senão cênum vai né. Então, é ... eu acho que isso aí faz muita farta na parte de tirar o leite né.

Entrevistador: E tem quanto tempo mais ou menos que o senhor colocou ordenha e tanquinho?

Entrevistado: Oia, ordenha eu coloquei em ... 90 ... em 92. Eu num tinha, tirava leite era na mão. Dessa época pra cá eu nunca fiquei mais sem ordenha. Num tem como cê tirar leite hoje mais manual né.

Entrevistador: Certo. E existe uma exigência por parte do Laticínios de ter essa mecanização da produção? Essas máquinas na propriedade onde eles compram o leite?

Entrevistado: Exige assim, porque cê tem que ter o resfriador que senão cênum vai ter qualidade no seu leite também né. E outa, cê tem que ter ordenha, cê tem que ter ... tem que entregar hoje mais é qualidade né. Então eles exige mais da gente essa parte de qualidade né.

Entrevistador: Por exemplo, se o senhor não tivesse o tanquinho de leite, eles pegariam o leite do senhor aqui?

Entrevistado: Não pegaria ... não pegaria !e nem outro laticínio tamém. Não só eles. Por causa da qualidade. Que hoje eles só pega o leite resfriado. Se o leite tiver quente no tanquim, eles num leva. Hoje eles tem até que tirar uma foto do ... lá no tanquim pra ver a temperatura que tá pro leiteiro levar. Se não tiver, eles não leva.

Entrevistador: Certo. Eu queria agora que o senhor me falasse em relação a vida do campo. O que mudou lá de 30 anos atrás para hoje?

Entrevistado: Oia, mudou tanto que eu vou te explicar porque. Quando a gente mudou pra qui, mudei pra qui em 80. Aqui num tinha energia, num tinha nada. Então, aqui ... minhas geladeira era a gás. Eu num tinha ... a gente num tinha conforto nenhum aqui. Aí quando nois foi por a energia aqui, noispuxemo cinco quilometro de rede pa vim energia até aqui em casa. Então, ai começa a mudar a vida. Hoje a vida na roça é bão, mas assim cê tem que ter energia, tem que ter internet, tem que ter ... tem que ter várias coisas que hoje já num dá mais pa andar sem isso mais. Então nessa época que eu to falando procênum tinha nada, só tinha rádio, num tinha ...cê num tinha nem telefone cê num tinha né. Agora hoje não, hoje já mudou a vida, mudou muito porque ... tudo hoje mudou, se numa cumpanhá num tem como cê tocar né hoje. Porque ai, depois nois conseguimos arrumar energia arrumar tudo melhorô demais né. Porque a vida na roça é boa, mas sem energia ... não dá.

Entrevistador: Entendi. Senhor João muito obrigada pela paciência em responder as questões até aqui. Como última pergunta, gostaria que você me contasse como avalia uma possível saída do Laticínios Bela Vista aqui perto de sua propriedade ?

Entrevistado: Oia, num credito que eles saia daqui não ... já tão istabilizado. Foi aqui que a fábrica cresceu. Mas caso isso aconteça, qui não acredito, não ia ser bão nem pra nois, nem pro pessoal de Bela Vista. Eles é qui emprega lá. Num sei se você tem costume de ir muito lá, mas o dia de pagamento deles nem sobra dinheiro nos caixa do banco. De tanto funcionário ir lá sacar. Então não é bão não. Nois perderia também. É ... se eles desvaloriza nois tano perto, imagino longe ? quero nem pensá.

Entrevistador: Muito obrigada pela entrevista do senhor, eu vou fazer a transcrição e trazer para o senhor, se o senhor tiver interesse em ler. Nós estamos acabando a entrevista agora ás 19:20. Muito obrigada!

Entrevistado: Eu que agradeço. Foi muito bão conversar com você.